CINEARTE
ANNO IX N. 400
RIO DE JANEIRO, 1 DE OUTUBRO DE 1934
Preço para todo o Brasil 2$000
Claire Dodd

# Arte de Bordar

RISCOS PARA BORDAR
E ARTES APPLICADAS

APPARECE NOS DIAS 15 DE
CADA MEZ

**ARTE DE BORDAR** é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.

**ARTE DE BORDAR** contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.

QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO

**ARTE DE BORDAR.**

PREÇO 2$

ASSIGNATURAS — 6 mezes 60$000
SOB REGISTRO — 12 mezes 30$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

RIO DE JANEIRO

---

*com esta revista leve um presentinho para casa*

AGUA DE COLONIA NOVELLY

CREAÇÃO DE

Roger Chorammy

PARIS ~ S. PAULO

# PERGUNTE-ME OUTRA

WALDIR GONÇALVES (Rio) — Sobre os numeros de "Cinearte" que deseja, escreva directamente á gerencia — Travessa do Ouvidor, 34. E obrigado, pela acquisição de um novo leitor...

MAY — Não conhece, não... E tambem não sabe tanta cousa assim da Cinédia, porque pergunta por pessoas que não fazem parte della. A estrella citada deixou o Cinema ha uns tres annos. "Cinearte" já explicou isso. Agora está fazendo films para attender o decreto, mas breve fará um film de grande metragem, com muitas novidades e uma estrella nova...
Gosto do nome "May" e aguardo a photographia promettida...

MIZZI (Sorocaba) — Gene: — Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. Mae, George, e Carole — Paramonunt-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal. Ann — First National-Studios, Burbank, Cal.

AR... MARINHO (Maceió) — Essa casa não existe mais. Ainda não se sabe. Em confecção, os pequenos films: "Canção das aguas", as "Cinédia-Actualidades", que agora apparecerão talvez, semanalmente e muitos outros. Walter Byron: Columbia-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal. John Darrow: Universal City, Cal. David Manners: Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal.

KISS WHITE (Maceió) — A dedicatoria deve ser á "Cinearte".. "Kiss White", mesmo.
Ivan Lebedeff: experimente: Warner Bros-Studios, Burbank, Cal. Tom Brown: Universal City, Cal. Anita Louise: RKO-Radio-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal. Myrna Loy: M. G. M.-Studios, Culver City, Cal. Douglas Fairbanks Jr.: London-Films, Londres, Inglaterra.
Sim, só aos cuidados desta redacção.
Até logo "Kiss".

RAMANITA (Nictheroy) — Sim, foi engano a troca da letra, talvez porque eu gosto muito do pseudonymo da outra... que aliás é você mesmo... Sua collaboração foi julgada fraca e como não costumamos responder nesse sentido, só enviando do collaborador a importancia, depois de publicado o artigo, não abrimos excepção com a amiguinha. Não considere derrota. O juiz é severo e exige assumpto muito interessante. Difficil seria explicar aqui o estylo exigido. Um artigo sobre Garbo, por exemplo... Mas nada do que já está explorado, como o mysterio, seus amores, etc. Um artigo com personalidade, algo de notavel, comprehende? E muitas vezes não é preciso ser notavel escriptor para escrevel-o... Tente escrever sobre os films de Lubitsh, falando sobre a maneira admiravel como elle faz cinema, por exemplo! Um artigo sobre a formosura de Joan Crawford, cada film mais linda e mais artista... E não queria mal ao Operador, que gostou tanto do nome **"ROmanita"**, sem saber que ia aborrecer a **"RAmanita"**...

THIN MAN (Rio) — Maurice Chevalier foi contractado pela 20th-Century para "The Red Cat." Herbert Marshalll será o galã de Margaret Sullavan em "The Good Fairy", da Universal. Clark Gable secundará Gloria Swanson em "Riff Raff", da Metro-Goldwyn.

LAPIS (Pelotas) — Brevemente. Foi retirada da circulação pelo productor. Os jornaes passarão breve. Já sabia dessas exhibições, mas obrigado.

LYRIO PARTIDO (Cruzeiro) — Obrigado pelas reportagens... Aproveitei-as, lastimando essas "novidades". Obrigado. Sim foi a nossa maior victoria. O Pery já está aqui, de volta de Pelotas.

LILA (Rio) — No seu primeiro film para a Fox, Berta Singermann cantará a canção brasileira **Tutú Marambá.**

RONALD (Rio) — King Vidor dirigirá Anna Sten em "Broken Soil", da United, a ser filmado depois **"We Live Agaiu".**

BILLIE (Rio) — O titulo do novo film de Charlie Chaplin é "Street Waif", todo silencioso, apenas com effeitos de sons, como "Luzes da cidade". Paulette Goddard é a heroina. Espera-se que seja estreado em Janeiro proximo.

NORMAND (Rio) — Sim, a Ufa vae filmar a opera "Turandot", de Puccini, em francez.

JACQUES (Nictheroy) — Warren William e Claudette Colbert vão trabalhar juntos em mais dois films: "Imitation of Life", da Universal — e — "The Sacred Flame", da Warners, outra historia de W. Somerset Maughan como se vê. Julio Cezar continúa apaixonado por Cleopatra...

MARTHA (Rio) — Willi Forst, o director de "Symphonia inacabada" já é conhecido como galã de films allemães. Appareceu em "Tres filhos de ninguem" e não faz muito tempo na "Canção de Heidelberg". Breve apparecerá em "Dois corações ao compasso de valsa". Elizabeth Bergner tambem é nossa velha conhecida e "Catharina, a Grande", não foi a primeira vez em que a vimos dirigida pelo seu marido Paul Czinner. Por exemplo, em "Amores da Duqueza", exhibido ha seis annos. Sobre o o numero de Ramon, dirija-se a gerencia.

GARBO ADMIRER (S. Paulo) — Greta Garbo, no cinema europeu foi dirigida por Mauritz Stiller e Pabst. Em Hollywood, o primeiro foi Monta Bell.

MIRIAM (Rio) — Não sei se ainda existem exemplares do numero especial sobre Ramon Novarro. Dirija-se a gerencia.

OPERADOR

**Sessue Hayakawa e Teruko Mita (em trajes japonezes) com o director Robert Florey e senhora no Studio Mzumasa em Kyoto.**

# Naná

*(Conclusão do numero passado)*

— Ella não irá comtigo! Estou falando por bocca propria. Estás em minha casa, Jorge; minha e de Naná. Agora podes retirar-te e deixarnos em paz.

— Não acredito — exclamou Jorge, desembainhando a espada — esta lamina te partirá o coração de embusteiro que tens. Vou matar-te

No "boudoir", Naná, convertida em uma figura marmorea, branca de aspecto tragico, escutava a conversa exaltada. De uma gaveta de sua "toilette", tirou um punhal fino e afiado e levou a mão até o peito. E logo abrindo a porta que communicava os aposentos, penetrou naquelle onde se encontravam os dois homens:

— Esperae! Esperae os dois! — gritou com nervosidade — Já fiz muito (sua voz se entrecortava). Sois irmãos, sois homens ,a França necessita de todos os seus homens agora, muito mais do que vós necessitais a mim... seguia dizendo com visivel cançasso e um grande esforço. Eu tenho estado sempre equivocada. Nasci assim... Agora podeis ir. Ide e deixai-me só.

Faltava-lhe a respiração, emquanto seu corpo se balançava lentamente, ao pronunciar essas palavras — Ha muito que vos quizera dizer... E faltou-lhe a voz por completo.

Jorge a tomou nos braços, quando Naná, desfallecida, cahia ao sólo. Perto do peito, notava-se a ferida do punhal. Na sua blusa, uma mancha de sangue, ia crescendo...

— Naná! Meu encanto! — dizia Jorge, sustendo a creatura amada nos braços — Oh! Andrés! — gritava desesperado — Por que fizeste isto?

O Coronel limitou-se a sacudir a cabeça. Não tinha voz, não encontrava palavras para responder. Girando nas suas botas, elle sahiu do aposento, deixando os dois sós.

O ruido de um canhão de artilharia, rodando, penetrava, vindo da rua. Ouvia-se tambem o choque das ferraduras dos cavallos contra o sólo, e, de quando em quando, a voz de um official, emittindo uma ordem. A multidão caminhava ao compasso da 'Marselheza". Suas vozes adquiriam volume maior, ao approximar-se daquella casa, diminuindo logo gradualmente á medida que della iam se afastando.

O pequeno relogio de Naná, sobre a mesa, deu duas horas. Com suavidade, como que temendo despertala, Jorge levantou-se para deposital-a no leito. Amorosamente cobriu o corpo da saudosa creatura com um panno branco. E ficou junto ao leito, contemplando, extasiado, pela ultima vez, a exquisita belleza de Naná. Como estava linda na morte!

Levantou-se, embainhou a espada e sahiu silenciosamente da casa. As ruas vibravam de alvoroço e ruido, com as noticias da guerra.

A França o esperava! A França e o seu Regimento!

DUAS FORMIDAVEIS SUPER-PRODUCCÇÕES
DA
Paramount
SEGUE O ESPECTACULO
(MURDER AT THE VANITIES)
com
CARL BRISSON
JACK OAKIE
KITTY CARLISLE
VICTOR Mac LAGLEN
AS
FASCINANTES "BEAUTIES"
de Earl Carroll e a
Orchestra "colored"
de Duke ELLINGTON
DADA EM PENHOR
(LITTLE MISS MARKER)
COM
Shirley Temple
ADOLPHE MENJOU
CHARLES BICKFORD
DOROTHY DELL
Um film - emoção da Paramount
Paramount Pictures

# CINEARTE

A SÉRIE de medidas governamentaes de que vem sendo alvo o cinema, faz suppor que elle foi integrado, official e definitivamente, no systema educacional do paiz, tendo sido reconhecido o seu alto valor pedagogico e cultural.

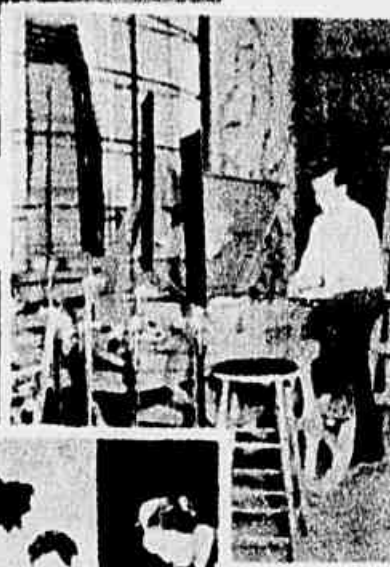
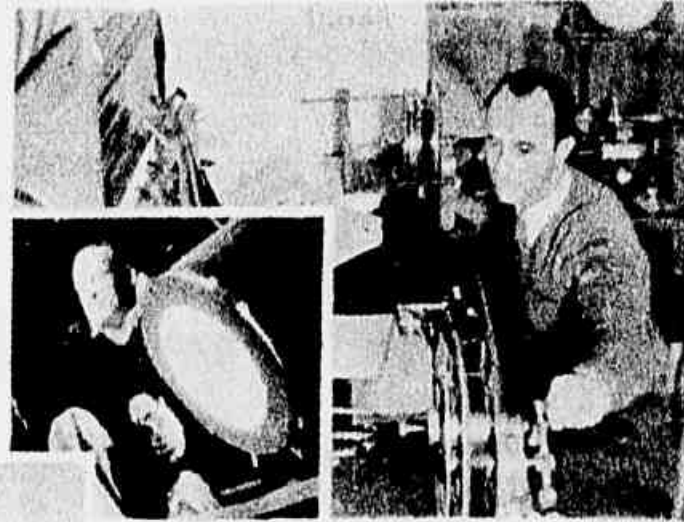
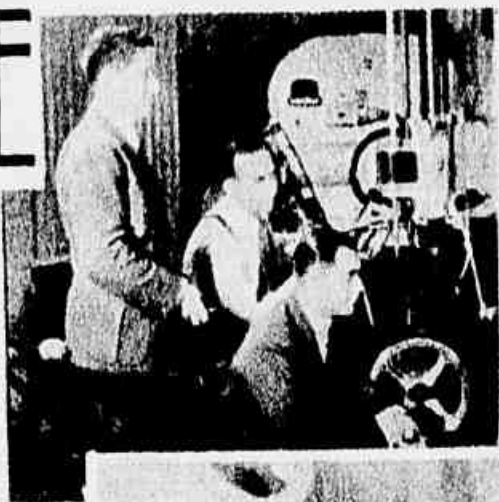
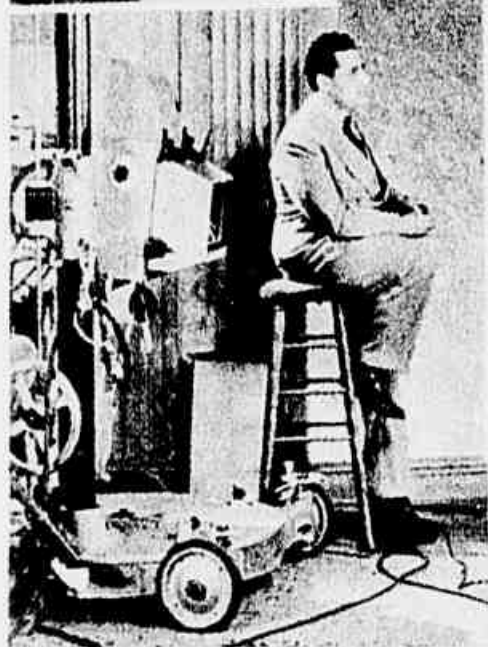
Quando em differentes outros paizes já se haviam estabelecido directrizes seguras para o aproveitamento das largas possibilidades que o cinema offerece, para a educação e diversão das massas, nós ainda titubeavamos nos primeiros passos, em iniciativas desamparadas de todo auxilio official e apenas animados pelo apoio isolado de CINEARTE por intermedio de suas secções especializadas.

Vemos attingido, agora, em parte, o objectivo de nossos esforços, com a creação do Departamento de Propaganda e Diffusão Cultural, cujo decreto publicámos em um de nossos ultimos numeros.

Pelas attribuições desse novo organismo governamental, elle servirá para "estudar a utilização do cinematographo, da radio-telephonia e demais processos technicos, e de outros meios que sirvam como instrumento de diffusão; — estimular a producção, favorecer a circulação, intensificar e nacionalizar a exhibição, em todos os meios sociaes, de films educativos; — estimular e classificar estes films educativos, nos termos do decreto 21.240, de 4 de Abril de 1932; — orientar a cultura physica". Não queremos ainda fazer os commentarios que esse decreto impõe mas, unicamente, notar o reconhecimento official do cinema educativo, que contrabalançará, no pensar de muitas pessôas, a perniciosa influencia do outro cinema — o de diversão. Cinema contra cinema. Essas pessôas se esforçam por demonstrar que os films são prejudiciaes. Cabe reproduzir, pois, as palavras de uma publicista americana, de que "esses moralistas esquecem que os films não criam pontos de vista de viver; elles reflectem-n'os".

Arvore do bem e do mal, seja, o certo é que o cinema, no mundo inteiro, a par do seu extraordinario poder de diversão, vem se impondo como um factor insubstituivel de educação. Ainda recentemente nos Estados Unidos, paiz que marcha á vanguarda do movimento cinematographico educativo, mais de 17.000 professores de escolas secundarias se uniram sob o "Conselho Nacional de Professores Inglezes", para usarem o film falado como meio de educação ingleza, preferindo as pelliculas de base historica, taes como "Cavalcade" e "Little Women".

Falando a esse respeito, declarou Carl E. Milliken, secretario da organização de Will Hays, a Associação de Productores e Distribuidores da America: —

"Primeiro, tem havido um desejo definido da parte dos professores em correlacionar a educação com a vida, mais intimamente do que até agora, e o film é, certamente, a resposta logica para isso.

Segundo, é notorio que as creanças de hoje são capazes de tomar dos films o equivalente de literatura encontrado nos livros.

Terceiro, o trabalho experimental que foi realizado no periodo de dois annos e meio, no ensino com films, levou os educadores a pensar como utilizar melhor o cinema, e porque na maioria dos casos elles não possam obter o necessario equipamento, appellarão para os theatros para sua instrucção.

Quarto, e possivelmente o mais importante de todos, é o facto de que o Cinema offerece o mais uniformemente interessante material educacional para estudantes de todos os typos e mentalidades. As creanças preferem-no, e os professores não têm que estimular o interesse das mesmas, porque este já está desperto. Tudo o que o professor tem a fazer é utilizar essa força motriz de interesse.

Finalmente, os professores se tornaram conscientes de sua responsabilidade em ajudar a distribuir o emprego das horas de folga da creança".

E foi exactamente esse problema que suggeriu a Edwin C. Broome, superintendente da secção de Philadelphia da Associação de Educação Nacional, as seguintes considerações, expendidos em uma das sessões geraes daquella sociedade: —

"De uma estimativa de 5.475 horas em que a creança se acha desperta durante o anno, 1.000 no maximo são transcorridas na escola. Os professores estão sob um "handicap" de quatro e um e meio contra um, em um esforço para desenvolver bons habitos nas creanças, as quaes podem soffrer influencias nefastas na rua, em companhias ou em uma casa suspeita dos arredores. O maravilhoso não é que tantas se desencaminhem, porém que essas creanças, em sua maioria, se tornem dignos e uteis cidadãos.

O mais sério perigo que enfrenta a escola é o typo de diversão commercializada para a qual as creanças estão muitas vezes expostas, fóra dos horarios collegiaes. Nós não precisamos ter muito receio sobre o effeito do theatro legitimo nas idéas das creanças. A conferencia de White House mostrou que nenhuma creança, em 20.000, se inclina para o theatro, porém tambem verificou que os films, produzidos para os adultos, são vistos por perto de 40.000 jovens em cada semana. Aqui residem grandes possibilidades para cousas bôas e más.

Como se faz um film...

Nenhuma pessôa intelligente condemnará os films, o radio ou a dansa, como invariavelmente desmoralisadores. Porém espectaculos baratos, vulgares ou violentos, são ruins para todas as edades e especialmente nocivos para as creanças. As escolas deviam se esforçar em ajudar os paes a dirigir a diversão requerida por seus filhos.

Livros e periodicos vulgares e indecentes são mais perigosos do que a mais baixa ordem de films, porque elles são mais difficeis de controlar, mais baratos e mais subtis em suas influencias. A unica solução seria a prohibição das publicações indecentes e, neste sentido, a policia, o lar e a escola deveriam trabalhar em conjunto.

As escolas devem reconhecer que a diversão é uma forte attracção para os jovens, pelo que lhes cumpre cultivar nas creanças um gosto accentuado pelos films, radio e dansa, na mesma medida em que se esforçam em influenciar o gosto pela literatura, arte e musica".

Estabelecido o cinema na engrenagem educacional da nação, faz-se mistér aguardar os effeitos decorrentes do decreto creador do Departamento de Propaganda e Diffusão Cultural, effeitos que, estamos certos, serão extremamente beneficos, desde que a acção do organismo seja enquadrada dentro de limites praticos e consultando as necessidades nacionaes.

O maximo problema do Brasil é o da educação, e esse unicamente será solucionado com a acção conjunta de todos os meios susceptiveis. Entre estes, colloca-se primordialmente o cinema, por sua actuação directa sobre a intelligencia do individuo, seu notavel poder de convicção e extraordinaria capacidade de diffusão.

O cinema falado ampliou ainda mais as possibilidades dessa utilisação, tornando viavel levar aos mais longinquos pontos, não sómente o aspecto visual como tambem a descripção falada de todas as conquistas do engenho humano. Imaginemos o dia em que todos os centros de cultura do paiz irradiarem para o interior os ensinamentos dos mestres, atravez do "medium" inegualavel que é o cinema falado, e verificaremos que incalculaveis beneficios nos estão reservados.

Governantes e governados, pois, cumpre

**(Termina no fim do numero).**

# CINEMA BRASILEIRO

AINDA não é opportuno nem facil aliás, descrever todas as "demarches" que antecederam as instrucções baixadas para cumprimento do artigo 13 do decreto 21.240 de 4 de Abril de 1932.

Como se vê desde 1932, os productores brasileiros esperavam as instrucções deste artigo 13 e de outros que estabeleciam favores ao nosso cinema.

Foi o Dr. Roquette Pinto que notando entre os productores brasileiros grande aspiração para que, ao menos este artigo tivesse as suas instrucções baixadas para seu cumprimento, que, patrioticamente, sob sua iniciativa, criteriosa, reuniu varias vezes no Museu Nacional as commissões dos unicos e mais interessados: Productores e Exhibidores.

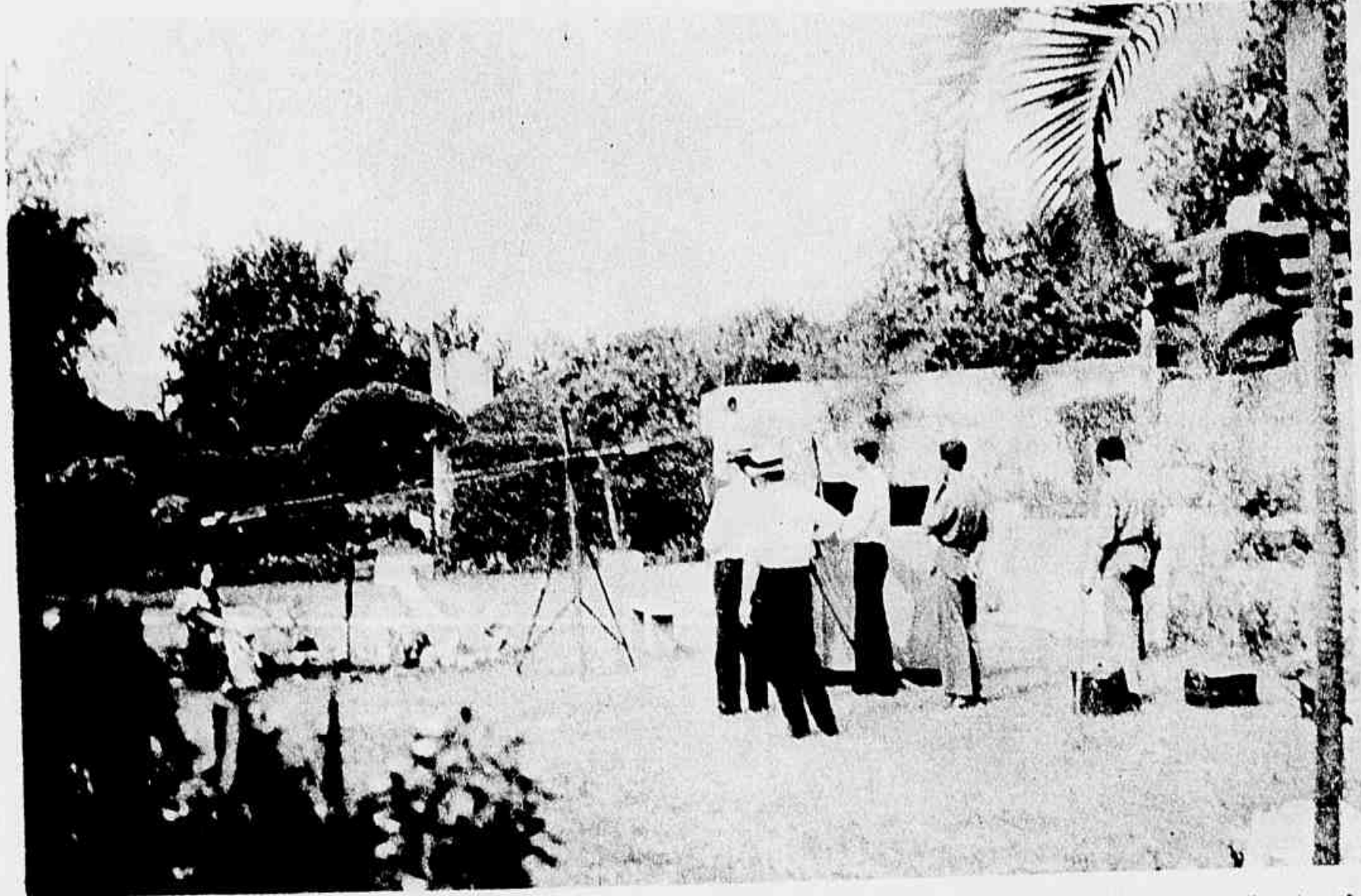
Sob sua presidencia, em caracter particular, frizando sempre claramente a sua attitude que não era outra senão a de prestar mais um serviço ao paiz. Appellou para a boa vontade de ambas as partes e todos os pontos foram abertamente ventilados. Póde-se dizer que a grande maioria dos exhibidores estava de accordo e as duas partes cederam em todas as restricções surgidas. As poucas vezes que nas reuniões havia algumas discussões mais accaloradas eram estas provocadas por Adhemar Leite Ribeiro, a unica voz decididamente contra tudo.

Se não houvesse outras provas da sua acção contra o Cinema Brasileiro, bastariam as suas propostas nessas mesmas reuniões entre productores e exhibidores, entre os quaes havendo alguns que viam até grandes vantagens para a lei de obrigatoriedade. Adhemar Leite Ribeiro foi o unico que firmou o accordo com restricções, foi o unico que falou todo o tempo contra todas as soluções que surgiam para conciliação dos interesses de exhibidores e productores e até hoje continúa por todo lado, por todo ministerio a descobrir um meio para que a lei não se cumpra. Foi sem surpresa que vimos dias depois dois artigos no "Correio da Manhã" em nome dos exhibidores que na vespera estavam accordes e para isso firmaram competente documento, porque sabiamos que o proprio Presidente do Syndicato de exhibidores estava alheio aos artigos. A surpresa foi, portanto, dos exhibidores, não nossa.

Dias depois sob influencias de Adhemar Leite Ribeiro foram publicados outros artigos em que se procuravam todos os sophismas e todas as confusões com commissões de censura, policia etc. para que a lei não se cumprisse, artigos que prejudicavam a propria classe de exhibidores pela má politica nelles contidas em declarar-se contra a varios actos e leis dos governos, incompativeis com a obrigatoriedade.

Os films brasileiros vieram numa percentagem modesta, medida minima de apoio ao Cinema Nacional em relação as leis de protecção ao cinema em outros paizes menos apparelhados do que o nosso.

Mas é preciso que saiba Adhemar Leite Ribeiro que a unica razão que póde derrubar, temporariamente a lei, será a falta de films. Neste caso nada teremos a dizer. De outra maneira estaremos aqui para protestar contra qualquer mystificação. E' verdade que agora no principio, certos films não tem correspondido a escala de valor que já podemos apresentar. A censura, com criterio tem sido condescendente com os primeiros films, mas observando sempre que não approvará outros que não estejam melhores e negando mesmo approvação a muitos outros. Os nossos productores estavam cansados de tantos esforços mal compensados, mas segundo outro objectivo da lei, estão melhorando as suas producções.

Ainda é cedo para julgal-as. Não é em um mez de lei que se póde avaliar os seus resultados. E' verdade tambem que apenas seis ou sete productores apresentaram seus films e outros ainda não avaliaram o valor da opportunidade preferindo desunião e até aos productos de cavação, deixando os films commerciaes. Sabemos, entretanto, que novos apparelhamentos estão sendo preparados, novos nomes estão sendo chamados e depois disso será querer negar os valores brasileiros em geral. A situação agora já permitte que se approveite mais escriptores e novos artistas para a producção, que é outro aspecto do Cinema Brasileiro que volveremos a commentar.

Sabemos tambem que alguns cinemas nem sempre estão apresentando os films brasileiros em todas as sessões, que alguns possam ser mal exhibidos em cumplicidade com algum operador sem escrupulo, que se escondem todos os annuncios, que se illuminam salões depois da passagem dos nossos films ou que offereçam outras producções gratuitamente, mas é natural que a má vontade seja grande...

Tudo mudará brevemente, e é o que *Cinearte* observará rigorosamente.

Não se trata, com isso, de nenhuma campanha contra films estrangeiros porque a todos temos dedicado as nossas paginas. Quando, naquella primeira reunião do Ministerio da Educação, logo depois da revolução, tratava-se até de impedir totalmente a entrada de films estrangeiros, foram os representantes de *Cinearte* que observaram a necessidade tambem de assistirmos a films estrangeiros porque o cinema é como o livro, e nós gostámos de ler e estudar tambem o que se faz no estrangeiro.

Não encontramos razão para que Adhemar Leite Ribeiro se insurja tanto contra os films brasileiros, sabendo na vespera dos commentarios contra as nossas pequenas producções de algum chronista que se preste para isso... ou mandando publicar nas sessões de "apedidos" algumas opiniões que não sejam lisongeiras aos nossos films.

E a verdade que a primeira e a unica iniciativa de Adhemar Leite Ribeiro na cinematographia, digna de nota é a da construcção de um novo e moderno cinema que é o de Ipanema, mas que não deixa tambem de assignalar outro reflexo do valor do nosso mercado, o unico ponto necessario para o desenvolvimento do nosso cinema, mercado elogiado por todos os representantes estrangeiros que vence premios de competição e que poderá perfeitamente agasalhar a producção de pequenos films que terão o sobjectivo de propalar as cousas brasileiras.

A materia prima não é machina nem celluloide, como não é a do jornal machina e papel.

*Durante a filmagem de "Não sei porque", da A Botelho-Film.*

A materia prima é o talento dos escriptores e directores e com o desenvolvimento dos nossos films os valores, mesmo aquelles que encolhem os hombros em desanimo como a dizer que nada mais vale a pena a fazer neste paiz em materia de arte, apparecerão.

\+ + +

Em entrevista ao "Diario da Noite" de São Paulo, Caetano Matanó que entre outros films foi o director de "Mocidade inconsciente" e Diogenes Leite Penteado, o galã que vimos em "Fogo de Palha", dois nomes conhecidos entre os que se dedicam ao Cinema Brasileiro, adiantam a formação de uma nova companhia, a "Luzesom" que vae começar immediatamente a sua actividade, como consequencia das instrucções do artigo 13 do decreto federal, recentemente baixadas.

A "Luzesom" conta com varios nomes de intellectuaes paulistas e ao mesmo tempo cuida da formação de um studio permanente, para o que já estão procurando um local apropriado sendo provavel que a escolha recaia sobre Tremembé, na linha da Cantareira.

Estamos ao par de outros detalhes sobre a formação desta nova empresa que opportunamente daremos aos nossos leitores. Que a "Luzesom" progrida e trabalhe com criterio e sinceridade pelo Cinema Brasileiro, contando com todo o apoio de *Cinearte*.

\+ + +

Lemos na "Gazeta Commercial" de Juiz de Fóra: "*Carriço-Film*" n. 10. — Tivemos opportunidade de assistir "Carriço-Film" n. 10, que está sendo exhibida na tela do Popular.

O film constitue perfeito serviço de reportagem das festas do anniversario do 2.° batalhão em Juiz de Fóra e da inauguração do monumento á princeza Isabel, no parque Mariano Procopio.

\+ + +

O governo reconhece de utilidade publica, a "Associação Cinematographica de Productores Brasileiros":

Decreto n. 5118 de 18 de Setembro de 1934. Reconhece de utilidade publica municipal, a Associação Cinematographica de Productores Brasileiros:

O Interventor Federal no Districto Federal. Usando das attribuições que a lei lhe confere, decreta:

Artigo unico — Fica declarada de utilidade publica municipal a "Associação Cinematographica de Productores Brasileiros".

Districto Federal, 18 de Setembro de 1934. — 46.° da Republica.

*Dr. Pedro Ernesto.*

EADIE CHAPMAN é uma loura capaz de inspirar loucuras... mas tem idéas proprias sobre o amor. Os millionarios desejam-na, mas Eddie determinou manter-se sempre honesta e jámais ceder ás propostas dos homens.

Eadie quer uma proposta que venha acompanhada com uma alliança...

Com um grupo de coristas, ella visita o rico **penthouse** de Mr Cousins e sobre elle emprega os seus methodos de seducção, desejando conquistal-o para marido.

Elle, que mentalmente, planeja suicidar-se, acceita as manobras da encantadora mulher como uma diversão.

E offerece a Eadie um presente luxuoso, mas ella recusa, por achar que uma pequena honesta nunca deve acceitar presentes de um homem, a não ser que elle seja seu noivo ou seu marido.

Cousins, porém, insiste para que ella acceite a lembrança, dizendo que aquillo é a prova de que elles estão noivos...

Mas, no meio da festa, Cousins se suicida e o presente do morto quasi faz com que ella vá parar na policia. Salva-a Paige, um magnata que esconde o presente e com isso conquista a amisade da pequena.

Agradecida, Eddie decide que casar-se-á com elle e assim visita o seu banco. Mas Paige está em preparativos de partida para a Florida e não pensando do mesmo modo que a sua protegida, empresta-lhe algum dinheiro para ver-se livre della.

Eadie, entretanto está no firme proposito de tornar-se esposa do millionario e segue-o até Palm Beach...

Isso dá-lhe ensejo de travar conhecimento com um segundo personagem — na agencia do banco em Palm Beach, ella vêm a conhecer o filho de Paige — Tom Jr.

E infallivelmente, Tom Junior apaixona-se pela **platinum**...

Eadie, porém, ignora a identidade do seu apaixonado e tenta engana-lo. Ella procura penetrar no **yacht** do velho e Tom que a segue, ahi revela a sua identidade.

Eadie mergulha numa serei de festas, nas quaes o apaixonado Tom tenta desesperadamente conquistal-a... sem casamento.

Como ultimo plano, Tom e seu pae convidam a pequena para visitar a sua residencia. E cahindo na cilada, Eadie se vê sózinha num quarto com Tom.

...e os beijos apaixonados de Tom enfraquecem a resistencia de Eadie e a loura está quasi cedendo, quando suas lagrimas commovem o rapaz e elle a reconduz sã e salva para casa.

**(THE GIRL FROM MISSURI — EX-"BORN TO BE KISSED")**

**FILM DA M. G. M.**

| | |
|---|---|
| Eadie | Jean Harlow |
| T. R. Paige | Lionel Barrymore |
| T. R. Paige Jr. | Franchot Tone |
| Frank Cousins | Lewis Stone |
| Kitty Lenihan | Patsy Kelly |
| Charlie Turner | Hale Hamilton |
| Senador Ticombe | Henry Kolker |
| Lifebuard | Nad Pendelton |

Director: — JACK CONWAY

Eadie e sua companheira Kitty voltam para New York.

Tom Paige Jr. sempre louco pela pequena, segue-a. E agora já se declara a creatura adorada, offerecendo-lhe um annel.

Elle pede ao pae para casar com Eadie. Este, porém, arma uma cilada a Eadie e Tom vae encontral-a num quarto de hotel com outro homem, pago para isso, pelo Senior Paige.

Ella é presa e Tom visita-a na prisão. Elle não acredita na sua innocencia e Eadie expulsa-o de sua cella.

Charlie Turner, que conheceu Eadie no **yacht** de Paige, vem em auxilio da pequena e paga a fiança, pondo-a em liberdade. E com isso consegue aquillo que Tom nunca conseguira — conquistal-a como amante, posto que isso custa a Eadie amarga resignação.

Primeiro, entretanto, ella procura vingar-se da cilada armada **pelo** velho Paige.

Paige foi nomeado **embaixador dos** Estados Unidos na **Inglaterra e embarca** para a Europa. Com a **ajuda de um jornalista**, Eadie embarca no **mesmo vapor em** que viaja o velho.

Quando os photographos

# beijar

estão promptos para photographar o embaixador, Eadie apparece inesperadamente, vestindo apenas **combinação** e abraça-se com o velho Paige!

Os photographos não perdem a sensacional **pose**...

Emquanto isto, Tom mudou sua opinião sobre a mulher amada e ansiosamente a procura para pedir-lhe perdão.

O velho tambem procura a pequena, pois não quer perder o seu logar na Embaixada... e ambos vão achar Eadie no appartamento de Turner.

Ella está completamente embriagada. Tom mette-a no banheiro e com uma ducha, fal-a voltar a si, emquanto o velho, ás pressas, procura um ministro para casal-os...

Depois do casamento, Paige diz aos jornaes que Eadie é sua nóra e estava na prisão, victima dos inimigos politicos...

E assim o **trio** — Eadie, Tom e Paige Senior — parte alegremente para a Europa!

"Brewster s Millions", da British & Dominious, reunirá Jack Buchanau e Lili Damita. O director é Thornton Freeland, que dirigiu "Voando para o Rio".

—o—

Franchot Tone será o galã de Dolores Del Rio em "In Caliente", da Warners.

—o—

"Sweet Adeline", da Warner apresentará as ultimas novidades em "ensembles" de Busby Berkeley.

# O Estranho Caso de

**E**M 1929, um productor allemão lembrou-se de annunciar uma jovem chamada Marlene Dietrich como a "mulher destinada a tornar-se a primeira actriz de cinema do mundo". Para provar a confiança que tinha no talento de Marlene e, ao mesmo tempo, para encher a "burra", o empresario deu-lhe a fazer o film "Three Loves".

Na America, ninguem soube disso. Acabavam de apparecer os films falados e uma grande interrogação pairava no ar: saberá a Garbo falar inglez?

Emquanto se discutia interminavelmente sobre o grave problema, Josef von Sternberg, nome novo entre os directores, dirigia Emil Jannings, no film "A ultima ordem". Esta circumstancia teve uma influencia decisiva no destino de Marlene Dietrich, pois, logo a seguir, Von Sternberg foi á Allemanha dirigir outro film de Jannings.

Evidentemente, qualquer director de Hollywood que visse, como Von Sternberg viu, em "O Anjo Azul", uma simples primeira dama "roubar" o film do grande Jannings, dono do papel principal, não hesitaria um segundo em leval-a para a America. Foi o que fez Von Sternberg e, á primeira vista, o facto em si não parece encerrar nada de extraordinario, mas a verdade é que se rodeia de circumstancias, que, pelo seu ineditismo na historia do cinema, mereceu destaque especial.

Basta dizer, preliminarmente, que, ao collocar Marlene em Hollywood, o objectivo primordial de Von Sternberg, como mais tarde se provou, depois de consumado, era elevar-se a si proprio, aproveitando-se das possibilidades, que enxergava na sua protegida!

Qual director fez isso, até hoje?

Clarence Brown, por exemplo, que dirigiu a Garbo, durante o periodo mais critico da carreira da actriz, o da formação, empenhou toda a sua intelligencia no engrandecimento duma estrella. Von Sternberg dedicou todos os seus esforços, e os de Marlene, no engrandecimento dum director: elle mesmo!

E' por essas e outras que a gente se convence cada vez mais de que Von Sternberg é um supremo egoista. Ouçam o que elle costuma dizer:

— A estrella para mim é como os outros artistas. Apenas uma das peças do mosaico, uma unidade que desapparece no todo, para ajudar o effeito geral.

O mosaico é delle, o todo é delle, o effeito é delle!

Isto, porém, não chega para dar uma idéa completa da ascendencia do director sobre a carreira da actriz.

Von Sternberg só percebeu verdadeiramente o partido que podia tirar do talento de Marlene, quando descobriu a estranha dualidade de temperamento, que caracteriza a estrella. Aquella jovem allemã, com toda a sua beleza, a sua vehemencia e a sua intelligencia, era perfeitamente "maleavel". Possuia essa rara bilateralidade de caracter, em que se combinam os traços predominantes na individualidade artistica com uma obediencia cega, que, sem maior exame, nos parece profundamente contradictoria.

Von Sternberg, certa occasião, explicava a um amigo:

— Marlene, por sorte, fez o seu aprendizado no theatro e no cinema da Europa e é isso que a torna um excellente "material de director". Demais, foi criada na desciplina militar germanica. A obediencia é parte integrante do seu caracter.

Imaginem, agora, Mae West ou Katharine Hepburn como "materiaes de director"! Peças de mosaico! Unidades do todo! Von Sternberg perderia o tempo com ellas ou com quaesquer outras actrizes do mesmo talento e personalidade. A sorte bafejou-o, entregando-lhe uma artista que como Marlene, talvez caso unico, sabe obedecer, ter confiança e ser leal.

Ella propria dizia, durante a filmagem de "Marrocos", o seu primeiro film americano:

— Von Sternberg sabe bem o que deve fazer. E' o meu director e, além disso, conhece muito o cinema americano.

E, mais recentemente:

— Von Sternberg e eu temos as mesmas idéas. Descobri isso, quando fizemos "O anjo azul", na Allemanha. Por essa razão, o segui até cá.

Para comprehender bem Marlene e a posição de que hoje disfructa, é preciso acompanhar os seus primeiros passos em Hollywood, aos quaes se prendem certos factos que são pouco conhecidos do publico.

Marlene, por exemplo, estreou logo como estrella, mas "Marrocos" era um "film de homem", que o studio, cumprindo uma velha promessa, destinara para primeiro "starring vehide" de Gary Cooper. Marlene fôra apenas escolhida para "leading lady".

Ella "roubou" a pellicula de Gary, como já "roubara" "O anjo azul" de Jannings. Depois de terminado o film, o studio viu-se obrigado a modificar os annuncios e a fazer, a toda a pressa, uma campanha de publicidade em torno do nome da actriz, pois o publico, se nunca ouvira falar nella, muito menos a vira! Marlene era uma estrella que ninguem conhecia!

E, então, os criticos foram assistir a "Marrocos" e deliraram! O publico applaudiu. Admiradores enthusiastas proclamaram Marlene igual á Garbo como actriz, mas muito mais bella, com uma voz cantante, uma pronuncia admiravel e um "sex-appeal" para o qual só encontravam um adjectivo: electrizante!

A "Marrocos", seguiu-se a exhibição da versão ingleza de "O anjo azul". Embora o film allemão fosse mais modesto que "Marrocos", o thema menos popular, e lhe faltasse, ao demais, a presença de Gary Cooper, de inquestionavel prestigio entre o publico americano, o successo de "O anjo azul" igualou quasi o de "Marrocos". Na verdade, embora Marlene o fascinasse em "Marrocos", o publico preferiu-a em "O anjo azul", risonha, natural, exuberante. Em "Marrocos", Marlene pareceu já um pouco artificial, apesar de muito distanciada ainda da Dietrich sternberguizada de hoje.

*Marlene, o director Mamoulian e o compositor Ralph Raniger, durante a filmagem do "Cantico dos Canticos".*

*O mais recente instantaneo de Marlene...*

Mas o applauso formidavel, tanto do publico como da critica, aos dois films fez nascer a convicção de que a Garbo encontrara, finalmente, uma rival séria e que a Dietrich se destinava a occupar o throno do cinema.

Puro engano, como depois se verificou. Marlene não conseguiu eclipsar a Garbo. Não deu o que se esperava. Hoje é apenas uma das tantas estrellas importadas. Rara belleza, talento artistico e um certo magnetismo são qualidades que lhe dão um logar no coração dos "fans", mas não o mais alto. Antes della, temos a Garbo, Hepburn, Gaynor, West e talvez outras.

Os films de Marlene não teem dado lá essas coisas. Apenas se exceptuam um vigoroso melodrama "O expresso de Shanghai" e o film que Mamoulian dirigiu, "Canticos dos Cantigos". Nenhum, porém, se igualou, em renda, aos de Garbo, Hepburn e West, embora se tenha gasto nas producções da Dietrich muito mais dinheiro. Quantos milhões se teem esbanjado com Marlene, sem se conseguir sustentar-lhe o prestigio, conseguido com "Marrocos" e "Anjo azul"!

Von Sternberg, entretanto, continúa a fazer progressos. O problema que o preoccupava, antes de conhecer Marlene, era o seguinte: Como diabo, elle, um artista, poderia produzir films "populares", sem sacrificar nada dos seus ideaes e da sua cultura artistica aos gostos do publico de cinema? Como ganhar dinheiro e fama com obras de arte que só agradariam a platéas muito limitadas? Marlene foi a salvação. A presença della nos films, com a sua belleza e a sua fascinação, distrahiria a attenção do publico do arrojo de certas concepções, muito acima da mentalidade geral. Comtudo, o grande director soube ser prudente. Não se precipitou. Nos primeiros films, reduziu ao minimo os seus "effeitos" artisticos e o seu symbolismo. Essas obras agradaram e Von Sternberg, vendo crescer a fama e o prestigio, foi-se tornando cada vez mais atrevido na expressão. A critica e o publico começaram a reparar.

Um critico dum jornal de Hollywood escreveu, por exemplo, a respeito de *A Venus Loura*:

"De novo se observa que o obstinado director Von Sternberg, prevalecendo-se do seu dominio sobre a objectiva e sobre a sua "glamorous" estrella, teima em ignorar os valores dramaticos e a efficacia do realismo. Elle hypnotiza os artistas, transforma-os em simples bonecos, que faz mover a seu talante. Cada gesto, cada palavra, cada inflexão de voz, tudo obe-

dece ao controle dictatorial do director".

Outro exemplo: "Se alguem, ao menos, fosse capaz de convencer Von Sternberg a deixar Mar-

lene ser humana! Tenho certeza de que ella sabe exprimir emoções!"

Outro critico, desta vez duma revista:

"Em "O expresso de Shanghai" o interesse do publico concentra-se todo numa pessoa invisivel, o director. A curiosidade não é por saber o que vae fazer este ou aquelle artista, mas por adivinhar os designios do director na sequencia das scenas. Miss Dietrich não faz nada que lhe justifique a categoria de estrella, mas,

*Marlene e John Lodge na "Imperatriz galante".*

ao menos, acaba, uma vez por todas, com a celebre controversia Dietrich e Garbo".

Ouçamos, agora, o que diz uma pessoa amiga de Marlene sobre as relações da actriz com Von Sternberg:

— Vocês podem negar que Marlene não seja, em estado potencial, uma estrella mais popular e, ao mesmo tempo, maior artista do que a Garbo. A opinião geral agora é essa. Lembrem-se, porém, de que em "O anjo azul", Marlene exhibiu não uma, mas diversas qualidades das que mais agradam ao publico americano de cinema belleza e exotismo garboescos, o "sex-appeal" visual de Jean Harlow, e a sensualidade de voz e maneiras de Mae West.

"O que lhe tem faltado, não como actriz, mas para se firmar no logar que lhe compete, é essa coisa que os americanos chamam "spunk" e que consiste, mais ou menos, em bater o pé e fazer barulho pelo menor motivo! Von Sternberg não é, absolutamente, o "Svengali" de Marlene, como já se tem dito. Mas é o director, o "patrão". E' a pessoa de confiança da actriz, e, por isso, facil lhe foi modificar toda a personalidade de Marlene, dentro e fora do cinema. Mesmo a actual reclusão em que vive a Dietrich não obedece ao simples desejo de macaquear a Garbo, mas aos conselhos do proprio Sternberg, desejoso de exercer sobre a estrella um dominio absoluto. Elle não quer que Marlene converse com ninguem, para que não encham os ouvidos da actriz a seu respeito! Não lhe convém perder Marlene, pois só por intermedio do "glamour" de Marlene lhe é possivel introduzir nos films a pesada carga de seu symbolismo artistico.

"Não se deve, porém, censurar Von Sternberg. Elle é europeu. Se Maurice Stiller não tivesse morrido e houvesse dirigido todos os films de Garbo, a estrella sueca jámais chegaria a ser a celebridade que é hoje. O talento da Garbo aproveitaria mais a Stiller do que a ella propria!

"Que differença ha entre Marlene e as outras! Quem conhece, por exemplo, o director de Mae Wae ou de Katharine Hepburn? Ninguem. No entanto, não ha "fan" que não saiba que Von Sternberg é o director de Marlene Dietrich!

"Marlene só uma vez se revoltou. Foi durante a filmagem de "Imperatriz galante". Toda gente notou uma grande frieza entre a actriz e o director. Logo se falou num arrufo sentimental, como geralmente succede nessas occasiões, mas o certo é que o estremecimento se deu por uma questão puramente profissional.

"Marlene nunca fez a menor objecção ao seu director senão depois de filmar "Cantico dos Canticos", sob a direcção de Mamoulian. Esse film, realmente era de estrella. Marlene apparecia bastante vezes diante da objectiva e representava muito humanamente. A pellicula deu dinheiro e não podia deixar de ser assumpto de conversa entre Marlene e Von Sternberg.

"Quando "A Imperatriz galante" foi filmada, o director deu, finalmente, redea solta ao seu amor pelos symbolos. Nem mesmo no seu primeiro film "The Salvation Hunters" empregou Von Sternberg tantos toques bizarros, tantos angulos grotescos. Gastando muitos metros de pellicula com "close-ups" de gargulas, em relação, a estrella quasi não apparecia!

(*Termina no prox. numero*)

Pat é a lourinha mais delicada que o cinema inglez deu a Hollywood. Viram os seus "close-ups" em "Doce amargura"? Estava um encanto em " Loucuras de Hollywood " seu primeiro trabalho americano visto no Rio. Leiam esta interessante entrevista.

# Pat

JA' se passara uma semana, e o jornalista todos os dias á espera de que o chamassem dos studios da Fox para a entrevista, que pedira, com Pat Paterson! Mais quatro dias escorreram e só então lhe marcaram a hora, mas o dia seguinte era feriado, e hoje, amanhã, hoje, amanhã, quando finalmente o homemzinho se avistou com Pat, tinham voado duas semanas!

Pat entrou no departamento de publicidade e tentou estender a sua pequenina mão enluvada. "Tentou" é o termo, porque Pat surgiu com os braços inteiramente tomados por jornaes da Inglaterra e cartas dos "fans".

O jornalista apertou-lhe a mão, emquanto os cantos dos labios de Pat se franziam numa especie de sorriso, de zombaria. Os jornaes e as cartas cahiram ao chão.

— Oh! Perdão! disse a actriz.

— Oh! Perdão! disse o escriba.

Sentaram-se em frente um do outro e o jornalista tomou nota do aspecto de Pat.

O chapéozinho branco da artista descahia para a direita sobre a loura cabelleira. A saia do seu costume de sarja azul tinha uma abertura do lado. Quem não soubesse de modas femininas, havia de suppor que Pat viera á entrevista a correr e que, por essa razão, lhe tombara o chapéo e se lhe rasgara a saia. Nada disso.

— Não me pergunte se gosto de Hollywood e da California, pediu ella, sem dar tempo ao jornalista de abrir a bocca. De certo que gosto de Hollywood, mas não penso em ficar eternamente aqui. Tenho a minha gente na Inglaterra e a familia de meu marido vive na França. Qualquer dia vou visitar os sogros pela primeira vez.

"Já estive na França algumas vezes. Costumava atravessar o canal de aeroplano. Fiz até um film com Emil Jannings, mas só por causa da minha voz ingleza. Agora, estou tomando lições de francez todas as manhãs, das onze ao meio dia. Ainda não falo francez, mas pratico com os nossos amigos francezes que vão a nossa casa."

O jornalista quiz saber dos progressos della e Pat não se fez de rogada, atirando uma phrase na lingua de Racine:

— "J'aime á parler, mais je ne parle pas bien"...

Muito bem dito!

Pat fugiu de casa, no Yorkahire, para ingressar no theatro.

— Tinha apenas dezeseis annos. Já começara a trabalhar, mas o trabalho não me agradava. Sempre fôra ambição minha vir a ser actriz. Meus paes, porém, oppunham-se.

Coisa muito de admirar, pois os paes de Pat, aos dez annos, deixaram-na tomar parte numa pantomina ingleza.

— Em Londres, fui para uma pensão destinada a moças principiantes do theatro. Pagava-se quinze "shillings" por semana. Não se passou muito tempo que não recebesse um chamado para uma "musical show". O resto foi facil.

Com effeito, Pat é dessas pequenas que respiram energia por todos os poros. Tem "pep" e personalidade para vencer depressa. Demais, é uma excellente actriz e tão bem representa os papeis de revista como os serios.

Estava apenas ha algumas semanas em Hollywood, quando se foi casar com Charles Boyer a Yuma. Charles passou dois annos a fazer versões francezas para a Fox. Agora, como já fala inglez bem, entrou tambem para o films nessa lingua.

"Caravan" será o primeiro, com Jean Parker na versão ingleza e Conchita Montenegro na franceza.

Mas, voltando ao assumpto de amor e casamento,

Quem é que manda em você, Pat, a cabeça ou o coração?

— Ora essa! exclamou a actriz, admirada. Nunca pensei nisso! Acho até que quem ama nunca se lembra de pensar nessas coisas. Sei lá! Charles tambem trabalha na Fox e, assim, não me faltará auxilio, porque toda a gente gosta delle. A proposito, tenho que procurar meu marido. Está a trabalhar, num dos palcos.

— "Au plaisir"! murmurou o jornalista, para a auxiliar no francez, ao mesmo tempo que suggeria a possibilidade de continuarem a entrevista dali a pouco, no restaurante.

— Pois sim, disse Pat. Mas, se não nos tornarmos a ver...

Sim, senhor! O entrevistador apertou-lhe a mão, como Essex, ao ser banido. Que artista se atreveria a tratal-o daquelle modo: Fôra preciso apparecer aquella petulante Paterson, de modos tão pouco diplomaticos, comparados aos que a maioria usa.

E, comtudo, no intimo, o jornalista desejou ardentemente tornar a vel-a dali a pouco, no restaurante, e para lá se dirigiu, como quem não quer mas quer.

Pat é assim. Nem dissimulada nem insincera. Possue uma despreoccupação de maneiras e uma franqueza de linguagem que obrigam a gente a gostar della. Fala claro e certo.

**(Termina no fim do numero).**

**Charles Bover, o marido de Pat Paterson é nosso velho conhecido nos films americanos. Lembram-se, por exemplo, daquelle lindo film de Claudette Colbert com Clive Brook?**

# O plano quinquennal de Jean

JEAN MUIR tem tambem o seu plano quinquennal. Se, dentro de cinco annos, conseguir possuir, em dinheiro e propriedades, duzentos e cincoenta mil dollars, Jean considerará a sua carreira cinematographica um successo. Com essa linda convicção e com os dollars no bolso, abandonará o cinema para sempre!

Se um dia perceber, porém, que não lhe é possivel, dentro do prazo marcado, juntar essa somma, affirma Jean que desistirá immediatamente de Hollywood, preferindo voltar a New York, para esperar uma opportunidade no theatro.

Jean enviou um ultimato ao Destino. Tem diante de si, para a realização do "plano", pouco mais de quatro annos, e, quanto a dinheiro, não dispõe senão de alguns magros dollars na Caixa Economica. Quasi se poderá dizer que será preciso operar-se uma reviravolta magica, pois pela sua actual "cotação" em Hollywood, nem em trinta annos Jean conseguiria accumular um quarto de milhão!

— Não é por simples ambição que penso em juntar esse dinheiro, explica Jean, com um ar grave. Cem dollars por semana chegam-no perfeitamente, mas é que necessito de igual quantia para minha familia!

"Ora, para se obter um rendimento de duzentos dollars semanaes, são precisos duzentos mil. Os restantes cincoenta mil ficariam para o que désse e viesse"...

E a jovem actriz accrescenta, muito seriamente:

— E' justamente por isso que preciso de chegar a estrella e quanto antes melhor! Só assim me será possivel ganhar um quarto de milhão em tão curto espaço de tempo. Cinco annos apenas! Cinco annos, a contar de julho de 1933!

Mas ha ainda outras razões, que Jean se apressa em ennumerar.

— Naturalmente, o dinheiro não é o meu unico incentivo. Por exemplo: só uma estrella, mas uma estrella de verdade, póde fazer os Films que lhe agradam. Para não poder fazer o que quero, não vale a pena ficar em Hollywood.

"As estrellas escolhem director, escolhem argumentos, escolhem scenas. Têm o direito de dizer "sim" e "não", conforme as occasiões. Por isso, quero tambem ser estrella. Não é exclusivamente por causa dos duzentos e cincoenta mil dollars!

"Só o "estrellato" terá o condão de me fazer ficar em Hollywood cinco annos. Como se sabe, para se chegar a estrella, basta um unico film, mas um film que dê no vinte... Um film que seria para mim o que foi "Manhã de gloria" para Katharine Hepburn...

"Sei que não sou uma grande actriz. Sei que me falta ainda uma direcção segura. Mas, com uma historia boa e com uma direcção habil, poderia alcançar a categoria de estrella. Tenho certeza!"

Jean fala dum modo que não trae nenhuma immodestia. E' tão vehemente, tão sincera!

— Se vir que não comsigo realizar o que pretendo, que não posso ganhar o dinheiro sufficiente para me garantir o futuro e o da minha familia, então adeus Hollywood! Voltarei a New York, para viver de seis dollars por semana, como antigamente. Apesar de tudo, era feliz!

Isso, porém, não quer dizer que Jean se considere presentemente infeliz.

— Gosto dos Films. Quero fazer successo nelles. Vivo muito confortavelmente. Gasto setenta e cinco dollars por semana e nada me falta. Guardo o resto do salario. Aprecio o lindo apartamento em que moro. Em New York, nunca tive coisa igual. Agrada-me saber que, ao chegar a casa, cansada, depois do trabalho, já encontrarei o jantar prompto. Se abandonasse Hollywood, não teria nada disso. Partirei, no entanto, se as coisas não me correrem como desejo.

"Não sou infeliz aqui, mas tambem não me sinto contente. Não me agrada marcar passo. Ou o "estrellato" ou nada! E' inutil tentarem atirar-me para o "monturo"! Não me serve! Não quero!"

E Jean cita algumas jovens actrizes, que progrediram e chegaram a alcançar relativa importancia, mas que nunca subiram a estrellas. São exemplos que não pretende imitar. Embora essas pequenas percebam salarios bastante regulares, Jean não lhes inveja a sorte. A sua ambição é ser estrella de verdade.

— Haja o que houver, daqui a quatro annos, voltarei a New York para trabalhar no theatro, com companhia propria... Por conseguinte, não ha tempo a perder...

Nos seus poucos mezes de cinema, Jean já conseguiu irritar muita gente importante, inclusive dois ou tres dos seus directores.

— E' uma pequena teimosa e "convencida", diz um director. Pensa que sabe mais do que toda a gente no "set". Mas não se póde negar que é intelligente. Provavelmente, apesar de tudo, chegará a estrella...

Jean, desde que chegou a Hollywood, tem provado que não é facil de manejar. Seja o que for que lhe pedirem, uma póse photographica ou para apparecer num beneficio, responde sempre com perguntas:

— Kay Francis faria isso? Katharine Hepburn iria, porventura? Ann Harding posaria assim?

Jean raramente menciona outros nomes, quando se refere a collegas. Kay, Kat e Ann são os modelos da sua carreira.

Ella considera Jimmy Cagney o seu melhor amigo em Hollywood.

— Como elle é que eu queria ser! Astro de facto! Os antecedentes desta original criatura pouco se differenciam dos da maioria das actrizes de Hollywood. Depois do collegio e dum anno passado na França, tres annos de experiencia numa companhia theatral de Columbus e na Broadway, com o nome de Jean Muir Fullarton. Logo no seu primeiro papel em Hollywood, para onde foi como desconhecida, cortaram-lhe o Fullarton. Jean fez um cadaver no film "Os desapparecidos". Não chegou bem a ser papel...

Foi em "A Humanidade marcha" ao lado de Paul Muni (na opinião da actriz, o melhor actor de Hollywood), que Jean chamou a attenção dos criticos. Em "As the Earth Turns", é "leading lady", o que significa já um grande passo para a meta que ambiciona.

(*Termina no fim do numero*)

# IDOLOS

**(De Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood)**

**Alice Lake e Menjou durante a filmagem de The Great Flirtation", em que Alice apparece como "extra"**

ESTA historia eu a escrevo para os velhos **fans** do cinema; para aquelles que acompanham o movimento de Hollywood, desde os seus primeiros dias, quando o cinema americano poz fim á epoca de ouro dos studios de Roma, Paris, Copenhague e outros centros europeus.

Muitos dos nomes que aqui apparecem são completamente desconhecidos do leitor que hoje admira Clark Gable ou Greta Garbo ou que se ri com Charlie Ruggles ou Mary Boland...

Mas, para os antigos **fans**, esta minha chronica trará saudades, recordará nomes que foram idolos; que galgaram o pinaculo da gloria e que, hoje, por varios motivos, estão completamente esquecidos.

Visitando o **set** de **Cleopatra,** a nova super-producção de Cecil B. de Mille para a Paramount desfilaram deante de meus olhos personalidades que, ha mais de dez annos, eram astros e "estrellas" famosos.

Imaginem se por essa época tivessemos um elenco como o seguinte: William Farnum, Bryant Washburn, Jack Mulhall, George Walsh, Mary MacLaren, Julanne Johnston, Edmund Burns, Charles Morton, Wilfred Lucas, Pete Morrison, Jack Mower, Pat e Mickey Moore...

Pois esta lista que, ha mais de quinze annos, cobraria de qualquer studio cerca de um milhão de "dollars" em ordenados semanaes — todos elles juntos, hoje, surgem em pequeninos papeis, em **bits** e mesmo fazendo extras na producção do grande De Mille!

Farnum, outróra, um dos mais bem pagos astros da Fox, tem uma ligeira scena no film que narra a vida e os amores da Rainha do Egypto. Elle fala: "Não me importo do papel que me deram. E' bem pequeno, menor talvez do que a mais pequenina scena de meus films, na Fox. Mas, trabalho. Não o faço, realmente, porque estou morrendo de fome. Da immensa fortuna que fiz, trabalhando durante tantos annos para a Fox, consegui guardar muito. Perdi milhares de "dollars" na derrocada da bolsa, ha annos — mas ainda possuo algum que me dá para viver descançado. Mas, não posso estar sem fazer nada e emquanto tiver forças hei-de trabalhar. O cinema ainda é a minha paixão".

Mary MacLaren, que brilhou em films admiraveis na Universal, depois de haver casado com um official inglez, em serviço na India, retirou-se e desappareceu de Hollywood. Voltou, ha pouco mais de anno e meio e encontrou tudo mudado. Ninguem mais a conhecia e ella, hoje, precisa realmente de trabalho. Entre seus velhos amigos, porém, muitos lhe viraram as costas. Mas, alguns ainda se lembram do seu tempo e ella, raramente, fica sem trabalhar. Tambem faz parte do **cast** de **Cleopatra.** Mary MacLaren, com quem sempre falo e que ainda me inspira a mais sublime das admirações, pois de modo algum posso olvidar a sua figura magistral em trabalhos como "Sapatos rasgados", "Pão", e outras obras inesqueciveis, tambem escreve historias. Agora mesmo está empenhada em um scenario, cuja idéa é tão interessante que a Radio-R.K.O. provavelmente comprará e delle realizará um film.

**Monte Blue voltou em "The Last Round Up". Aqui o vemos em "Come On Marines", da Paramount.**

Bryant Washburn é quasi um extra nesse film de De Mille e este mesmo director, o dirigiu em 1919 num film — "O Rei Herõe". Mas isso não é nada.

Quem se esqueceu de que Bryant foi astro de uma serie de comedias maravilhosas para a Paramount? Quem poderá olvidar **O Poder do Annuncio, Peccados de Santo Antonio e Ciumes Demonstram Amor,** onde elle appareceu com Lois Wilson, Wanda Hawley? Bryant foi um dos mais esplendidos comediantes de Hollywood e hoje, ou acceita pequenas partes em grandes flims ou apparece ainda como principal em elencos de films independentes.

Jack Mulhall — astro na Universal, galã de comedias com Dorothy MacKail para a First National, tambem está no elenco de Cleopatra e tem apenas uma linha de dialogo... George Waslh — o idolo de uma geração. Herõe de **Brutalidade,** um film que rendeu talvez mais do que o proprio custo de **Cleopatra** onde elle apparece ligeiramente...

Julanne Johnston, aquella figura linda, delgada, elegantissima... Aquella princeza oriental de "O Ladrão de Bagdad"... Depois que deixou o cinema, Julanne tem apparecido em "cabarets" ou theatros, dansando. Fez uma temporada num Club — e não dos mais elegantes de Hollywood — dansando... Mas, o cinema a attrahe ainda e ella surge, talvez menos bonita do que nos seus dias de successo, mas ainda cheia de confiança.

Edmund Burns — começou com o proprio De Mille. Em **Macho e Femea,** elle tinha um papel pequeno. Era um padre. Muito moço, magro e de porte sympathico, Eddie Burns, aos poucos foi subindo. Passou a fazer papeis mais importantes até que Cecil, ao deixar a Paramount e fundando a sua propria companhia, o elevou a galã de uma serie de films de luxo. Lembram-se de Burns como astro de varias producções, ao lado de Vera Reynolds — outra descoberta de Cecil que, hoje, tambem ninguem sabe por onde anda?

Edmund Burns reside na Associação Christã de Moços de Hollywood, num quarto modesto e acceita qualquer papel. Engordou muito e não tem mais aquelle porte que os galãs devem possuir. Faz exercicios para emmagrecer — e, acredito que ainda possa vir a obter papeis de mais importancia. Elle ainda é um homem bonito e não poderia ter perdido tambem aquella sua habilidade de representar que lhe grangeou tantos admiradores na sua epoca dourada...

**Elinor Fair, a linda princeza do "Barqueiro do Volga", é uma recordação adoravel de "Linguagem dos sons" e outros films interessantes com Albert Ray, na Fox... Esta photographia com George Raft, foi tirada durante a filmagem do "Club da Meia-Noite", onde Elinor figurou entre os "extras"**

Ha dias o vi como simples extra num film da Paramount — aquelle mesmo studio onde, no passado, elle foi importante.

Charles Morton — descoberta de Murnau.

Idolo de algumas temporadas; nome que todo mundo pronunciava, logo que elle appareceu em **4 Diabos,** como galã de Janet Gaynor...

Pete Morrison que foi idolo dos films de oéste, rivalizando com os Hoot Gibsons e os Tom Mix. Elle nada mais é do que um soldado romano nas hostes de Marco Antonio e, provavelmente, o publico não o distinguirá no meio de milhares de outros soldados. Wilfred Lucas — talvez mesmo pàra os antigos **fans** seja um nome pouco conhecido. Elle é ainda mais antigo. Vem do tempo da Biograph, dos films de David Wark Griffith...

E por que fui falar nesse director? Por que trouxe para aqui o seu nome que lembra tanta gloria, tantas descobertas famosas, tanta belleza e tanta fama? Ninguem cuida mais de Griffith — o director que mais deu ao cinema, que por elle tanto fez, hoje, olvidado completamente e, segundo me contaram, doente e acabado. Elle vive em New York e affirmaram-me que está com a memoria abalada...

Com verdadeiras lagrimas nos olhos eu penso nelle! Que todos os sens **fans** se juntem e sintam esta noticia, caso ella seja mesmo verdadeira. A industria do cinema, ingrata, esquece-o, hoje, completamente...

Jack Mower tambem está em **Cleopatra** e quem o esqueceu, como astro de **Noite de Sabbado,** ao lado de Leatrice Joy, film do proprio Cecil De Mille? Jack pouco se importa. Continua trabalhando aqui e ali e seus velhos **fans** quando o vêm numa scena pequenina ou mesmo num simples relance hão-de se recordar apenas os seus dias de successo...

Agora, os meus caros leitores, hão-de concordar tambem que De Mille é um homem ás direitas. Elle, chamando para o seu Film esse mundo de antigos astros e "estrellas", prova tambem o seu bom coração — o espirito de colleguismo, ajudando-os quando elles, exactamente, mais precisam. Bravos De Mille! Ha dias, vi tambem na Paramount uma figura do passado. Alice Lake. Não é, na verdade, a Alice dos films da velha Metro, mas ainda possue algo daquella graça tão simples e natural de seus antigos films.

Alice, hoje, precisa trabalhar e o faz com coragem e confiança. Como, a principio, sentia difficuldade em conseguir trabalho, Miss Lake enviou a todos os directores de Hollywood e aos "casting-departments" da cidade do film cartões onde explicava quem fôra, o que tinha feito, a sua experiencia e a habilidade que poderia empregar em papeis pequenos — e a elles pediu emprego! Assim, tem apparecido em quasi todos os films; ás vezes perdido na legião anonyma dos "extras", de outras fazendo ligeiras pontinhas e ganhando por dia, talvez, o que outróra lhe pagavam por um minuto de trabalho em frente da camera!

Ha dias, na Fox, trabalhou, numa simples pontinha, outra figura do passado, dos tempos da Vitagraph. Ella foi uma das mais populares "estrellas" dessa empresa — hoje, completamente desapparecida. Refiro-me a Alice Calhoun? Recordam-se della? Como era bonita e que lindos olhos

# ... do Passado

possuia! Era um idolo de milhões de americanos e a "estrella" que mais attenção dava á sua correspondencia. Tinha até um Club de "Fans", que a honraram com uma côrte absoluta. Alice Calhoun, depois desappareceu. Terminado o seu contracto com a Vitagraph, esteve na Fox em films de Tom Mix, por algum tempo e... sumiu. Foi mesmo uma surpresa para mim, sabel-a de volta a Hollywood e trabalhando, de novo. Não sei se o fez por necessidade. Não o creio. Mas, talvez seja a paixão pelo cinema. Elle não abandona aquelles que, uma vez lhe pertenceram...

Outras grandes "estrellas", de vez em quando, voltam á publicidade. Quem, entre os **fans** da velha guarda, esqueceu a personalidade de Dorothy Phillips? A "estrella" da Universal, a esposa daquelle director extraordinario, Allan Holubar, que a morte roubou aos que se haviam acostumado a admiral-o e a assistir, maravilhados, ás suas obras!

Dorothy Phillips vive retirada do cinema, e não acredito mesmo que ella volte a enfrentar a camera. Mas, ha dias, li a noticia de que ella tomava parte num espectaculo theatral no "Little Theatre de Beverly Hills". Agora, neste momento, em que escrevo esta chronica — a peça ainda está em exhibição. Provavelmente, darei um pulo até lá e, assim, poderei rever a figura de Dorothy Phillips, que me traz saudades immensas e que me faz lembrar momentos admiraveis...

Na mesma peça, está Virginia Valli, a esposa de Charles Farrell, que ha muito, se afastou da actividade dos studios. Mas, Virginia quiz voltar a ter contacto com o publico e apparece num esplendido papel nessa peça, que se intitula **Capricho**... O nome já é curioso.

Virginia pouco mudou. Ainda ha bem pouco, estive com ella no **yacht** de Charles Farrell, ancorado em Emerald Bay, para as bandas da Ilha de Catalina. Conversei com ambos. Charles sempre amavel e gentil e Virginia que eu via, pela primeira vez... Não pude deixar de falar em **Heroina de Sangue Azul,** que a Universal produziu e que foi uma das producções mais admiraveis que os **fans** já viram. Quando eu me referia a esse film, Charles nos interrompe e diz: "Ainda é o seu film predilecto e ella tem um album com todas as photos dessa producção... Você está tocando num ponto sensivel!"

**Tullio Carminati, um idolo do passado que voltou com o cinema silencioso e continua trabalhando como "player". Ainda ha pouco o vimos em "Moulin Rouge" e "Galhardia de mulher". Já foi galã de Pola Negri e Florence Vidor, depois de ter beijado Leda Gys, no cinema italiano... Ao lado, recordação de Mary Mac Laren naquelle magistral "Sapatos rasgados".**

**Charles Ray voltou em "LADIES SHOULD LISTEN"**

Outros antigos artistas de prestigio abandonaram o cinema e se entregaram a outras profissões. Lembram-se de Hallam Cooley? Recordam-se de seus films, sendo que um delles foi dirigido por Lois Weber e era esplendido? Não me recordo bem do titulo em portuguez — mas lembro-me que Hallan Cooley fazia um "villão" e havia, por signal, uma scena em que elle jogava bilhar e vindo á porta do salão, olhava uma garota que passava na rua... Para os verdadeiros **fans** não preciso completar a descripção dessa scena que era das mais originaes. Não fosse Lois Weber uma das maiores directôras daquella epoca!

Pois, Hallam Cooley, hoje, é agente de "estrellas". Elle faz para ellas contractos com studios e trabalha arduamente. Ha dias, o vi num **set** de um film que Lou Brock está produzindo e Hallam olhava para a camera, o director, os artistas com completa indifferença... Pelo menos apparente. Será que aquelle borborinho de um studio não lhe traz vontade de voltar?...

Outros, trocaram, pelo menos, por algum tempo, a caixa do **make-up** pela caixa registradora... Ha dias, quasi cahi desmaiado ao entrar para jantar num restaurante do Hollywood Boulevard. Chama-se **Kress** e come-se, realmente, muito bem. Sabem quem é socio desse restaurante? Nada menos do Hank Mann... Aposto que os **fans**, que o conhecem tão bem quanto eu, estão rindo! Imaginem Hank Mann dono de restaurante!

E elle com aquella sua cara de palerma — sempre brincalhão, não deixou de ser um esplendido comico. Tenho voltado lá varias vezes, mais para vel-o e com elle dar dois dedos de palestra do que mesmo para saborear um jantar typicamente americano — onde servem sorvete de laranja, ao mesmo tempo que a gente devora um bife ou come uma salada de camarão... (E isto é verdade!)

Hank Mann está sempre impassivel. Pouco ri, como é seu costume, mas sorri e o seu sorriso é

**(Termina no fim do numero)**

# A LOUCA

CORRI contente atraz do agente que me levava ao camarim de Lupe Velez. Foram precisos numerosos chamados telephonicos e apontamentos marcados para esta entrevista com a irrequieta "estrella" mexicana. Levava diversas importantes perguntas, no meu caderninho de notas, para fazer a Lupe.

Lupe! Quanta cousa impagavel e inedita já não diz este nome! Tudo denunciava que ia ser uma palestra sensacional, de perguntas e respostas intelligentes, pois eu estava disposta a bancar a mais **intellectual** possivel com a terrivel pandega que é **señorita** Velez (ou seja **señora** Weissmuller). Mentalmente já imaginava as **tiradas** sentimentaes e os contrastes comicos da entrevista, como eu forçaria a mexicana a revelar a verdade sobre **Garrí** e **Chonní!** E estava indeciso entre dois suggestivos titulos: **Eu tive dois amores** ou **Pobre Clown**. . .

O agente bateu á porta do camarim da dynamite Velez. Uma senhora idosa, com uma physionomia gentil mas cheia de somno, appareceu. Perguntou se eu era eu e respondi que sim. Ella deixou-me entrar mas ao agente disse: não!

Fui conduzida atravez um pequeno **hall**, até ao appartamento principal. No lado opposto, em frente a um grande **toilette**, vi algo que se mexia. Só podia perceber uma pequena cousinha e lancei um olhar em volta, pedindo auxilio á creada. Mas esta desapparecera. Mexi e remexi o fecho da bolsa e parece que fez barulho. A pequena cousinha debruçada sobre o **toilette**, virou-se e num pulo, rindo ruidosamente, perguntou-me aos gritos como estava e deu-me uns tabefes nos braços, (affectuosos, creio eu). Sim, meus caros, era Lupe!

**Lupe e os seus inseparaveis cachorrinhos "chihuahua", que a acompanham em toda a parte. Não é só Alice Brady. . .**

Seus cabellos castanhos estavam levantados e amarrados no alto da cabeça, seu rosto coberto com **grease-paint** escuro. Não trazia os labios pintados e era um numero vel-a, quando abria a bocca! Estava pondo pintura nos olhos e retocando com um grampo.

Sentei-me ao seu lado e comecei a observal-a, um tanto estupefacta. Lupe trajava um pyjama de flanela vermelha berrante e trazia chinellos de lã de carneiro. Entre os joelhos collocou uma cestinha usada e disse-me:

"Nunca, nunca me sento sem isto entre os joelhos, no meu camarim. Sento-me?" gritou ella para a creada, Mas esta estava cochilando, (bem tinha desconfiado pela cara) Lupe continuou como se a creada tivesse respondido sim. E n' aquelle seu impagavel sotaque, difficil, porém, de traduzir:

— "Por que? Sei lá... Já viu o que tenho aqui em cima do corpo? Imagine só, que o comprei para a locação de **Amor Selvagem** e agora não o tiro mais. Durmo com elle, trabalho com elle, vivo com elle... Johnny (ella diz "chonní") já está furioso. Dê uma olhadela no meu guarda-roupa, hein?

E com a cestinha sempre entre os joelhos, Lupe apontou para o movel. Acompanhei, com os olhos, o seu gesto. Uma das portas estava aberta. Dentro, pendurado, estava outro pyjama, um pouco mais usado do que aquelle que Lupe trazia e de um azul vivissimo.

No assoalho, junto ao guarda-roupa, estava um par de sapatos de camurça. Olhei para elles quasi com attenção, a qual morreu no instante em que Lupe informou que pertenciam a sua creada. E grita de novo para a velha:

— "Já usei outra cousa no **stujo** a não ser **ezdes?"**

A creada desperta assustada e diz: "Nunca!" E adormece de novo, Lupe não liga, porque está agora accupada mostrando-me todas as especies de objectos do seu camarim.

Ella agarra a sua caixa de **make-up**, que por signal é uma velha caixa de sepatos.

— "Com o nome de Lupe escripto em cima" grita entre gargalhadas. Lá está o seu nome escripto á lapis e bem mal, na verdade! Dentro da caixa está uma toalha manchada de **rouge,** um tubo de **grease-paint** e outros apetrechos de pintura.

"Dá personalidade! E' por isto que Lupe usa esta caixa de papelão e guarda a outra bonita **make-up box".**

Rimo-nos um pedaço e dou uma olhadela pelo resto do camarim. Como se eu tivesse dado um signal, o local transforma-se num hospicio: a campainha grita, o telephone começa a tocar furiosamente e Lupe á cantar mais alto ainda. Emquanto a creada corria de um lado para outro, puz as mãos na bocca e formando assim um megaphone, gritei: — "E' mesmo um bonito camarim!"

— "O que?" perguntou Lupe. Repeti.

— "Oh **yeah!** Ah, ah, ah!" foi a sua resposta.

Alguem abriu a porta, entrou e sahiu de novo. A creada correu ao **hall,** para ver quem era. Emquanto isso o telephone tocou de novo. Com um berro Lupe o fez calar-se.

— "Que idade tem você?" perguntou-me ella.

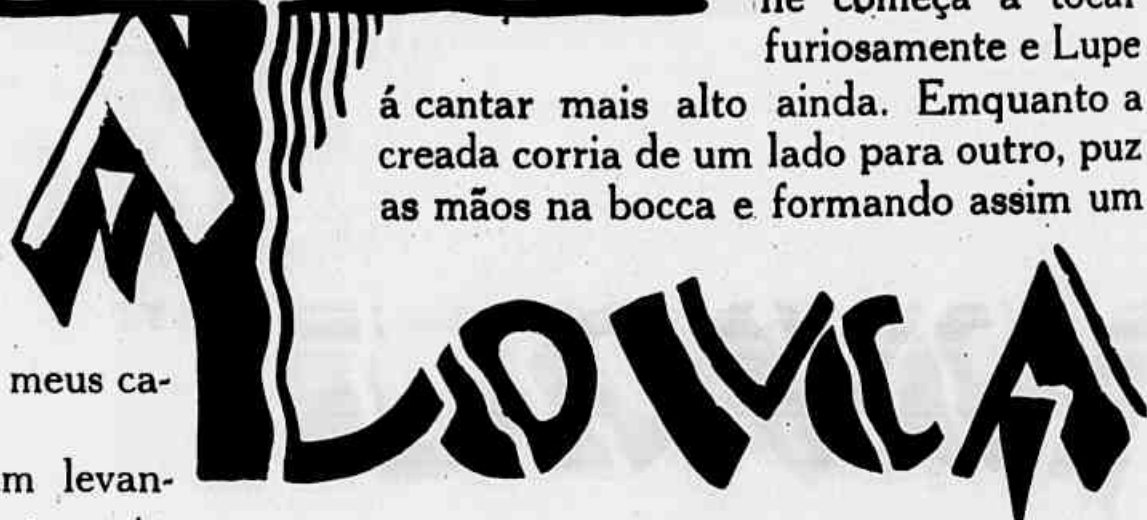
— "Vinte" respondi.

— "Tenho vinte e tres" continuou Lupe.

— "Quasi a mesma idade. Não é muito mais velha".

— "Oh sim, muito mais! Estou velha demais para palavras. E acho tambem que estou tão cansada. . ."

— "Não se importa se eu a chamar de Lupe?"

— "Ora bolas! Não saberia como responder se você me chamasse de outra cousa!" diz-me ella.

Peguei afinal a meu livro de notas e fiz a primeira pergunta a Lupe.

— "Não acha que o que aconteceu entre você e Gary deixou-a com um conhecimento muito maior de arte e representação, do que o que tinha antes?" Eu sabia que esta pergunta deveria ser feita de uma maneira intima, numa voz macia e confidente. Mas a occasião, o telephone e a gritaria de Lupe obrigaram-me a berral-a.

— "Oh bemzinho!" respondeu ella arregalando os olhos. "O que passou, passou... Vivo para o dia de hoje e não por hontem ou amanhã. Nunca me lamento sobre Gary, o que aconteceu comnosco, e como terminou tudo. Nada pode fazer Lupe ficar triste...

"Porque devo eu ficar triste? Eu fico é furiosa! Mas nada me entristece. Quando era creancinha, tinha uma cadeirinha e todas as vezes que me davam palmadas, eu continha as lagrimas até subir na tal cadeira. Ahi, então, eu berrava até não mais poder! Hoje em dia eu só choro quando meus cãezinhos adoecem ou morrem..."

A resposta de Lupe pareceu um tanto extranha e sem relação a minha solemne pergunta. Mas que fazer? Lupe era bem capaz de responder, falando sobre a pintura de sua casa! Curvo-me sobre o caderno e escrevo apressada. Lupe ri e mostra-se feliz como uma creança ao ver-me assim occupada.

Ella tem ao seu redor a creada fazendo o serviço, eu á escrever e um compositor, que surgiu repentinamente não sei de onde, tentando esforços inauditos para que Lupe ensaie uma canção. No meio dos pedidos do pobre rapaz, a terrivel Velez vira-se repentinamente para mim e mostrando-me o braço:

— "Céus! Como **eztou magra**! "Estou" perdendo kilos **e kilos**. "Eztou" tão nervosa, trabalho em tres fitas de uma vez só!"

— "Você deve tomar leite!" grito-lhe. A adoravel e louca **mexicana faz** uma cara feia:

— "Oh não, meu bem! Leite faz coalhada no estomago de Lupe!"

E virando-se para o compositor, ella começa a fazer uma série de reclamações. O falatorio é enorme. Olho por accaso para o campo de batalha e noto com surpreza que o rapaz desappareceu. E, cousa surprehendente, Lupe está num minuto de silencio! Aproveito para atirar outra importante pergunta do meu caderno.

— "Sua familia está aqui, Lupe?"

— "Familia? Não **querrida**, está toda no Mexico".

— "Você tem uma grande familia, não é?

— "Sim, bemzinho, Lupe vem de uma enorme familia que é como um trem de carga — nunca acaba".

# Mexicana

D'ahi em deante, não foi mais possivel coordenar minhas perguntas com as respostas do diabrete mexicano. O resto da entrevista, perguntas e tudo o mais, foi levada numa embrulhada por Lupe e seu cabellereiro.

Tentei todos os meios possiveis, mas minhas perguntas eram respondidas para o cabellereiro, ao passo que as delle eram dadas á mim. Uma barafunda e Lupe ria á mais não poder!

O outro entrevistador, quero dizer o cabellereiro, com um pente e um ferro de encrespar começa a sua tarefa. Lupe arranca-lhe o pente da mão.

— "Já disse milhões de vezes que Lupe não quér ninguem penteando seus cabellos, a não ser Lupe! Você me machuca, seu..."

O cabellereiro dispara para um canto e Lupe começa a se pentear. Terminada a tarefa, começa a desenhar a bocca, gritando cousas em hespanhol para a creada.

— "Desculpe, bemzinho, é muito mais commodo brigar com ella em hespanhol!" diz para mim. Notei que Lupe não usa sobrancelhas postiças e isto pareceu-me tão extraordinario que lhe perguntei porque.

— "Não posso. Sobrancelhas postiças fazem-me parecer adormecida ou embriagada, bemzinho! E você sabe que Lupe nunca bebe, por causa do figado. Detesto a bebida. Lupe só gosta de lutas e de jogar cartas. "Chonní" (Johnny Weissmuller) gosta de **sports.** Eu não gosto de **sports.** Assim deixo Johnny as voltas com elles."

Disse-lhe que acreditava na estabilidade e na duração do seu matrimonio. Lupe deu um pulo, enthusiasmada, e virando-se para mim:

— "Sabe por que Lupe acha que o seu casamento vae durar? E' porque eu e Johnny brigamos tanto! Você nem imagina, bemzinho. Nós gostamos de brigar e assim Hollywood nos deixa em paz.

"Eu adoro meu **marid.** Elle é o melhor **marid** que existe no mundo. Tem um genio esplendido e é uma perfeita creança. Johnny e eu achamos que a melhor cousa a fazer em Hollywood é brigar! Pois se andam espalhando por ahi que estamos brigando, então por-

**(Termina no fim do numero).**

# Garbo x Sten

A batalha está travada! Mais uma batalha de Hollywood... para publicidade. Mas é interessante. As trombetas deram o signal, e, ao som de bandas invisiveis avançam as hostes; dum lado, os "garboistas", aos milhares, fortes, aguerridos, veteranos de muitos combates; do outro, os "stenistas", inferiores em numero, mas igualmente ardorosos, cerrando fileiras com a fé eo enthusiasmo, que provocam os novos idolos.

Faz pouco tempo, em Chicago, dois cinemas da mesma rua exhibiam os films rivaes, "Naná" e "Rainha Christina". Numa e noutra casa, longas filas de **fans** esperavam, á porta, o momento de entrar. De repente, do meio dos que se dispunham a ver a Garbo, elevou-se uma voz ironica:

— Yah! Nana!

Era uma pilheria atirada aos admiradores da Sten, logo seguida de grande algazarra, em que as exclamações de escarneo se misturavam com os gritos de guerra.

Colhidos de surpresa, os partidarios da "russa" permaneceram um instante em silencio, mas a resposta não se fez esperar. Uma vaia enorme rebentou nos ares e, por espaço de algum tempo, houve troca violenta de desaforos.

— Pé grande! berravam os da "russa".

— Cara de lua cheia! uivavam os da "suéca".

Com isso se amenizou a espera, porque, afinal, a coisa descambou em brincadeira, mas, de qualquer modo, força é reconhecer que, naquelle momento, tanto os **fans** da Garbo como os da Sten cediam aos imperativos dum partidarismo sincero.

Na espontaneidade das suas manifestações, sentiam-se realmente dispostos a quebra lanças pelas suas respectivas damas.

A rivalidade entre a Garbo e a Sten era um phenomeno inevitavel. A suéca é uma especie de padrão pelo qual as outras se tem que medir e Anna Sten apresentou-se como candidata a sua competidora. Ninguem se lembraria, por exemplo, de oppor á suéca uma actriz como Joan Crawford. Apesar de toda a sua popularidade, Joan pertence a outro genero. Não póde haver comparação entre uma e outra, porque cada qual se move dentro da sua orbita natural e cada qual attrahe a attenção do publico dum modo differente. E' o mesmo que dizer, mal comparando, que não se póde pôr o Camondongo Mickey em confronto com a Garbo...

Com Anna Sten, porém, a historia é outra. Desde o principio, que se procurou rodear o nome da russa duma aura de mysterio. Graças a uma engenhosa campanha de publicidade, inda a "estrella" não terminara o primeiro film, já corriam, em torno della, diversas lendas, muito semelhantes ás que fixaram a personalidade cinematographica da Garbo. Quem era Anna Sten, uma nova deusa que o publico ia conhecer em breve?

Uma princeza encantada, uma joia rara, uma criatura de dotes tão excepcionaes, que empresarios sabidissimos não haviam hesitado em pagar-lhe, por espaço de dezoito mezes, mil e quinhentos "dollars" semanaes, emquanto ella se dedicava a aprender inglez! Uma actriz tão formidavel que esses mesmos empresarios tinham inutilisado a primeira versão do Film que ella estava a fazer, por não a julgarem bastante digna do seu talento! Como é de suppor, não houve quem não se impressionasse com semelhantes dithyrambos. Na verdade, Hollywood é a terra dos megalomanos e dos sensacionalistas, mas o tom de sinceridade dos incensadores de Anna era tão ardente, que, mesmo na metropole do film, não deixou de causar emoção.

Depois, começaram os annuncios de "Naná". Grande profusão de photographias de Anna, encantadora nos seus trajes do seculo 19. Um diluvio de adjectivos. Epithetos, que pareciam escolhidos a dedo entre os mais conhecidos dos admiradores da Garbo: mysteriosa, exotica, suave, fascinante e o omnipresènte "g l a m o-rous". Os reclames eram um desafio cara a cara. Quasi que diziam, letra por letra: "Aqui está a G a r b o da United Artists! E' a nossa candidata á coroa da Suéca silenciosa! O "ring" está aberto e vale tudo. Em luta, pequenas!"

Attingiu a coisa tal ponto, que os responsaveis pela campanha, se chegaram, algum dia, a temer a possibilidade dum fracasso, devem ter tremido de terror. Anna Sten não era, de modo nenhum, a primeira rival da Garbo em estado potencial, mas jámais se vira tanto barulho em torno do nome duma actriz, que, no emtanto, timbrava em permanecer invisivel. Os "fans" ficaram á espera duma divindade. Mesmo que dessem o devido desconto aos exaggeros da "reclame", tinham, não obstante, o direito de exigir artista muito acima do commum.

Resta dizer agora que os responsaveis por Anna Sten jogaram e ganharam. O film foi apresentado e embora "Naná" não causasse grande enthusiasmo aos criticos, o successo de Anna deu que falar. Ella encheu os cinemas e as cartas dos "fans" começaram a chegar ás centenas. O seu segundo film, "We Live Again" "Ressureição" de Polstor), entrou logo em preparação e, coisa curiosa, Mamoulian foi o director escolhido, o mesmo que dirigira "Rainha Christina". Muita gente suspirou de contentamento e uma nova e fulgurante "estrella" tomou graciosamente o seu logar na constellação cinematographica.

Alguns criticos de cinema acham, entretanto, disparatado qualquer confronto que se pretenda fazer entre Anna Sten e a Garbo. Andam os dois nomes ligados apenas pelas razões já indicadas. Na verdade, que caracteristicos se enxergam na suéca que façam lembrar a russa, ou vice-versa? Só porque são ambas louras e gosam do mesmo prestigio entre os "fans"? O unico ponto de contacto, em ultima analyse, é a rivalidade, artificialmente criada pela publicidade.

Será possivel imaginar a Garbo num papel da Sten, ou a Sten num papel da Garbo? Será possivel imaginar a Garbo a passar tão petulantemente á porta daquelle café, em "Naná", o andar gingante, o olhar brejeiro? Não, e tambem ninguem a levaria a serio numa scena como a do chafariz, quando Anna applica um merecido banho naquelle sujeito atrevido. Pela mesma razão, não se acreditaria na Sten, naquella scena de "Rainha Christina", em que a rainha, depois de passar a primeira noite com o seu amante, se põe a acariciar silenciosamente, com a face illuminada por uma chamma interior, diversos objectos do quarto, que foram mudas testemunhas do seu amor e cuja lembrança ella quer guardar, para sempre, na memoria, como um thesouro. A ardente **Naná** não perderia tempo a fazer festas á pedra e á madeira, tendo o seu amado em carne e osso, ali á mão de semear...

Os rostos das duas dizem tudo. O da Sten é cheio, de labios sensuaes, olhos francamente provocantes; o da Garbo, suavemente modelado, quasi ascetico na sua serenidade, de olhos enigmaticos e profundos, a expressão grave e nobre. A Sten parece gritar: "Vem!" A Garbo previne:

"Não te aproximes!"

A figura de mulher, que vemos em "Naná", palpita de vitalidade, vibra pelos instinctos e gosa todas as alegrias que a vida lhe dá. O riso e o amor são os seus elementos naturaes e os braços dum homem o refugio mais agradavel. Um typo, no fim de conta, commum, sem nada de mysterioso que o destaque.

A Garbo, pelo contrario, parece viver num mundo áparte, um mundo distante do qual ella desce, ás vezes, para apparecer aos mortaes. Não se cuide, entretanto, que tal attitude seja sómente um reflexo das historias, que se forjaram a respeito do seu voluntario isolamento. Os poucos que conhecem a Garbo garantem que a sua reserva é authentica, impenetravel a qualquer extranho.

Mas esquecendo tudo isso e levando sómente em conta a impressão creada pela sua imagem cinematographica, o resultado seria o mesmo. O lento e fascinador sorriso da actriz tem quasi o effeito dum milagre, naquella mascara tragica. Rostos assim não parecem ter nascido para o riso. Os raros momentos de alegria da Garbo tornam-se, desse modo, mais intensos, pelo presentimento que se tem de que não durarão m u i t o! Aquelles olhos sonhadores parecem ter visto coisas que, para nós, estarão sempre occultas, coisas que a ella lhe deram sabedoria, piedade, ternura, mas que a tornam, de bom ou mau grado, uma figura extranha ao mundo real. Ha sempre um prenuncio de conflicto entre as suas paixões humanas e o impenetravel destino que a espreita do meio do mysterio. Mesmo cedendo, a Garbo é como que inviolavel. Dir-se-ia que até nas horas de derrota, permanece irreductivel!

Esse aspecto da sua personalidade tem sido convenientemente explorado nos films, pois, seja por instincto ou por intensão, o certo é que bem poucas pelliculas da Garbo terminam por um abraço amoroso em que, dum modo ou doutro, não haja um fundo de "imperfeição".

O amante cinematographico da Garbo raramente a consegue e o mais interessante é que, por qualquer obscura razão, achamos isso perfeitamente logico!

E ha algum desses traços, na personalidade de Anna Sten? "Nem é preciso", respondem os admiradores da russa. "Gostamos della assim mesmo"!

**(Termina no fim do numero).**

(*De GILBERTO SOUTO, representante de CINEARTE em Hollywood*)

# No Studio da METRO

NOVAMENTE no set de "A Viuva Alegre", esse film que está destinado a ser um dos maiores exitos da proxima temporada. Que prazer assistir a tomada de uma scena, quando esta é dirigida pelo grande Lubistsch! Lá estava elle. Desta vez, como já era tarde, Ernst havia tirado o casaco e suava, ao calor daquelle dia de verão, trajando apenas uma sweater... Sempre o mesmo. Espirituoso, cheio de bom humor e com seus modos de director-gentleman.

Pobres extras! Um calor que me fazia lembrar um dia de Dezembro no Rio e aquella multidão, abafada em roupas de pastores e camponezes. Casacos pesados de pelles de cabra — bonets de felpo cobrindo-lhes as cabeças e... grossas bategas a escorrer pela testa! — As caldeiras de um vapor, comparadas áquelle ambiente, deveriam ser mais agradaveis que um frigorifico!

Lubitsch de charuto — quando é que elle o abandona? — dava a impressão de ser elle toda uma companhia de artistas. Cada extra ou "bit-player" encontrava nelle um double, pois o grande mestre mostrava a cada um gestos, expressões, emfim a scena pequenina que deveriam desempenhar. Assim é Lubitsch. Assim vae ser "A Viuva Alegre" — um film que terá em cada scena ou no menor detalhe um acabamento, a perfeição desejada.

Era uma grande sala — tribunal, onde Chevalier é julgado, accusado de alta traição á Patria.

Acredito que o film, em certas passagens, offereça trechos differentes da conhecida versão theatral — a opereta popular. Mas isso nada quer dizer, pois o corpo central da historia foi mantido intacto, assim como as melodias e a letra das canções.

Chevalier, trajando uniforme, peito coberto de medalhas e aquelle ar de conquistador inveterado, era alvo das accusações de cavalheiros severos, de largos bigodes e olhar rispido.

Um grupo de testemunhas esperavam o momento de depôr e entre estas encontramos Tito Davidson, que volta a trabalhar, depois de longa ausencia. Trabalhavam ali mais de cem extras. Todos os typos possiveis, desde o garoto mais pequeno ao velho mais gordo e de cabellos mais brancos. Velhas pesadas e balançando as banhas balofas... Lindas camponezas de sorrisos frescos e rosados.

Um colorido unico nas roupas dos camponios e no berrante dos uniformes dos soldados e officiaes. Até um bóde! Um pastor que suava mais que um estivador, ao sol do meio dia, o traz para a côrte... Um murmurio e risadas de todos os cantos. O bóde era o extra mais caro daquelle dia de filmagem e... o mais mal-comportado! Põe-se de pé, firmando-se nas patas deanteiras e, sem cerimonia, tenta comer as flores e as espigas de milho que enfeitavam os cabelos louros de uma linda garota...

Lubitsch, fazendo soar uma campainha, pede silencio, num modo cheio de bom humor e reclama do pastor mais cuidado... As vestimentas e os pertences de cada extra eram alugados e a companhia não podia estar tendo prejuizos... E o bóde — não ligando importancia, e parecendo desconhecer o prestigio do cavalheiro que acabara de falar — afinal de contas quem é Mr. Lubitsch para um bóde com fome? — faz, logo minutos após, uma desfeita em plena sala do juiz!...

Deixo a montagem... O calor daquelle "set", cujas luzes fortissimas, ainda mais tornavam intoleravel o ambiente, fazia com que muitos dos artistas procurassem descanço e alivio do lado de fóra. Assim, lá estavam Edward Everret Horton, que parece ser um dos preferidos de Lubitsch, Sterling Holloway, de nariz mettido entre as paginas de um livro e, dentro de um camarim portatil, reclinada num divan — essa creatura tão linda — Jeannette Mac Donald...

"Student Tour" é outro film que a Metro está produzindo e que nos mostra um punhado de rapazes e garotas notaveis num elenco onde tambem vemos dois comediantes populares — Jimmy Durante e Charles Butterworth. Essa dupla, disseram-me, mostra-se tão excellente nesta comedia que é possivel que a Metro os volte a exhibir, mais tarde, em outros trabalhos comicos. Ha um contraste grande entre o modo de ambos trabalhar. Jimmy é o typo acabado do nervoso, exaggerado, irriquieto — falando depressa e gesticulando; Charles, de uma calma absoluta, fala pouco, mas dá um accento tão comico as suas palavras que arranca gargalhadas esplendidas por parte do publico.

*Karen Morley agradou immenso no ultimo film de King Vidor.*

*Peter Trent (o primeiro á esquerda), o productor Selznick; Fritz Lang, conhecido director allemão; Howard Estabroock, scenarista, o director George Cukor, Mrs. Selznick e o escriptor inglez High Walpole.*

Visitei uma montagem e lá estavam trabalhando os dois comicos. Jimmy, ao ver-me, faz os cumprimentos habituaes, com um "Allô" que resôa pelos quatro cantos do palco. Fico até sem geito, deante do seu enthusiasmo. Charles estava a um canto, contando uma pilheria a Maxine Doyle, uma garotinha encantadora que a Metro pediu emprestada a Warner Bros.

Phil Regan toma parte nesta comedia, onde ha numeros de musica e dansas. Elle é novo no Cinema e tambem pertence ao elenco da Warner Bros.

Imaginem que Phil, em New York, era policia. Sim, encarregado de manter a lei (e isso é tarefa difficil e complicada numa cidade como New York...) — mas nas horas vagas, elle gostava de cantar. Ouviram-no certa vez. A seguir, Phil estava cantando no radio e depois no cinema!

Mas — quem interessava mais naquelle "set", era Monte Blue. Elle volta a Metro, onde, logo no inicio dos "talkies", ou melhor quando os films principiavam a ser musicados e sonoros — nós o vimos em "O Deus Branco". Lembram-se desse film esplendido, com Raquel Torres?

Foi, se não me engano, o ultimo papel de Monte Blue no cinema. Depois, esteve afastado durante muito tempo, até que a Paramount o trouxe do olvido e lhe deu uma parte num film de oéste. Monte Blue, desta vez, porém, trajava um smoking alinhado. Lembrei-me delle naquelles films elegantes de Lubitsch...

Como o mundo roda. Monte Blue fazendo um "papel" num film — a dois passos do "set" onde Ernst Lubitsch, o homem que o apresentou em obras notaveis, dirigia um dos maiores e mais importantes trabalhos da sua carreira.

Contaram-me que o encontro, ha dias, de Monte Blue e Lubitsch, no studio da Metro foi tocante. Apertaram-se as mãos com amizade... e recordaram, com saudades, os dias da Warner Bros...

Neste film — "Student Tour" — a Metro lança uma nova dansa — "The Carlo", movimentada, cheia de animação e passos ageis. Visitei a montagem; enorme e onde a engenhosidade do studio conseguiu idealizar um "set" original e destinado a impressionar ao publico.

O contraste entre o "set" do "The Carlo" e o de "Four Walls" (Quatro Paredes — a mesma historia, que vimos, ha annos, com John Gilbert e Joan Crawford) era chocante. Este agora era um apartamento pobre. Um desses "flats" da Segunda Avenida de New York — sombrios e escurecidos pela fumaça das chaminés.

Lá estavam figuras conhecidas. Franchot Tone, Karen Morley, Mae Robson e o nosso Raymond Hatton.

Quasi que não conheci a Hatton, cujo rosto estava escondido debaixo de umas barbas venerandas. Elle faz um papel de um judeu. O chapeu côco (era inevitavel...) o casaco longo, a fala arrastada e o sotaque pittoresco.

Quem dirigia era Paul Sloane, que os velhos "fans" recordam muito bem. Elle ha muito tambem não dirigia, mas, ha bem pouco, Lou Brock lhe deu a direcção de "Down to the Last Yacht" e esta musical lhe trouxe boa sorte. Logo a seguir, a Metro o chamou e lhe deu a dirigir este film dramatico.

A scena era longa e bastante dialogada. Raymond a fazia muito bem. Mas, no momento em que se dirigia a Franchot Tone e o deveria chamar pelo nome, elle pára e diz: "que diabo, não posso me lembrar do seu nome! Afinal, como é que você se chama?

Mae Robson soltou uma gargalhada e diz: "Pensei que isso era previlegio meu!...

Paul Sloane ajuda-o e faz notar que o trabalho de Raymond Hatton era muito bom. Elle o elogia em voz alta e eu fiquei contente de ver aquelle sempre lembrado artista dos velhos films de De Mille numa parte boa e — mais do que isso, vendo o seu merito e o seu valor reconhecidos. Karen Morley — vocês sabem — é uma creatura linda. Ella tem subido bastante ali dentro do studio da Metro, desde que acceitou aquelle papel curto, mais bonito, no film de Garbo *Inspiração*... Karen terminou, ha pouco, uma parte no novo film de King Vidor — "O Pão Nosso de Cada Dia" (Our Daily Bread), as criticas são muito boas.

Já era mais de uma hora da tarde — quando dei um pulo ao restaurante afim de comer um pouco. O restaurante de um studio é o logar mais curioso para ver a parada das estrellas. Ali estão os nomes mais conhecidos e mais populares — mas não vão logo pensar que na mesa visinha á sua, Garbo estará dando uma dentada num franguinho assado ou saboreando um pedaço de "apple-pie..." Nada disso!

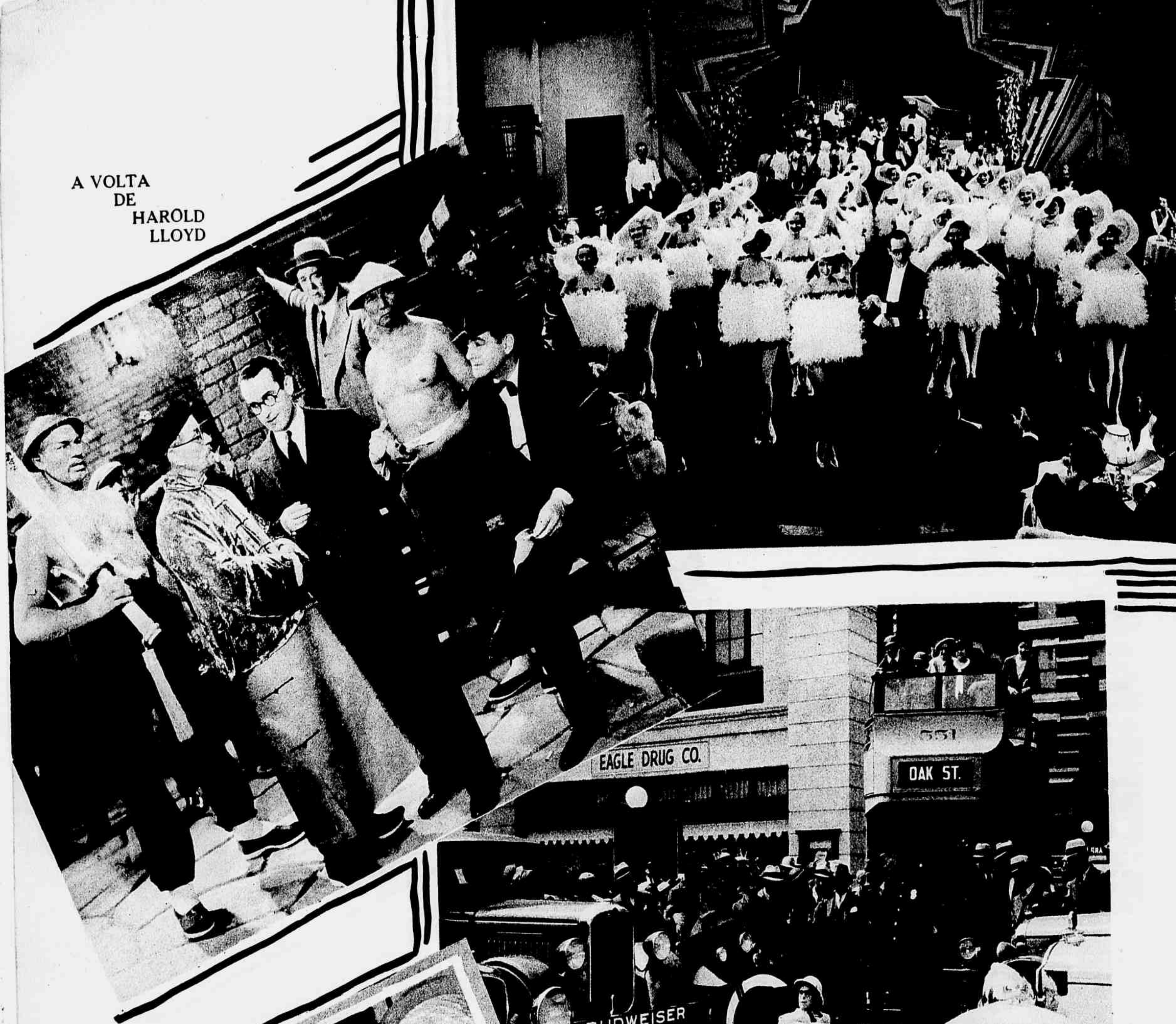
Mas... vamos ver quem estava lá nesse dia... e como se trata de hora de comer, vamos por agua na bocca dos leitores...

Muriel Evans? Conhecem-na? E' uma pequena que a policia deveria prohibir de andar por este mundo. Ella é a tentação maior que conheço e principalmente vestindo aquella toilette de velludo negro! Ah, Muriel...

(*Termina no fim do numero*)

*Durante a filmagem de "Student Tour"*

A VOLTA DE HAROLD LLOYD

Harold e Grace Bradley

Scenas de "THE CAT'S PAW", que vae passar com o titulo de "Testa de ferro".

# Supplemento de CINEARTE

INFORMATIVO PARA O DISTRIBUIDOR E EXHIBIDOR

ANNO I — 1º OUTUBRO — 1934 — NUM. 4


# Só em 1935, a Columbia realizará o programma expansionista da sua producção

Fritz Urban

Hoje, nestas columnas destinadas a ouvir a opinião dos dirigentes das companhias distribuidoras acerca da temporada cinematographica do anno futuro, cabe a vez ao Sr. Fritz Urban, talvez o mais jovem entre quantos cinematographistas possue a nossa praça, na direcção de uma iniciativa do vulto actual da Columbia Pictures do Brasil.

Com o optimismo que lhe é peculiar e baseado tambem na linha ascensional dos lançamentos feitos pela sua agencia nestes ultimos mezes, o nosso entrevistado assim opinou a respeito:

— Conforme é do dominio geral, sómente em Março do corrente anno conseguiu esta marca fixar aqui as suas agencias — uma no Rio, a matriz, e outra em São Paulo, como succursal — para lançar as suas producções de modo directo. Até então isso era feito por intermedio da United Artists.

Ora, em tão curto espaço de tempo, a Columbia apenas apresentou o seu novo cartão de visitas. Para 1935, sim, realizaremos de facto a consolidação de um prestigio seguro, mediante um stock de producções notaveis, segundo noticias confirmadas dos Estados Unidos.

Aliás o progresso crescente desta productora está claramente manifestado pela sua expansão cada vez maior nos quatro cantos do mundo, avança de modo seguro em todos os continentes e com resultados auspiciosos para a sua vida economica.

Ainda ha poucas semanas, na Convenção Annual da Columbia, Mr. Jack Cohn, vice-presidente, informou á enormissima assistencia que, para a época de que estamos tratando, seriam apresentadas 48 pelliculas de metragem, 26 complementos de duas partes, e 8 séries de shorts em 1 parte com os mais insignes artistas e directores.

Noutra informação recentemente chegada, Mr. J. H. Seidelman, nosso *Foreign Manager*, detalha que teremos 10 soberbos "extended runs", 20 supers, 10 celluloides especiaes de acção dramatica e 16 *westerns*.

Esses *extras* serão: *NO GREATER GLORY*, o maravilhoso poema do director Borzage, que dizem ser uma replica a *Sem novidade no Front; 20 TH CENTURY*, o film mais discutido presentemente (pois ambos pertencem á producção deste anno, embora venham incorporados á de 1935); *ONE NIGHT OF LOVE, BROADWAY BILL, WHOM THE GODS DESTROY, THE CAPTAIN HATES THE SEA, CARNIVAL, THE GIRL FRIEND, JAIL BREAKER* e *A FEATHER IN HER HAT.*

— Ha muitas referencias a *One of love?* — commentámos.

— Realmente. Toda a critica norte-americana teceu louvores a tal realização. Toda a colonia hollywoodense, através de seus luminares — Gloria Swanson, Norma Shearer, Eddie Cantor, etc. — enviou á estrella do film, Grace Moore, cartas ardentes de enthusiasmo pela sua actuação. Deve saber que Grace Moore é uma das vozes mais gloriosas da scena lyrica de Tio Sam. Pois bem, nesse espectacular film ella

## O ETERNO FANTASMA

(Celestino Silveira)

*Avisinha-se o fim da temporada. Estamos assistindo os ultimos grandes films, ou como tal considerados pelos seus apresentadores, no corrente anno. Mais uma ou duas quinzenas, e as agencias terão que archivar em seus cofres, para depois de março, o que Nova York continuar a remetter-lhes, aproveitando o interregno que vae de novembro a fevereiro, para soltar a producção de menor calibre, aquella que não teve tempo de ser apresentada nos mezes fortes. O episodio é de tradições, renovando-se cada anno, restando saber si a medida adoptada pelas casas distribuidoras é realmente acertada. Deve ser — em parte, pelo menos. Cada film precisa attingir uma determinada quota, na proporção da valorização que lhe foi dada pelos seus productores, embora nem sempre essa valorização venha a ser confirmada pelo publico. Producções das quaes se esperavam cifras vultosas de receita, decepcionam o cinematographista com "bordereaux" muito aquem, emquanto outras invertem os papeis e surprehendem com bilheterias largamente compensadoras.*

*Ainda está para surgir o propheta infallivel do successo de um espectaculo, cinematographico, theatral, sportivo ou de qualquer outra categoria. "Ha uma coisa muito séria que se chama publico..." — daqui o disséinos uma vez, não sendo demais repetil-o. Mas apesar da incerteza eternamente reinante, e justamente porque o negocio cinematographico é o mais fluctuante que ainda appareceu, ou precisamente por esses motivos, é que nos parece não estar bem ajuizado ainda o criterio do lançamento, ou não lançamento de films de categoria, nos mezes de verão. Provado está que o publico, mesmo aqui de longe, acompanha com uma assiduidade talvez não admittida pela classe, o movimento de producção e os lançamentos nos Estados Unidos. Si uma pellicula se exhibe em Nova York, com absoluto successo, não tarda que a legião dos "fans" verdadeiros, aquelle que procura os informes nas revistas especializadas norte-americanas, o saiba. O mesmo acontece quando o desastre se verificou. Resulta que quando esse mesmo film vem a ser estreado aqui no Rio, o publico está mais ou menos orientado, não se deixando guiar passivamente pela publicidade commercial desenvolvida em torno á sua apresentação local. Procura a fonte de informações da origem. Ha sempre um amigo, um bem informado, que diz si o celluloide agradou mesmo, em Nova York, ou si o contrario aconteceu. Parece absurdo, mas não existe nada de mais exacto do que aqui estamos expondo. "Cinearte" mesmo, pelas informações de seu correspondente effectivo em Hollywood, previne o publico brasileiro, com antecedencia de muitos mezes, do thermometro que orientou a acceitação do film, e divulga tambem o seu merito artistico. Ora o nosso publico tem evoluido bastante. Frequentemente se escuta dizer de um cinematographista profissional que este ou aquelle film é melhor que um terceiro, mas esse terceiro agradará mais ás nossas platéas "porque está mais assimilado ao meio ambiente". Nem sempre isso acontece. Si um film tem o merito elevado para agradar ao critico, ao exigente, tambem agradará ao publico, que é ainda o mais exigente critico.*

*Sendo assim, acontece que a propaganda repisada e dilatoda á margem de um determinado film acaba improficua, sinão prejudicial, si este não corresponder á espectativa. Sempre que se annuncia uma pellicula com grande antecedencia, o publico fica no direito de exigir um espectaculo por muitos motivos surprehendentes. E si o film fôr apenas bom, esse mesmo publico que o admittiria sem maiores discrepancias quando apresentado regularmente, poderá irritar-se.*

—oOo—

*Vae longe o tempo que impunha um largo intervallo entre a estréa de uma producção em Nova York e a sua correspondente estréa em nosso mercado. Ambas se fazem, hoje, sinão simultaneamente, com esse intervallo summamente reduzido. Tivémos este anno o exemplo de films recebidos por via-aérea e chegaremos a assistir as producções americanas logo após terem sido entregues ao juizo do publico "yankee".*

*Como admittir, portanto, que films já estreados em Nova York nesta altura do anno, só venham a ser projectados em nossos cinemas no segundo semestre de 1935?*

*Sabemos que a solução do problema seria, possivelmente, a installação de apparelhamentos refrigeradores, do systema recentemente applicado ao Municipal, nos cinemas já existentes, mas os exibidores allegam que essa adaptação importaria em uma inversão de capital superior a cinco centenas de contos e seus resultados materiaes não compensariam, no espaço de tempo desejado, a inversão de quantia tão vultosa, em um negocio cuja oscillação se afigura sempre e cada vez maior.*

*Ninguem melhor do que nós reconhece que os mezes de verão inhibem as agencias de grandes lançamentos, porque suas receitas não correspondem ao que taes films tem de produzir. Mas não estamos aqui fazendo reclamações, sinão expondo o problema tal como se apresenta. E o verão bate-nos ás portas, mais uma vez!*

tem opportunidade de se revelar em varios trechos de opera a caracter, na *Butterfly*, no *Turandot*, etc. E' idéa nossa lançarmos essa producção em Maio.

— Quanto aos outros artistas novos contractados...

— ...figurarão em todas essas pelliculas. Para resumir, porém, direi que sob a bandeira da Columbia teremos Lupe Velez, Jack Haley, Grace Moore, Edward G. Robinson, Myrna Loy, John Gilbert, Edmund Lowe, Wynne Gibson, Jack Holt, Claudette Colbert, Walter Connolly, Victor McLaglen, Boris Karloff, Ann Sothern, Warner Baxter, Fay Wray, e outros.

Esses astros e essas estrellas serão emmoldurados em grandes *rôles*, sob o rythmo de *azes* directoriaes como Frank Capra, Lewis Milestone, Victor Schertzinger e Howard Hawks, além de outros como Leo Bulgarov, Albert Rogell, que dirigiu *'Thesouro do Mar"*, D. Ross Lederman, David Burton e Lambert Hillyer.

Convem acrescentar ainda a esse ról os shorts, onde se destacarão pela excellencia os desenhos coloridos, genero *Color Symphonies*, absolutamente pessoaes e imprevistos. Os Scrappies e os *Crazy-cats* da producção Charles Mintz e os complementos em 2 partes, incluindo comedias, musicas e uma nova modalidade de reportagem cinematographica, que focalizará, em certos casos, a vida intima das grandes personalidades do sport internacional, e, em outros, será um espelho indiscreto colocado sobre os segredos e as scenas naturaes da existencia das estrellas de Hollywood ("Screen Snapshots").

— Inédito e interessante, isso, mas acerca de *extravagancias* musicaes, não ha nada a contar?

— *Sure!* Lançado o genero *buffo* no cinema, a exemplo de "Festa de Hollywood", da Metro, nossa casa apressou-se em compor qualquer scenario no genero, sobre a celebre obra de *Herbert-Fields, The Girl Friend* (A amiguinha), com musica e versos de Richar Rogers e Lorenz Hart. A direcção é de Eddie Bruzell. O *cast* inclue a turbulenta Lupe Velez, Jack Haley e Nancy Carroll...

**Fala-se muito em um novo celluloide de Carole Lombard, ás voltas com as suas flores predilectas — *ORCHIDS AND ONIONS*.**

*BROADWAY BILL*, sob a direcção de Frank Capra, mostrará um novo angulo de um thema curioso e uma nova dupla Myrna Loy — Warner Baxter.

Em meio a essa porção de novidades, é preciso frizar que o lançamento na temporada 34-35 será feito, provavelmente, com *"20th Century"* (Seculo XX ou A Comedia da Vida). Toda gente que está ao par do movimento cinematographico, os fans e os exhibidores sabem já como esse film foi considerado pela critica da America e da Europa como o trabalho definitivo de John Barrymore e Carole Lombard.

"THE CAPTAIN HATES THE SEA" (O Capitão odeia o Mar), segundo affirmam, será a *great chance* de John Gilbert, proporcionada agora pela Columbia. F[illegible]em o *support* desse film Victor McLaglen, Tala Birell, Wynne Gibson, Walter Connolly, que tão bem se tem revelado em nossa producção, e muitos outros.

"WHOM THE GODS DESTROY", uma pellicula de intensa dramaticidade, suggere um problema humano, real, objectivo e doloroso, como aquella historia filmada por Emil Jannings, ha tempos, para a Paramount — Culpa dos Paes (Sins of the Fathers) Walter Connolly, que interpretará o personagem principal, subirá ao *stardom* com o seu vigoroso trabalho.

Tudo isso consta do nosso *Production Book* 1934-1935...

— E os films de mysterio?

— A menos que a censura modifique o seu criterio, não será possivel encontrar nas nossas telas de exhibição, essa especie de producção — que, nos Estados Unidos, mesmo sob as vistas severas do *Production Code* e demais autoridades sociaes, é considerada o melhor exito de *box-office*, o mais amplo e evidente resultado para as bilheterias. Por exemplo: os films de Boris Karloff e de Bela Lugosi, tão bem succedidos lá e prohibidas aqui, de modo taxativo.

Tambem a producção *Western* — considerada com justiça optimo box-office, embora não seja nenhum modelo de arte — onde brilham com as suas proezas sensacionaes Buck Jones e Tim McCoy, será bastante interessante.

Estamos pois, habilitados a fazer uma seria concurrencia na temporada vindoura...

# Os novos cinemas de S. Paulo

São Paulo, Setembro, — O plano de acção traçado pela empresa que tem, como administrador central, Benjamin Fineberg, continúa sendo atacado com decisão e presteza. A capital bandeirante foi enriquecida, este anno, com dois magnificos cinemas de arralde: o *Broadway*, na Avenida São João, e o *Paulistano*, que a propria empresa affirma ser "o mais aristocratico cinema de bairro". São duas casas confortaveis, modernas, que encabeçam agora o grupo do qual fazem parte, ainda, o *Avenida*, o *Paraiso* e o *Cambucy*. E' sabido que outros cinemas, em diversas outras zonas de arrabalde, a mesma organização está cuidando de levantar sem demora, possuindo já, em Santos, o contrôle de algumas casas de diversões.

Tudo leva a crêr que o campo de acção dessa empresa venha a estender-se, em futuro não remoto, por outras cidades do interior paulista, principalmente Ribeirão Preto, contando assim o Estado, dentro em breve, um nucleo de cinemas regidos por uma só empresa, capaz de competir com os mais poderosos concorrentes em qualquer das praças respectivas. Reproduzir-se-á, talvez em maior escala, o "trust" de Luiz Severiano Ribeiro ahi no Rio?

E' o que só o tempo poderá dizer. De qualquer maneira, a Cine-Theatral Ltda. á qual estão encorporados nada menos de dez casas da capital, entre ellas algumas de categoria (*Rosario Alhambra, Republica*), terá no inicio do anno vindouro, por occasião da renovação dos contractos de producção para a nova temporada, um adversario de vulto, além daquelle que sempre possuia na organização da Cia. Brasileira de Cinemas, que incorpora, por sua vez, outro lote de excellentes casas, umas, e bem razoaveis, outras, sobresahindo das primeiras os dois salões Odeon. Ha ainda a resaltar os tres cinemas da empresa Barone, *Santa Helena, Pedro II* e *Paulistano*, embora classificados em ordem inferior.

Tudo indica,, portanto, que na hora da renovação dos contractos para 1935, a "corrida" seja mais séria do que nunca. Tres adversarios respeitaveis se encontrarão, e ainda bem que simultaneamente com a construcção dos novos cinemas, se regista o augmento de companhias distribuidoras de films, para suppril-os a todos, á medida do possivel...

---

*Symphonia Inacabada* manteve-se tres semanas consecutivas na "Sala Vermelha" do *Odeon*. Já ali foi exhibida a segunda producção da "Allianz", *Uma canção para você*, de Jan Kiepura, que o Rio só agora, parece, conhecerá.

---

Está fundado, nesta capital, o *Club Recreativo Beneficente Cinematographico*, que propoz por unanimidade, a eleição de Francisco Serrador para seu presidente honorario. A directoria do Club foi assim composta: Presidente, Antonio Morra, da *Warner-First;* 1° Vice-Presidente, João A. Sequeira Silva, da *Metro;* 2° Vice-Presidente, Edmundo Albuquerque, da *Fox;* Secretario-Geral, F. Lupinacci; 1° Secretario, Nicolau Maino, da *Columbia;* 2° Secretario, Vera Puschmann, da *Warner;* 1° Thesoureiro, José Xavier de Souza, da *Metro;* 2° Thesoureiro, Pedro Esperança, da *United*.

(*Do nosso correspondente*)

**Fachada do Cinema Beija-Flor, em Madureira, no dia de uma matinée com "O Homem Invisivel", da Universal.**

# Os dissabores do "Pão nosso de cada dia..."

(Especial para o "Supplemento de Cinearte")

Arthur Castro é, talvez, o chefe de publicidade cinematographica mais diplomata que o Rio possúe. Elle conhece o tacto de fazer de cada rapaz de jornal, a principio um camarada prestativo, e logo em seguida, um amigo sincero. Quando convida os redactores cinematographicos para uma sessão particular, onde lhes mostra um film que tem de lançar, não faz o elogio antecipado desse film. Prefere a reserva. Aguarda o commentar'o do jornal. E si este não é cem por cento favoravel, Arthur Castro não zanga, nem carrega, o sobrecenho. Sorri com uma habilidade de velho politico. Para a outra vez falarão melhor... E assim, reconhecendo o direito de critica sem prejudicar os interesses da Fox, onde milita ha bastante tempo, resulta o seu trabalho discreto, methodico, de absoluta efficiencia para a companhia. E' elle quem hoje, comparece á barra do Tribunal de Consciencia dos publicistas cinematographicos. Diz pouco e acertado...

**Arthur Castro**
**(Chefe de Publicidade da Fox)**

Quer o "Supplemento de Cinear" ouvir confissões sinceras e inéditas dos publicistas cinematographicos. Que poderei dizer, depois da opinião e dos pareceres de meus collegas? O "Supplemento", ou melhor, Celestino Silveira insiste, e como este é bem o "homem de cimento armado" e amigo dedicado, nada se lhe poderá negar, mórmente em se tratando de fazer publico certos segredinhos interessantes do officio. Pela "enquête" do "Supplemento de Cinearte", em columnas abertas ao "chôro" dos "publicity men", lá vae a minha contribuição.

Celestino amigo, tú como eu, e demais collegas, sabemos perfeitamente os dissabores do "pão nosso de cada dia". Se venturas encontramos, estas ficam secretamente comnosco porque jamais alguem se lembrará dos nossos esforços e dos nossos sacrificios. Por mim, comparo um chefe de publicisdade cinematographica a um general. Cada film novo é um campo de batalha a enfrentar, numa refrega tremenda. E digo general, porquanto os Vice-Presidentes, Directores e Gerentes, eu os comparo a um perfeito estado-maior. Elles discutem o "plano de ataque" e armados de "press-sheets" traçam, com enthusiasmo e orgulho, a maneira de enfrentar o alvo (o publico), emquanto nós, os generaes, ouvimos attentamente, arriscando, ás vezes, um "palpite" criterioso, que em muitas occasiões não é ouvido...

Traçado o "combate" e "assassinados" os adjectivos, inventando qualificativos eloquentes, lá vae "mécha"... Si a batalha é perdida, o pobre do general passa a ser o responsavel por tudo. Não atacou firme, recuou quando o não devia fazer! Mas si a victoria é definitiva e a bilheteria accusar um "bordereau" tentador, si emfim for uma victoria "inacabada", então sim, o estado-maior regosija-se. Em todos os jornaes e revistas vem biographias e "chapinhas" dos heroes... E os denodados generaes são promovidos, com todas as honras, a gloriosos... "soldados desconhecidos!"

Ahi tens, Celestino, em curtas e incisivas palavras, o que posso dizer, certo de ouvir sinceramente, todos os generaes meus collegas, exclamar:

— Muito bem, Castro, essa é a verdade, foste sincero e por isso ahi vae o nosso fervoroso O. K.!

# DE BUENOS AYRES

## Durante cinco annos, não se construirão novos cinemas na capital Argentina — Outras notas.

Buenos Aires, setembro. — (Do nosso correspondente) — O movimento que vinha sendo articulado desde ha muito no sentido de obter um accordo entre os exhibidores desta capital para não serem construidas novas casas de espectaculos durante um certo espaço de tempo, chegaram a um resultado apreciavel. A Sociedad A. de de la Industria del Espectaculo, em reunião extraordinaria de 5 do corrente, approvou um convenio que recebeu a assignatura de todos os seus associados, pelo qual os donos, arrendatarios ou emprezarios de cinemas, considerando que, na actualidade, o numero de casas que com esse fim se encontram em funccionamento, na capital, excede, de muito, o que permitte a média das receitas apuradas, apesar dos preços diminuidos, occasionando uma forçada competencia com sacrificio da legitima pretenção que lhes assiste de obter um lucro proporcional aos capitaes invertidos e aos esforços desenvolvidos nesse sentido, resolvem, de commum accordo e previa deliberação, sem prejuizo de arbitrar outros meios condizentes para attrahir publico, entre outras coisas, o seguinte:

Compromettem-se tambem, adquirir, construir, arrendar ou habilitar por si, de qualquer forma, e egualmente por meio de terceiros, nenhum local além dos já existentes, nem cooperar para a transformação ou mudança do destino de qualquer casa de espectaculos, pelo prazo de cinco annos, á contar da data de assignatura desse convenio. Subentende-se tambem que toda a ampliação de uma sala actual, significando ao mesmo tempo ampliação do terreno actualmente occupado, está compreendido na prohibição citada.

Compromettem-se, tambem, por si ou por terceiros, a não arrendar nenhuma casa existente que por vencimento de contracto, cessação de negocio, fallencia ou outro motivo, seja qual fôr, termine sua exploração por parte dos empresarios actuaes.

Aquelle dos signatarios que venha a faltar, de qualquer modo, ás obrigações estabelecidas nesse convenio, pagará a somma de dez mil pezos, moeda argentina, a titulo de indemnisação, quantia que será revertida em favor da Sociedad Argentina de la Industrie del Espectaculo.

Comprometem-se ainda, os empresarios cinematographicos de B. Aires, a não passar em suas salas os films projectados em nenhum cinema novo, ou na sala de qualquer cinema dos signatarios que tenha a lotação augmentada.

Outras obrigações assumiram os signatarios do convenio, que poderá ficar sem effeito si as circumstancias que o provocaram venham a ser alteradas, mediante o voto de tres quartas partes dos que o acceitaram.

---

No emtanto, agora mesmo volta a falar-se que o theatro da Opera será convertido em casa de espectaculos cinematographicos, soffrendo grandes obras. Esse "consta" tem circulado por muitas vezes. E' possivel que agora a conversão do antigo theatro em cinema seja ainda menos provavel... si o convenio fôr rigorosamente observado!

---

Um velho e lamentavel habito de cinematographistas menos escrupulosos, cujo numero decresce, felizmente, permitte que o publico continue sendo mystificado, assistindo pelliculas silenciosas, velhisimas, com adaptações de som agora feito. Os jornaes protestam e o publico manifesta, por sua vez, uma franca aversão ao systema deshonesto. Agora mesmo a Paramount denunciou á sociedade de exhibidores a existencia de uma copia do film "Macho e Femea", distribuida por José Russo, estabelecido na calle Tucuman 1969, e como o referido film pertence a essa companhia aquella entidade dirigiu-se a todos os exhibidores do paiz para que se abstenham de programmal-o sem intervenção da legitima proprietaria.

Trude

e

Elfried

Sandner

**TRUDE MARLEN**

o novo encanto da Ufa

Scenas de "Spiel mit dem Feuer", um dos seus proximos Films

# John Day Jr., de volta da Convenção Paramount em Los Angeles, fala-nos da temporada de 1935

John Day Jr.

Nosso correspondente especial em Hollywood, Gilberto Souto, teve occasião de ouvir em New York, John L. Day Jr., representante geral da Paramount em nosso paiz, bem como em todo o territorio sul americano, e, sem favôr, um dos mais estimados veteranos cinematographistas locaes. O encontro do nosso correspondente com o homem que dirige o destino da "marca das estrellas" em nosso continente, deu-se por occasião da convenção annual realizada pela Paramount, e os leitores estão lembrados que, nessa detalhada entrevista, o Sr. Day circumstanciou o que seria a producção da sua companhia, para a temporada seguinte. Mesmo assim, não nos furtámos ao grato prazer de ouvil-o, novamente, em seus escriptorios aqui do Rio, sobre os resultados daquella convenção:

— Uma das coisas que mais me impressionaram — começou o Sr. Day — foi o espirito de cooperação e o optimismo reinante entre os membros de toda a organização, aquelle mesmo sentimento de outros annos, quando cada film era um exito certo de bilheteria. A pedido de Emanuel Cohen, realizou-se uma sessão especial para os Delegados no Estrangeiro, e ahi elle esboçou seus projectos para a proxima estação, manifestando seu desejo de cooperar comnosco e declarando que com esse intuito a Paramount fará films de ambiente internacional. O Sr. Cohen interessou-se muito pelo nosso appello no sentido de serem produzidas pelliculas com mais acção e menos dialogo, e tenho certeza que os futuros films reflectirão a orientação por nós solicitada.

Fez uma ligeira pausa e proseguiu:

— A Paramount tem no mais alto apreço o que nós todos fizemos em territorio estrangeiro. Ser-me-ia impossivel entrar em detalhes a respeito das difficuldades de toda a sorte que ella enfrentou nestes ultimos dois annos. A Paramount ficou, relmente, sem elementos para fazer face á sua producção, do que se aproveitaram quasi todas as empresas concorrentes. Perdemos directores, perdemos estrellas, ficámos virtualmente sem elementos de trabalho.

E logo em seguida, animado:

— Mas agora, tudo mudou de figura! Eis-nos de novo, de pé, podendo affirmar pelo **"CINEARTE"**, aos exhibidores brasileiros, que "vamos ter films!"

Passou então o Sr. Day a dar-nos detalhes da producção para 1935:

O mappa de films Paramount comprehende um minimo de sessenta films de programma, vinte e quatro dos quaes, especiaes. Nem todos serão das proporções de "Cleopatra", mas todos serão excellentes films que nos orgulharemos de collocar. Retemos ainda, entre os nossos directores, homens do calibre de Lubitsch, Cecil B. de Mille, Von Sternberg e Norman Taurog. Em 1935, a Parabount terá ainda um total de 204 "shorts", conforme annunciaram os directores da companhia na convenção de Los Angeles.

"Varios desses sessenta films, a que me reportei ha pouco, estão concluidos, muitos em trabalho de camera e mais de metade dos restantes inteiramente planejados, com seus papeis distribuidos, o que nos assegura um abundante supprimento de producção.

E passou a enumerar o titulo dos principaes films:

— Mae West, teremos duas novas pelliculas: "Gentlemen's Choice" e "Me And the King", emquanto Cecil B. de Mille apresentará "Cleopatra", com Claudette Colbert no papel-titulo, Warren William no "Cesar" e Henry Wilcoxon no "Marco Antonio". Mas ha muito mais a destacar. Pode tomar nota:

Gary Cooper em "Lives of a Bengae Lancer", com Cary Grant, Frances Drake, Richard Arlen e sir Guy Standing, Esse film exigiu tres annos de trabalho preparatorio, feito na India, sob a direcção de Henry Oathaway.

"College Rythm", com Joe Penner, artista consagrado do "broadcasting", e Lanny Ross, Richard Arlen e Lyda Roberti, dirido por Norman Taurog.

— "R. U. R", versão cinematographica da sensacional peça de Karel Capek, dirigida por Mitchell Leisen, o mesmo que dirigiu "Uma sombra que passa" e "Filha de Maria".

Bing Cosby e Miriam Hopkins em "She Loves Me Not", com Kitty Carlisle, Lynne Overman e Warren Hymer, direcção de Elliott Nugent.

Claudette Colbert virá tambem em "The Gilded Lily", com Cary Grant.

Sylvia Sidney estará em "Desire", a historia trepidante da vingança de um homem a quem serve como arma de seu odio, sua propria mulher; e em "Limehouse Nights", com George Raft e Anna May Wong.

Gary Cooper e Carole Lombard farão "20 Hours by Air", um film que deve ser o "Expresso de Shangai" no ambiente do ether.

"Love Thy Neighbor", tem um sexteto victorioso que já fez "Os 6 aventureiros". Charlie Ruggles, Mary Boland, W. C. Fields, Alison Skipworth, George Burns e Gracie Allen.

"Rumba", terá a mesma dupla vencedora de Bolero": George Raft e Carole Lombard. Mas esta "estrella" virá tambem em "Now and Forever", onde estão a pequenina Shirley Temple e Gary Cooper.

Um argumento sobre a marinha e a Academia Naval Americana: "Target", com Sir Guy Standing, Richard Arlen, Evelyn Venable, Jack Oakie, Joe Morrisson e Gail Patrick.

De Marlene, que acaba de vencer mais uma vez em "Imperatriz Galante", a Paramount dará "Red Pawn", que será dirigido ainda por Josef Von Sternberg, e Cecil B. de Mille trabalhará em "Buccanoor", interpretado por Henry Wileoxon, no papel de Morgan, o famoso bandoleiro dos mares.

Um espectaculoso argumento de aviação: "Eyes of the Eagle", por Cary Grant e Frances Drake.

"The Big Broadcast of 1935", com uma selecção de grandes astros do radio americano, notadamente Lanny Ross, Jessica Dragonetta, Jack Oakie, Paul Garrits, etc.

Fizémos uma pausa em nossos apontamentos. Seria impossivel resumir, nesta curta entrevista, toda a producção "Paramount" para o anno vindouro. Mas passámos os olhos sobre a relação completa que John L. Day Jr. nos mostrava, e vimos muitos outros titulos de films cuja interpretação está a cargo de Bing Crosby, Charlie Rugles, Claudette Colbert, Evelyn Venable, Cary Grant, etc., e até mesmo Charles Laughton em "Ruggles of Red Gap", a primorosa comedia classica de Harry Leon Wilson, onde participam tambem Charlie Ruggless e Mary Roland. Assumpto este já filmado pela propria Paramount, no cinema e um dos trabalhos saudosos de Theodore Roberto, lembra-se?

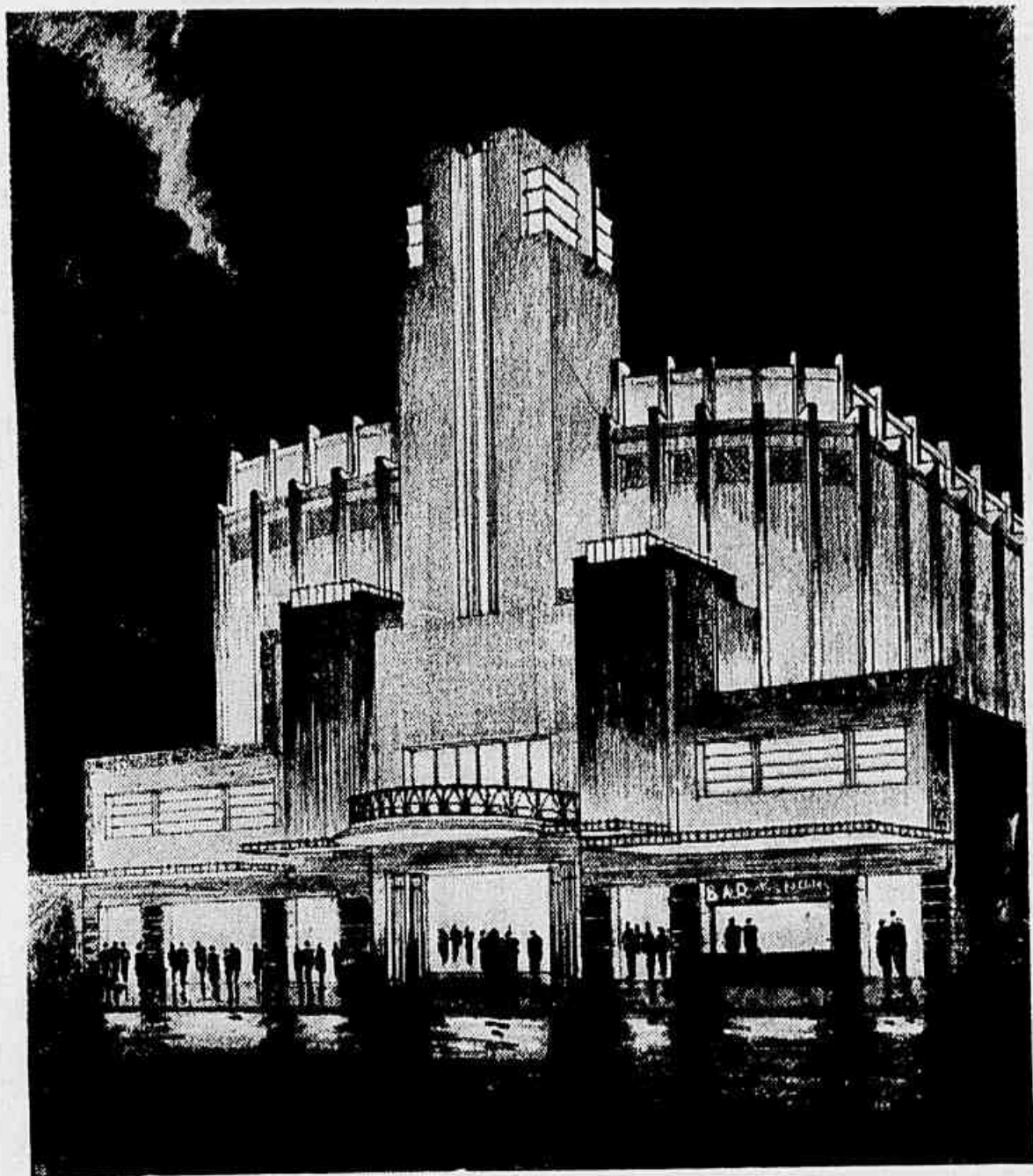
— Em materia de "shorts" — rematou o nosso entrevistado — a Paramount offerecerá variedade egual á que vão offerecer os films de linha. Além dos 104 numeros do "Paramount News", haverá 26 Variedades Paramount", 19 "Paramount Headliners", 13. "Pictorials" 13 numeros sportivos de Grantland Rice, 12 desenhos animados de "Popeye the Sailor" (o já popularissimo "Marinheiro"), 12 "Betty Boop" e 6 desenhos coloridos, estes tres ultimos sob a direcção de Max Fleicher.

Em face dessa producção, magnifica tanto do ponto de vista "quantidade" como de "qualidade", é certo, mesmo infallivel, que a organização Paramount no Brasil terá conseguido, dentro de bem poucos mezes, o restabelecimento do prestigio intangivel da veterana "marca das estrellas".

Já nos despediamos, e ainda John L. Day Jr. timbrava em frisar, com aquelle seu eterno bom humor e num castelhano falsificado de "brasileiro":

— Já vê "usted" que tenho razões de sobra para me sentir feliz, novamente no Brasil, que me pertence tambem um pouquinho, de tanto que aqui tenho vivido, e muito mais agora, de pósse de tantos e tão bons films para "nuestros amigos" os exhibidores "brasileiros"...

# Uma visita ás obras do Cine-Ipanema

## Uma casa de espectaculos, em bairro, maior e mais confortavel que as do centro. — Os novos projectos da Cia. Brasileira de Cinema. — Depois de Ipanema, será a vez da Tijuca...

*Fachada do Cine-Ipanema*

Motivos imprevistos tem atrazado a inauguração do Cine-Ipanema, solemnidade que agora se annuncia para os primeiros dias do mez entrante. O "Supplemento de Cinearte" desejava, já neste numero, informar detalhadamente o leitor sobre as particularidades da nova casa de diversões com que está sendo brindado aquelle elegante bairro carioca, e comquanto não o pudésse fazer noticiando a inauguração, mais uma vez transferida, viu em parte seu deseio satisfeito accedendo ao convite que lhe fez Adhemar Leite Ribeiro, director da Cia. Brasileira de Cinemas a quem se deve o levantamento do Ipanema, para visital-o antes das obras concluidas, o que fizémos aproveitando a tarde do feriado dia 20. Acompanhou-nos nessa visita, R. Paladine, da Paramount, que teve ensejo, tambem, de percorrer detidamente todas as dependencias do magnifico edificio erguido á Praça General Osorio, especialmente para a exploração do Cine-Ipanema. A gravura que illustra esta pagina, reproducção do projecto fielmente observado na importante obra, permitte que se anteveja uma visão do que vão ser as noites de grande espectaculo no modernissimo cinema da Cia. Brasileira de Cinemas. Fachada imponente, obedecendo a linhas simples, rectas, de agradavel impressão visual, o Ipanema convida o transeunte a conhecel-o internamente. Observámos, na tarde em que o visitámos, o interesse dos moradores de Ipanema pelo "seu" cinema, como já o chamam, por isso que diversos eram os automoveis estacionados á frente da construcção, delles descendo pessoas que solicitavam permissão para percorrel-a. Estando os trabalhos dos operarios, nessa tarde paralizados, em consequencia do feriado que se commemorava, essa permissão era concedida, resultando de véras agradavel apreciar a visita prévia dos futuros "habitués" do Ipanema, examinando-lhe a commodidade das poltronas, de assento automatico e silencioso por meio de um dispositivo de borracha amortecedor de qualquer ruido, admirando a amplidão da sala de projecções, onde começavam a ser collocadas as poltronas em numero superior a mil e quatrocentas, sem contar a segunda platéa, de balcões, que permitte ainda a collocação de mais de setecentas outras. Terá portanto o Cine-Ipanema uma lotação total superior a duas mil duzentas localidades, tornando-se um dos maiores, sinão o maior da Capital, contando mais duzentas e poucas poltronas além da lotação do Palacio-Theatro.

Nossa attenção foi, desde logo, attrahida para as magnificas condições de acustica do cinema. Com todas as portas lateraes abertas, e quando tudo devia fazer com que essa acustica fosse, então, ainda impraticavel e pouco efficiente, observámos que a conversa mantida pelas quatro ou cinco pessôas reunidas em meio da sala, repercutia de maneira assombrosa por todo o recinto. Todas as condições de ordem technica exigidas por uma casa especializada no genero, serão infallivelmente encontradas pelo publico no Ipanema, desde o material de projecção, constante de dois completos e aperfeiçoados apparelhos Western Electric, até ao systema de ventilação, problema acurado a que se dedicaram os realizadores do Ipanema, tudo fazendo crêr que mesmo quando a sua vasta lotação se encontre repleta, a temperatura, em qualquer dependencia do edificio, será sempre das mais agradavel. Nem mesmo o conforto dos operadores foi descuidado, pois além de uma ampla e bem installada "cabine" de projecção, permittindo-lhe desenvolver a sua delicada actividade dentro de um perfeito ambiente de commodidade e desafôgo, até mesmo uma "cabine" annexa, com respectivo chuveiro e "toilette" especial, foi cuidadosamente preparada. Mais de cincoenta fócos de luz, installados no sólo e cobertos de solidos vidros leitosos, facilitarão ao espectador a escolha de seus logares com a sala nas trévas, durante o projecção, sem o incommodo de lanterna portatil dos indicadores que, provado está, servem para importunar bastante o espectador já installado. O systema de illuminação, em todo o edificio, mas particularmente na sala de espectaculos obedece ao que de mais aperfeiçoado e moderno existe no genero, estando reservada ao publico, logo na noite da estréa, uma agradavel surpresa nesse sentido, com o jogo de luzes e effeitos ainda inéditos que o Ipanema vae revelar. A disposição da parte deanteira da sala de espectaculos, servindo de moldura á téla de exhibições, faz lembrar, em muito, a sumptuosidade do salão de festas do "Atlantique", e dahi facil será avaliar do effeito sumptuoso que a mesma proporcionará.

Nossa visita ao Cine-Ipanema estendeu-se por hora e meia, tempo não sufficiente para percorrel-o nas menores dependencia. Não está descripto todo o edificio, nem o poderiamos fazer nesta rapida noticia, quando as obras se encontravam ainda inacabadas, mas pelo que observámos, e aqui deixamos registado, é facil prophetizar ao Cine-Ipanema uma phase aurea, logo de inicio, capaz de marcar uma revolução completa no systema de construcção de cinemas em nossa Capital. O que é certo, é que o Ipanema, localizado na Cinelandia, seria sem favor o mais completo, confortavel e decerto o maior de todo o reducto.

A' sala indagámos de Adhemar Leite Ribeiro:

— E uma vez inaugurado o Ipanema?

Um sorriso de confiança desenhou-se na physionomia do activo cinematographista, antes de responder:

— Uma vez inaugurado... veremos o que é possivel fazer então!

Logo depois nos informava, porém, que depois de uma rapida viagem de repouso a Buenos Aires, atacará as obras de construcção de outro grande e moderno cinema, esse para os lados da Tijuca, já tendo escolhido um terreno apropriado, de dimensões respeitaveis, na rua Conde Bomfim, bem perto á Praça Saenz Peña. E depois, com tempo, voltará

Chamamos a attenção dos exhibidores para os dois films annunciados pela Paramount no presente numero.

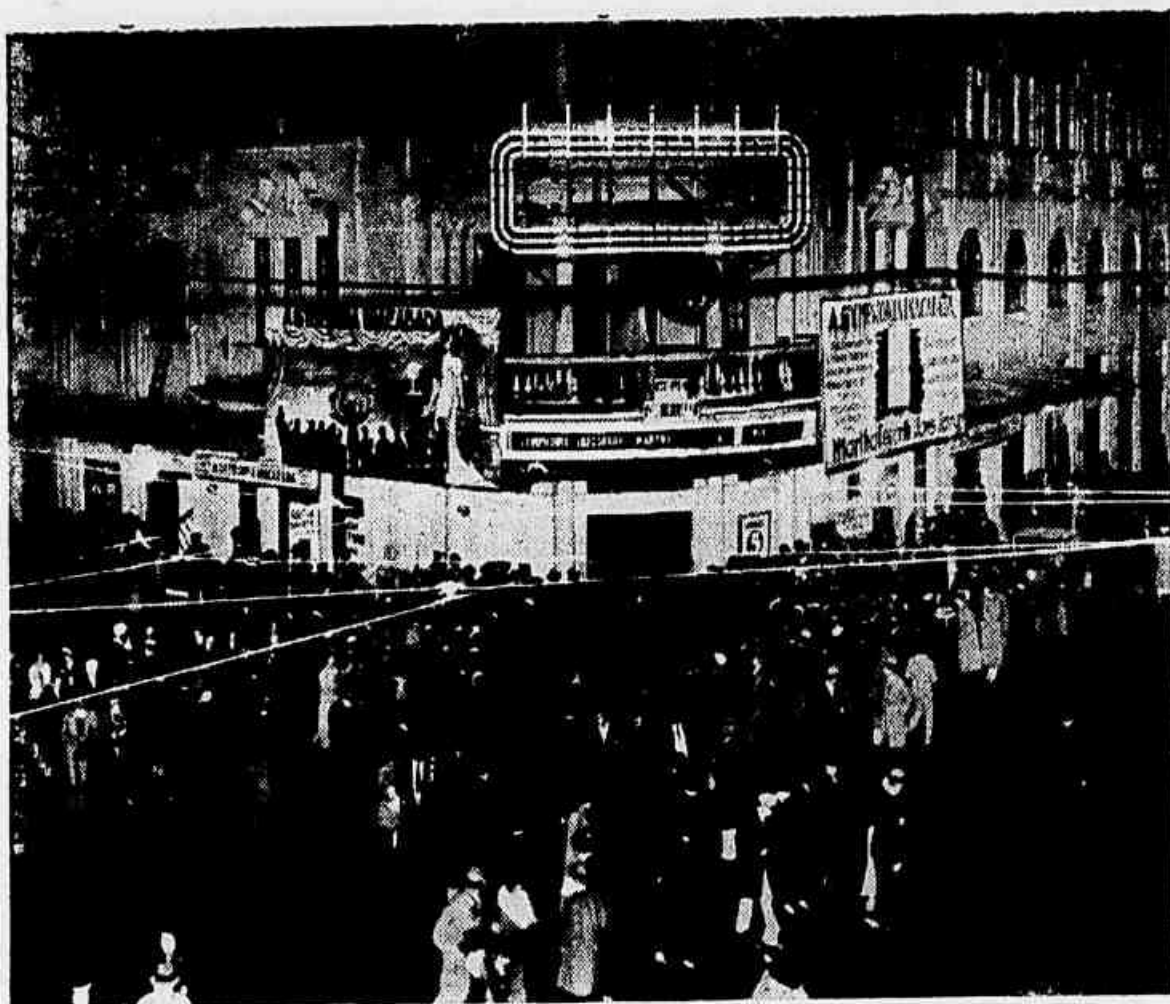
Trata-se de *"Segue o espectaculo"* (Murder at the Vanities), o grande film musical com as celebres pequenas de Earl Carroll e tendo no elenco, Carl Brisson. Jack Oakie, Kitty Carlisle e Victor Mc-Laglen — e — *"Dada em penhor"* (Little Miss Marker), uma emocionante historia com esta maravilhosa "estrellinha" Shirley Temple, que "Alegria de viver" nos revelou, além de Adolphe Menjou, Charles Bickford e a encantadora Dorothy Dell, tão prematuramente desapparecida.

# Uma visita ás obras do Cine-Ipanema

( F I M )

suas attenções para outros bairros.

---

Na Praça General Osorio, bem em frente ao Cine-Ipanema, nosso attenção foi attrahida para um velho chafariz ali localizado e, lamentavelmente, em estado de completo abandono por parte dos poderes publicos, com agua parada, fóco de immundicies que precisa, quanto antes, do saneamento da nossa Saude Publica. Approximamo-nos para distinguir a legenda das duas lapides pregadas ao pequeno obelisco que serve de figura-central do chafariz, e vimos então que se tratava de um pequeno monumento historico, tradicional, levantado nos jardins do antigo Convento da Ajuda — exactamente onde hoje se encontram os cinemas do chamado Quarteirão Serrador — em fins do seculo dezesete, depois transferido para a Praça General Osorio em 1911, por occasião da derrubada do convento. Detalhe curioso a observar, fructo de simples coincidencia, talvez, esse do destino que procura prender o velho mosteiro das freiras aos cinemas: o chafariz, expulso dos terrenos da hoje Cinelandia, foi ter em Ipanema. Pois lá mesmo, vinte e tres annos mais tarde, o cinema o persegue, querendo fazer bôa camaradagem e installando-se bem em frente...

O Colyseu, de Porto Alegre, na noite da estréa de "Symphonia inacabada", onde a cine-Allanz registrou outro notavel successo.

Alvaro Moreyra escreveu sobre "Náná":

"As mulheres costumam ser, uma, por uma, — uma. A's vezes, sobram. A's vezes faltam. Em geral, são monotonas. Ann Sten juntou nella todas as mulheres. Não sobra. Não falta. Nunca sera monotona. E' um corpo e é uma multidão. Continua. Agua. Chamma. Carne. E arranjou uma voz que a ausenta, uma voz que a leva, cantiga de berço, dansa de roda, primeira palavra de ternura, grito de angustia, extase, delirio, renuncia...

Ann Sten... Que importa o livro que a celebrisou! A "Náná", de Ann Sten é de Dostoievski . . . Expontanea, exacta. A gente faz literatura por causa de Anna Sten. Mas Anna Sten não tem culpa da literatura que a gente faz...

---

Do "cine-Reporter", de São Paulo:

Dentro em pouco, não haverá no Estado de São Paulo, cinemas que não sejam equipados com apparelhos de som.

Já agora são poucos os que não podem exhibir, por falta de movietone, os mais modernos films.

Porque, a orientação geral das producções, especialmente européas, dirige-se, inequivoca, para o maximo aproveitamento da musica. E esta exige apparelhos de reproducção muito bons, especialmente entre nosso publico que é, sem contestação, acclimatado á influencia musical mais apurada, como de resto, do paiz todo, não havendo, de norte a sul, refractarios á belleza artistica, como é prova a producção poetica notavel em todas as regiões e as suas musicas proprias.

A differenciação de graus de cultura musical que se pode arguir, absolutamente não supprime a necessidade de contribuir para que seja attingido um nivel mais alto e geral.

O Sonoro, vulgarisando a musica, decisivamente concorre para completar a funcção educacional do cinema.

---

A Warner-First creou uma agencia em Curityba. Foi nomeado gerente o Sr. Roberto Rochmann, que exercia o cargo de contador em São Paulo.

---

A fabrica de apparelhos sonóros brasileiros "Cineton" inaugurou filial em São Paulo sob a gerencia do Sr. Noel Costa.

---

Influencia do cinema... Nos Estados-Unidos, durante o anno passado foram registrados innumeros nomes de creanças com nomes de artistas. 403 — Richard Arlen; 304 — Marlene Dietrich; 290 — Claudette Colbert, 245 — Mae West...

---

Armando Bandeira que era o programmador no "programma Urania," passou para o mesmo cargo no "programma Art".

---

Em Jaboticabal (São Paulo) — o Cine-Odeon, está passando por importantes reformas, inclusive ampliação, devendo ficar com 1.500 logares. Terá poltronas luxuosas, modernos apparelhos de som e illuminação indirecta.

---

Como publicidade de "Ouro", o programma Art. escondeu a metade de uma pulseira de ouro, exposta na "La Royale", em logar bem visivel na Cinelandia, para ser "achada pelo seu contemplado...

A UFA apresenta BRIGITTE HORNEY

Scenas de "EIN MANN WILL NACH DEUTSCHLAND", que terá o titulo de "Regresso á Patria".

BRIGITTE e CARL LUDWIG DIEHEL

A direcção é do veterano PAUL WEGENER

A OUTRA BRIGITTE...

## (SEGUNDO A CRITICA NORTE AMERICANA)

CLEOPATRA (Paramount) — Um film rico e luxuosamente produzido, com todos os detalhes e o brilho typicos de De Mille: orgias, bailarinas, quadros sumptuosos, ambientes impeccaveis.

A historia conta-nos o original encontro de Cleopatra com Cesar e a completa fascinação que a rainha egypcia exerce sobre o chefe romano.

Cesar decide divorciar-se de sua esposa para desposar Cleopatra formando com ella um poderoso imperio. Mas o assassinato do guerreiro romano deixa Cleopatra á mercê de Marco Antonio, que tambem sucumbe aos seus encantos fataes.

Abandonando seu paiz, seu exercito, sua esposa, Antonio fica com Cleopatra no Egypto. Rapidamente elles triumpham do inimigo, mas afinal, vencidos por Roma, preferem a morte á escravidão.

E' uma historia de amor, forte, apaixonada, com effeitos emocionantes. "Performances" de primeira ordem pelos principaes artistas: Claudette Colbert, Warren William e Harry Wilcoxon. Boa ajuda pelo resto do elenco: Gertrude Michael, Claudia Well, Joseph Schildkrant, etc.

OF HUMAN BONDAGE (R.K.O.-Radio) — Soberbas "performances" e uma habil adaptação da esplendida novella de Somerset Maugham fazem deste film um espectaculo extraordinariamente interessante. Não está, absolutamente, retido em imagens, tudo o que Maugham tem a dizer na sua historia. Mas assim mesmo o film tem o bastante para constituir uma apreciavel "soirée" cinematographica para adultos.

O film lucra com a perfeita arte de Leslie Howard, o surprehendente talento revelado por Bette Davis, o encanto de Frances Dee e a arte amadurecida e experiente de actores como Kay Johnson, Reginald Denny, Reginald Owen e Alan Hale.

Lester Cohen, o scenarista, releu e comprehendeu claramente o livro. John Cromwell o director, manejou com grande intelligencia a amarga historia.

Sim, é uma narração bem amarga esta sobre um artista aleijado, contrariado na sua vocação, tentando reconciliar-se com o estudo da medicina e que se entrega todo, a um immenso, torturante amor por uma viciada e voluvel mulher do mundo...

O papel do aleijado Phillip Carey poderia, facilmente, tornar-se estupido e ridiculo se fosse feito por um artista sem a intelligencia e a arte de Leslie Howard.

Bette Davis até aqui collocada em papeis não muito ingenuos — faz de Mildred a "garçonette" londrina, um notavel estudo de infidelidade.

A historia, como se vê, é amarga e pungente mas está manejada sem a menor offensa ao bom gosto geral.

TREASURE ISLAND (M.G.M.) — Esta versão da "Ilha do Thesouro" vibra de acção logo no inicio, continua cheia de emoções, "suspense" e forte drama até o commovente final. E' um Film bello, vivo, inspirado e inspirador! Um film que seduzirá não sómente as creanças, mantendo-as sem folego na poltrona — como tambem fará o mesmo ás pessoas crescidas que apreciam aventuras.

O film proporciona a todos um vibrante enthusiasmo, uma decidida e nova emoção, bem differente da vulgar rotina dos outros films.

E' uma pellicula que resiste ao forte **test** da realidade. Isto é, ao assistil-a você, mentalmente, achar-se-ha tomando parte nas suas agitadas aventuras, na procura do riquissimo thesouro. Você sentirá o sabor acre da agua salgada, sentirá em sua face, o sopro estimulante da brisa marinha! Você sentirá todo o encanto e a aventura dos ardentes mares tropicaes, das terras de fascinação e mysterio!

Em outras palavras: você "viverá" em cada papel que surgir na téla, você será arrebatado para o reinado da phantasia! E quantos esplendidos caracteres! Lionel Barrymore como Billy Bones. Wallace Beery como Long John Silver. Jacquie Cooper como Hawkins. Chic Sale como o velho Ben Gun. E ainda Lewes Stone, Otto Kruger, Nigel Bruce.

Todo o trabalho é esplendidamente divertido e alegre. O film é um monumento a Robert Louis Stevenson.

SHE LOVES ME NOT (Paramount) — Eis aqui diversão da mais pura e limpa. Miriam Hopkins, Bing Crosby e uma das melhores historias collegiaes com que você já topou nas suas visitas ao cinema!

Oh sim! Bing canta, Miriam dansa e que mais quer você além disto? E' um film simplesmente delicioso e você póde levar toda a familia para o assistir, sem receio!

O elegante tratamento torna esta peça que foi um successo no palco newyorkino, uma brilhante e impagavel diversão. Imaginem que a corista Miriam Hopkins é descoberta no dormitorio de uma austera universidade. Nesta scena, Miriam revela um genero de humor que surprehenderá a todos.

Kitty Carlisle é o amor de Bing. Eddie Nugent, Warren Hymer, Judith Allen, George Barbier e Henry Stephenson ajudam.

Miriam bebendo "gin" e executando seus numeros de "cabaret" dentro de um pyjama masculino, é a cousa mais deliciosa que os nossos velhos olhos já viram em toda sua existencia!

GRAND-CANARY (Fox) — Bellissima e perfeita confecção, como é peculiar á todas as producções de Jesse Lasky, este film tambem é distinguido por uma macia e perfeita direcção, um admiravel "cast" e um subtil sentimento artistico.

Em outras palavras: as producções de Lasky significam arte com A maiusculo. Mas infelizmente é preciso mais do que isto para ser um Film de successo, entre as platéas americanas.

"Grand Canary" inicia-se como uma especie de "Grand Hotel", pois apresenta mais ou menos umas 9 pessoas — todas caracteres desenhados com perfeição e bem desempenhados a bordo de um navio, rumo ás Canarias.

O inicio é intrigante, mas a emoção diminue no meio para quasi se desfazer num final fraco. E' a historia de um medico que tendo sido desacreditado profissionalmente, procura nas Ilhas Canarias, recuperar a reputação, combatendo a febre amarella. E ganha o amor de uma "lady", a bella e sincera Madge Evans. Warner Baxter é o medico e o resto do optimo "cast": Zita Johann, Barry Norton, Marjorie Rambeau, Juliette Compton, H. B. Warner e outros.

WE' RE RICH AGAIN (R.K.O.-Radio) — Os Rimplegars de novo! Mas desta vez elles chamam-se Paige, moram em Santa Barbara e você nunca, nunca viu um hospicio assim!

A familia está em vesperas da ruina mas ninguem liga a isto, farristas e insensatos como são.

A avó, Edna May Oliver, é maniaca por polo e jogadora do mesmo! A familia tenta casar Joan Marsh com o millionario Reginald Denny, mas ella só liga aos romances. Gloria Shea foge com o apaixonado Buster Crabbe. E neste hospicio chega a priminha da roça, a boa e ingenua Arabella, que no final fica com o millionario para si.

Marian Nixon nesta parte apresenta o mais delicioso papel de sua carreira. O Film tem ainda Grant Mitchell e Bellie Burke, mais moça encantadora e artista do que nunca!

STAMBOUL QUEST (M.G.M.) — Uma historia de espionagens com altos e baixos, mas é uma das melhores até hoje surgidas. Myrna Loy é a compatriota de "Mata-Hari" que faz o mesmo erro: apaixonar-se.

George Brent é elle, um sympathico medico americano que se vê envolvido numa intriga de espionagem allemã-turca. Lionel Atwill está no seu melhor, como a ameaça e C. Henry Gordon é ainda nosso "villão" favorito.

Nada de horror ou de esfriar o sangue, mas sim muito "suspense", situações excitantes, delicioso dialogo e uma Myrna Loy simplesmente para lá de "glamorous"! E' o melhor papel que Miss Loy tem tido ha muito e nunca antes comprehendemos, realmente, que adoravel artista, que bella e fascinante creatura ella é! Mais Myrna Loy por favor!

SHOOT THE WORKS (Paramount) — As dores de cabeça, nos negocios de theatro postas em musica e transformadas num film esplendido graças aos esforços de um grupo de optimos artistas, uma boa direcção e um brilhante dialogo.

Jack Oakie é o "barker" que ama a artista Dorothy Dell mas arruina este amor pelo jogo, fazendo com que ella perca a confiança nelle. Depois observa a subida, para as alturas da fama, de Dorothy e seu antigo empregado Ben Bernie.

Mas quando Dot está para se casar com um "big-shot" da Broadway, Oakie prova o seu sincero amor, mandando para o hospital, um reporter calumniador.

A nota tragica do film é a presença de Dorothy Dell e Lew Cody, ambos excellentes e ambos agora no outro mundo.

Figuram: Arline Judge, Alison Skipnorth, Roscoe Karns e Paul Cavanagh.

LADIES SHOULD LISTEN (Paramount) — Boa comedia com situações finas e ambientes elegantes. Cary Grant é o sympathico joven conquistador que se vê em complicações com uma mina no Chile e uma "vampiro" hespanhola (Rosita Moreno) Frances Drake é a telephonista apaixonada e Charles Ray faz sua volta ao cinema.

THE WORLD MOVES ON (Fox) — Madeleine Carroll, belleza ingleza começa desfavoravelmente a sua carreira na America, com este film. Uma meia duzia de **plots** são construidos e desfeitos nesta prolongada historia. De um duello em 1825, a acção nos leva atravez a guerra mundial até os effeitos da derrocada financeira de 1929 em uma humilde familia.

Franchot Tone e Dudley Digges apresentam suaves "performances". E' o que se póde chamar uma "producção em larga escala. Ao passo que o mundo e o tempo marcham, nós vemos a guerra, o romance, o progresso, a miseria, a felicidade — tudo emfim o que attinge os povos civilizados. (Neste film é que figuram Raul Roulien, Reginald Denny, Barry Norton e Louise Dresser.)

**The World Moves On**

**Stamboul Quest e Jane Eyre**

OUR DAILY BREAD (Viking Prod.) — Depois de uma prolongada ausencia da téla, King Vidor volta com aquelle seu poder especial, para dirigir uma historia de sua lavra que já se sabe o que é: a luta do homem com a terra.

Abertamente communista o film retrata a vida em commum num rancho e como "climax" a victoria sobre a secca. Tom Keene e Karen Morley vão muito bem e Barbara Pepper, uma especie de Jean Harlow, será notada pela platéa masculina.

WHITE HEAT (Seven Seas Prod) — O local desta ingenua e simples narrativa é Hawai onde David Newell feitor de uma plantação de canna de assucar, vive com uma nativa e depois abandona-a para casar-se com uma pequena branca. Ha trechos emocionantes como o incendio que irrompe durante uma luta, tremendamente realistica, entre Newell é o rival. Excellente trabalho dramatico de Mona Maris, Virginia Cherril e Hardie Albright, Boa direcção de Lois Weber, a celebre directora hoje afastada do cinema.

HIS GREATEST GAMBLE (R.K.O.-Radio) — Apresentando a luta entre o bohemio Richard Dix e sua fria esposa, amante das convenções sociaes, para educar sua filha — o film tem os seus momentos de real poder emotivo.

Richard rouba a creança mas é preso e annos mais tarde encontra-a já crescida (Dorothy Wilson) .Ahi então, protege-a para que seja feliz com seu noivo Bruce Cabot. Shirley Grey e Erin O'Brien Moore figuram.

THE OLD FASHIONED WAY (Paramount) — E' difficil a quem attribuir o merito deste film, os seus impagaveis "gags", situações e dialogos, se a W. C. Fields ou ao director William Beaudine. Mas a verdade é que são ambos esplendidos.

E o director deve receber uma homenagem pois encadeou uma serie de scenas notaveis sem uma só ligação fraca.

Fields está comico demais para ser descripto. E' melhor vel-o, para julgar por si mesmo. Com Joe Morrison, um valioso achado para a téla, Judith Allen toma conta das scenas romanticas. Baby le Roy entra em algumas sequencias e sempre esplendido.

JANE EYRE (Monogram) — O velho e famoso livro, feito com muito bom gosto mas um pouco lento na sua narração. Mas com Virginia Bruce como Jane e Colin Clive como Rochester, o film é cheio da poesia e do espirito que tornaram o livro celebre. O que ha de mais notavel no film é trazer de volta á téla, Virginia Bruce simplesmente lindissima e revelando esplendida voz ao cantar a "Serenata", de Sehubert. A historia de Charlotte Bronte é conhecida demais para ser contada aqui. Beryl Mercer, Aileen Pringle o Jameson Thomas figuram.

BLACK MOON (Columbia) — Se você está disposto a vêr uma mulher branca escravisada pelos ritos Voodoos, magia negra, tambores e crenças selvagens — este film será uma perfeita diversão. A historia tem logar numa ilha nas Antilhas onde Jack Holt, esposa e filha (Cora Sue Collins) residem e para onde vem a bonita secretaria Fay Wray. Ha momentos sinistros, outros apreciaveis e um "climax" optimo. O papel e o trabalho de Dorothy Burgess é algo para não ser esquecido.

# NORMA

O publico que tão pouco sabe sobre Norma Shearer tem o direito de observar, pelo seu verdadeiro aspecto, a mulher que eu vejo, conheço e amo."

Com estas palavras, Irving Thalberg prefaciou esta entrevista a qual, verdade seja dita, não queria dar e procurou evitar, com toda a sinceridade.

Irving Thalberg é extremamente reticente ao falar sobre os seus sentimentos em relação á qualquer pessoa. Chamado pelos seus associados e seus proprios amigos "o silencioso, e bocca fechada do Thalberg", foi particularmente difficil para elle, vencer sua natural reserva de reticencias e modelar em palavras, uma apreciação sobre sua famosa e adoravel esposa.

Mas porque sua opinião sobre Norma Shearer, ao que elle saiba, nunca foi publicada, Mr. Thalberg consentiu em prestar um tributo publico de sua admiração á sua querida esposa atravez esta entrevista.

— "Você sem duvida já ouviu" diz elle "que foram precisos tres annos para me encher de coragem e lhe fazer o primeiro convite para uma festa. Este boato não é verdadeiro. Foram precisos tres annos e meio!

"Assim você póde promptamente ver que para uma pessoa, soffrendo de uma tal somma de timidez, não é tarefa facil nem pequena relatar como é a Norma Shearer que conheço e amo. Na verdade, vejo que é difficilimo dizer algo que se relacione com Norma. Ella significa muitissimo para mim.

"Norma é sempre solicita e attenta sobre o bem estar e a felicidade d'aquelles que estima. Foi esta sua immensa consideração e desvelo para commigo, que lhe valeu, accidentalmente, uma reputação de altivez."

E Thalberg começa a me explicar como se deu a completa absorção de Norma Shearer no seu bem estar, nos seus gostos, na sua saude. Toda esta dedicação ao marido levou-a a tomar como praxe nunca acceitar convites repentinos.

"Norma fez isso por minha causa" accresta Thalberg. "Ella sabe como é sempre exhaustivo, fatigante o meu trabalho. Ao ver-me chegar em casa estalfado, Norma

nunca pensaria em me pedir que a acompanhasse a uma festa, quando acabo de deixar o escriptorio depois de 12 horas de trabalho.

Assim, ella rejeita a maior parte dos convites que lhe são feitos devido aos meus poucos momentos de folga. Accusaram esta sua inquietação para com o meu bem estar, de um pretexto para se esquivar. Isto eu garanto á todos, é uma grandissima mentira! Norma Shearer é a bondade e a gentileza personificada, para com todas as creaturas de suas relações."

Os olhos de Irving Thalberg brilham de maliciosa alegria ao dizer as seguintes palavras: Ha esta etiqueta que lhe puzeram — **a perfeita dona de casa.** E devido ao facto de ser Norma a esposa de um productor, todos tentam envolvel-a num manto de orgulho e inatingivel formalidade. Certa vez, uma amiga de Norma quiz convidal-a para ir a sua casa. Mas não o fez e disse a outra amiga: "E' nada mais do que uma ceia intima. Eu temo convidar os Thalbergs a não ser para um jantar de cerimonia."

"Você pode imaginar o quanto isto tudo me diverte! Principalmente quando me recordo das festas intimas que tenho visto a **perfeita dona de casa** organizar!

"Norma tem um fascinante sentimento de aventura. Ella adora reunir as mais variadas e differentes personalidades numa festa só para ver o effeito! Algumas vezes este seu esplendido espirito de aventura resulta em festas adoraveis. Mas outras, são legitimos fracassos. E como toda a normal dona de casa, Norma tem tido sua parte de responsabilidade quer nos triumphos ou nos fracassos."

Irving Thalberg aprecia em Norma Shearer, aquelle seu finissimo senso de humor, aquella sua graciosa ansiedade para que todos se divirtam em sua casa. E ella tem qualidades para interferir nas suas reuniões e fornecer a graça e o espirito quando estes ahi faltam. Seus amigos adoram-na é exactamente por isto.

— "Norma tem sido descripta como um compendio de boas maneiras e distincção.

Outro erro. Tenho orgulho em dizer que Norma possue genio, não um genio tempestuoso, fruto de uma irregularidade mental, mas sim, a rapida reação da irritabilidade nervosa. E eu aprecio isso!

Como um marido, não daria um vintem por uma mulher sem temperamento!

Norma póde e sabe controlar-se admiravelmente. Ella disciplinou o seu espirito á um avançado gráu. Mas como todo o ente humano, tem o seu ponto fraco. E confesso que sou um homem de sorte, neste ponto, pois quando Norma explode numa de suas sceninhas de nervos, tem o bom gosto de escolher para scenario, a intimidade de nosso lar.

De outro modo seria mais do que embaraçoso tanto para ella, quanto para mim e para todos! Quando Norma se zanga, arranca fóra as roupas que traz sobre o corpo, numa verdadeira furia!"

Irving relata um pequeno incidente, á este respeito, occorrido durante a sua recente estadia na Europa. Os Thalbergs tinham contractado um joven polyglota, uma especie de guia e secretario. Uma creatura de uma paciencia sem limites e de uma perseverança extraordinaria. Tinha, porém, o máu habito de continuamente incommodar-se e incommodar os outros, preoccupando-se com os menores detalhes, com somenos de minima importancia. Certa noite, em Londres, o casal Thalberg preparava-se

# Shearer que eu AMO

para dormir, quando chegou o super-zeloso secretario. Por duas horas elle tratou e deu relação de assumptos sem a menor importancia, — sempre dizendo que estava sendo pago para cumprir fielmente o seu trabalho. Mas Norma, que não estava em boa forma esta noite, explodiu:

— "Basta de amolações, pelo menos até amanhã!" gritou ella e para espanto do meticuloso secretario, cahiu num dos seus caracteristicos ataques de rasgar roupas. O pobre rapaz correu do quarto, aos gritos: "Mr. Thalberg, Mr. Thalberg, sua senhora enlouqueceu!"

— "Outro ponto que nunca posso compreehnder no que tenho lido sobre a personalidade de minha esposa "continua Irving" é a tal legenda de **dama da sociedade,** que muitos jornalistas inventaram e nella envolveram a figura de Norma.

Ella, seguramente, não é isso. Norma é uma esposa, uma mãe, uma trabalhadora, uma artista. Não ha em sua pessoa a menor parcella de **snobismo.** Mas os escriptores teimam em pintal-a como o prototypo da dama de alta-sociedade, allegando que o publico deseja Norma Shearer é assim: fria, **aloof,** longe do alcance humano.

Ao retratal-a assim, perdem o tempo e ainda a **chance** de conhecer a verdadeira Norma.

Por exemplo: recentemente uma jornalista foi designada para escrever um artigo sobre a vida de Norma Shearer no lar. O encontro foi marcado para uma manhã. Quando a reporter chegou. Norma mandou o mordomo dizer que subisse. E a jornalista foi encontrar a "estrella" sentada á beira da banheira, observando o banho de Irving Jnr. como qualquer mãe burgueza.

Logo após entrei eu no banheiro e com toda a calma comecei minha barba. Entretanto, na sua reportagem, a jornalista nada relatou desta scena domestica. Ao contrario, escreveu um artigo enorme sobre a efficiente social de Mrs. Thalberg e seus luxuosos jantares dansantes!

Ella justificou-se dizendo que era isso o que o publico esperava ouvir sobre a Norma Shearer que admira. Não concordo com esta jornalista. E' minha firme convicção de que todos os **fans** que estimam a Norma que a téla mostra, amal-a-iam ainda mais se conhecessem suas impagaveis manias e seus adoraveis defeitos — se envez da fria, **glomorous,** inatingivel creatura dos sonhos dos agentes de publicidade..."

Irving conta a firmissima convicção que tem Norma de que um marido nunca deve jogar o **bridge** com a esposa.

— "Ella nunca viola este proposito e como resultado, nunca tivemos uma discussão — pelo menos na presença de extranhos!"

**Norma, Fredic March e Charles Laughton, durante a filmagem de 'The Barrets of Wimpole Street". Ao lado, Irving Thalberg, protector de Norma Shearer, desde os tempos da Universal...**

A força de vontade de Norma, casada a sua coragem e deçura, foram as primeiras boas impressões que ella causou a Mr. Thalberg. A primeira entrevista entre ambos, continha os elementos capitaes de um film de successo: comedia, **hokum** e sentimento.

Thalberg era **manager** de producção na Universal quando pela primeira vez admirou o adoravel rosto de Norma Shearer, na versão de **The Miracle Man** chamada **The Stealers.** Immediatamente elle preparou um contracto, tentando prender a encantadora artista á companhia que trabalhava. Os chefões do studio, porém, nada de notavel viram em Norma e não se interessaram. Irving tentou então a attenção de Hal Roach, mas tambem sem resultado. Finalmente, quando Louis B. Mayer e Robert Rubin formaram a Louis B. Mayer Prodct., Thalberg suggeriu-lhes a sua protegida e sua idéa foi acceita.

Até ahi Irving e Norma nunca se tinham encontrado. Ella andava em New York e elle muito occupado em Hollywood. Salvo as tres cartas que lhe escrevera com as propostas, elles jamais tinham tido algum contacto.

— "Logo que chegou a Hollywood" continua sorrindo Irving". "Norma veiu directamente ao meu escriptorio. Nunca esquecerei a nossa entrevista nesse dia! Creio que era muito joven nesta epoca pois Miss Shearer tomou-me então por um empregadinho de escriptorio. E só notou seu engano quando me viu sentado á sua frente, na minha secretaria! No mesmo instante ella revelou a sua grande coragem, a sua decisão férrea que nunca deixou de me assombrar, seja como marido, amigo ou productor.

"Mr. Thalberg — disse-me ella desdenhosamente — minha carreira na téla não depende deste studio. Já recebi tres offertas de outros studios em Hollywood."

"Pequena corajosa!" commenta Thalberg lembrando esta scena. "Ella tinha sómente representado dois papeis de **leading woman** e alguns poucos **bits,** mas não queria ser tratada como uma inferior!

Desatei numa gargalhada e respondi tão solemne quanto me foi possivel: "Sei que a senhorita teve tres offertas. Fui eu quem as fiz, todas tres!"

Mas senso de humor foi cousa que Norma sempre teve. Ella assignou um contracto a 150 "dollars" por samana e nenhuma artista, nenhu-

**(Termina no fim do numero)**.

OS mais recentes elencos em Londres: Clive Brook e Madeleine Carroll em "The Dictator". Jeannette Mac Donald em "Madame du Barry". Benita Hume e John Loder em "18 Minutes" que Monty Banks dirige, com Richard Bennett, Gregory Ratoff e a russa Kathryn Sergava, que esteve em Hollywood com a Metro e First National.

Marie Glory em "The Milky Way", de Savoir, com Cedric Hardwicke.

Merle Oberon e Leslie Howard em "Pimpinela Escarlate".

Madeleine Carroll em "Anna Karenina" com Conrad Veidt.

Evelyn Laye em "Evensong" com Fritz Kortner e Conchita Supervia.

Joyce Kirby e Jane Cornell em "My Old Dutch" com Hay Plumb.

Florence Desmond em "Gay Love" com Sophie Tucker e Ivan Mc Laren.

Nina Mc Kinney e o "Imperador Jones" Paul Robeson em "Saunders of the River".

John Loder e Dorothy Thyson em "Sing as we go".

Dorothy Bouchier e Bruce Lister em "To Be a lady".

John Loder e Victoria Hopper em "Lorna Doone", (já filmado em Hollywood, nos tempos silenciosos).

Joyce Kirby, em "Are You a Mason?" com Sonnie Hale.

Charles Farrell e Diana Napier em "Falling in love", com Margot Grahane e Sally Stewart.

Wendy Barrie em "Susie in the Bath" com Zelma O'Neal e Gene Gerrard.

Joyce Kirby, Diana Cotton e Gina Malo em "A Song for you".

Alice O'Day e Donald Calthrop em "The Phantom Light" com Binnie Hale.

Betty Compton e John Garrick em "Too Many Millions".

Edna Best e Pierre Fresnay em "The Man Who Knew, Too Much" com Peter Lorre (o "vampiro de Dusseldorf") e Diana Collon.

—:o:—

As ultimas estréas contêm uma lista de films de valor, motivos para os commentarios e as criticas mais favoraveis, por parte dos chronistas londrinos.

Em primeiro logar, "Noblesse oblige" "Nell Gwyn"; nova versão.

Nesta reconstituição, baseada no diario de Samuel Pepys, onde o luxo casa-se á fidelidade historica, a já nossa predilecta Anna Neagle interpreta o papel que Dorothy Gish fez silencioso: Nell Gwyn, a bella e irrequieta favorita de Charles II.

Sir Cedric Hardwicke interpreta o monarcha inglez que ao morrer, declarou:

—" Não deixem a pobre Nell passar fome!"

Jeanne de Casalis, Helena Pichard e Miles Malleson completam o elenco deste film da British e Dominions, dirigido por Herbert Wilcox.

"Chu-Chin-Chow" é tambem uma nova versão. Lembram-se da silenciosa com Betty Blythe, tambem do cinema inglez?

E' um film magestoso, cheio de imaginação e melodias das mais encantadoras, esta phantasia sobre Alli-Babá.

Fritz Kortner é o personagem central e Anna May Wong é o mais delicioso enfeite exotico. Thelma Tuson e John Garrik são os outros personagens desta producção da Gaumont-British.

"No Escape" (British International) tem a direcção do nosso velho conhecido Ralph Ince, que aliás é um dos interpretes. Film de assumpto forte, agitado. Ian Hunter, Molly Lafont e esta interessantissima Binnie Barnes — que já deixou Londres, levada pela Universal.

Depois de "Symphonia Inacabada" o momento é dos films sobre Schubert e sua musica.

"Blossom Time" é a contribuição ingleza, sobre o assumpto. O grande cantor allemão Richard Tauber, interpreta Schubert. Dizem maravilhas deste film dirigido por Paul Stein. A encantadora Jane Baxter, Carl Esmond, Paul Graetz e a esplendida comica Athene Seyler completam o elenco.

"The Church Mouse", da First National Ingleza, é a celebre comedia de Ladislao Feodor, que já vimos no palco com Procopio. Monty Banks dirige e o elenco nos traz um nome que por si só vale o successo do Film: Laura la Plante! Jane Carr e Ian Hunter coadjuvam-na e como Laurinha deve estar esplendida no "rato de igreja"!

O interessante é que na ultima versão desta peça, feita em Hollywood, a interprete foi Marion Marsh. Pois esta lourinha que "Svengali" celebrisou tambem está em Londres e é a figura principal do film da B. I. P.: "Over the Garden Wall", com Bobby Howers e outros.

Merle Oberon uma das mas bellas (senão a mais bella) estrellas que valorisam as modernas producções inglezas, é a interprete do film musical: "The Broken Melody" (A. P. e D. Prod.) John Garrick, Margot Grahame e Austin Trevor são os outros.

"Oh that kiss!" traz a figura famosa de Jane Aubert que tantos successos alcançou nos palcos parisienses. O seu "leading man" nesta comedia ingleza é nada menos que o marido de outra loura famosa: Weldon Heyburn, a "cara-metade" de Greta Nissen...

"Give her a ring", comedia da B. I. P., "features" a Jane Seymour quero dizer, Wendy Barrie, Zelma O'Neal, Eric Rhodes e Clifford Mollison.

"Warn London" (British-Lion) o titulo o denuncia — film policial. O ali-

*Kathryn Sergava que esteve em Hollywood. Ao lado: Anna Neagle dentro do papel e... do chapéo de Nell Gwyn. Dizem que a favorita de Carlos II nunca usou outro estylo de chapéo em toda a sua carreira de actriz, na Inglaterra de 1670. Este "delicado" adorno tem apenas 7 metros de circumferencia...*

nhadissimo John Loder e a bonita Leonora Corbett são os interpretes.

"The Girl in the Flat" apresenta os trabalhos de Belle Chrystal, Stewart Rome e Vera Borgetti. "The Lash" da Radio-Film tem Peggy Blythe e John Mills. "The Secret of the Loch" tem Nancy O'Neil e Gibson Gowland. "How's Chances" tem Tamara Desni, Peggy Novak e Harold French. "Menace" da Sound-Film tem Victor Varconi e Joan Maude. "Intermezzo" da mesma fabrica apresenta muita musica e as "performances" de Belle Chrystal, Kenneth Kove e Irene Vanbruk. "The Last Lord" (da B. I. P.) comedia, com uma creação impagavel da artista allemã: Dolly Haas.

E por ultimo — mas como diriam os inglezes, the last but not the least" — o drama "On Secret Service" com o nosso "béguin" Greta Nissen, acompanhada por Don Alvarado e Carl Dihel.

—:o:—

King Vidor está em Londres onde dirigirá um film para Alexander Korda e depois talvez vá a Russia, dirigir outro para Samuel Goldwyn.

E ahi vão as mais recentes importações de "Hollywood": Evelyn Laye, Ian Hunter, Elsa Lanchester, (aquella esposa de Henrique VIII que escapou illesa, com o divorcio...) Ian Mc Laren, Clifford Jones e Gina Malo...

—:o:—

Rosy Barsony depois de uma longa estação no palco londrino com a peça "Ball at the Savoy", voltou ao continente onde já fez para a Ufa a comedia "O amor deve ser comprehendido".

Agora está no seu paiz natal, a Hungria, figurando nas versões allemã e hungara da producção da Hunnia-Film: "Minden jó, ha a veje rossz" dirigida por Gaal Bela e com a interpretação de Szoke Szakall.

# ropa

(ESPECIAL PARA *CINEARTE*)

—:o:—

*Italia*. As mais recentes estréas:

"Il Canale degli Angeli" primeira producção da Venezia-Film. Tem sido notavel o seu successo e este film representará a Italia na Exposição Cinematographica de Veneza. Interpretes: Maurizio d'Ancora, Aldo Rinaldi, Alba Ariani e Nina Simonetti, dous bonitos typos de mulher.

"No sono celosa" comedia com a bellissima Marcela Albani que admiramos em muitos films da Ufa, e Luiz Almirante.

"Amiamoci Cosi", direção do veterano Genaro Righelli com Mauricio D'Ancora e Sandra Ravel — que vimos no film americano "As 3 Francezinhas".

Futuras estréas nos cinemas italianos:

"Staddio" que Campogalliani dirige para a G. V. F. de Roma.

"Staddio", uma das maiores producções do cinema italiano moderno, é a synthese da nova concepção da vida que o fascismo infunde na mente e no coração da nova geração italiana. E' um hymno a juventude enthusiasta, confiante na sua propria força, prompta para o sacrifico.

A S. A. I. C. annuncia "L'albergo della felicitá". E' uma comedia dirigida por Sampieri com musica do maestro Bucceri. O grande actor sciliano Pandolfini, Isa Pola, a bellissima Diana Lante e Fulvia Gertini são os interpretes.

Maria Jacobini resurgirá em *Paraninfo* da Caesar-Film, com Angelo Musco, Maria era tão bonita, antigamente...

Guido Brigone dirige para a S. A. Produzione Film, a grande pellicula historica "Teresa Canfalonieri". Será filmada nos locaes historicos e terá musica de Rossini. Interpretes Luigi Cimara e Marta Abba, a inspiradora de Pirandelo...

Mario Camerini vae filmar "O Tricorne", popular romance de Alarcon.

"L'ultimo, dei Bergerac" está sendo feito por Righelli com a actriz italo tedesca, Kate Meyer, Mario Steni, Maria Celli, Livio Pavanelli e (imaginem!) Italia Almirante Manzini!... Que surpresa deliciosa para os "fans" da antiga Venus italiana, que aliás o Brasil conhece pessoalmente.

A Umbria-Film realisa "Santa Rita de Cassia" com Giulia Tess, Bruna Dragoni, Nino Alfieri e Ivo Nunzio.

Mino Doro, um dos mais procurados galãs italianos, é o principal em "Sparvieri dei Sud", filmado na Africa, pela Colonial.

Simonelli realiza "Una settimana di Paradiso" em 4 versões. Mauricio D'Ancora, Nino Monaco e Lina Bacci são os artistas.

"Campo di Maggio", um grande film historico, está sendo feito em Turim por Forzano. Terá versões allemã, franceza, ingleza e italiana. Werner Krauss será o interprete da allemã. Na italiana: Corrado Racca interpretará Napoleão e Enzio Billiotti em outro papel importante.

S. S. o Papa depois de ter assistido a projecção do film, "O anno santo" expressou o seu desejo de que, no futuro todos os grandes acontecimentos religiosos sejam filmados.

O ministro da Marinha italiana, depois do successo mundial de "Armada Azul", vae financiar um grande film, onde entrarão as maiores unidades da esquadra italiana e as escolas de Liorna e Pola.

*Depois de dois annos de ausencia da tela, Douglas Fairbanks reapparece num film inglez onde encarna o legendario bohemio hespanhol do seculo XVI — D. Juan Tenorio, o eterno conquistador. Com Douglas estão algumas da ex-esposas do Henrique VIII — Laughton: Binnie Barnes, Elsa Lanchester e Merle Oberon. Esta é a inspiração do momento romantico, ahi ao lado. Douglas, já está pela casa dos 50, mas em "Private Life of D. Juan" ainda vae ensinar aos "Tarzan-Weismuller" alguns "trucs" inéditos sobre acrobacias e saltos de arvores. E será, sem duvida, um "D. Juan" melor do que John Barrymore...*

*Uma scena do film italiano "Stadio".*

*Diante Lante, da tela italiana.*

*Liuba Hermanova e Lida Baarová, do "screen" Tcheco-Slovaco.*

*Rose Barsony uma das hungaras da Ufa e, talvez a mais bonita de todas...*

*Joyce Kirby. Ao lado: scena do film russo "Groza"...*

*Tcheco-Slovaquia*. Producções recentissimas, prestes a serem apresentadas: "Solange", film da Ufa com Lida Baarová e Antonia Nedosinska.

"Music des Herzens" da A. B. — Beda Film, Stefan Hoza e Bedrinska Seidlová.

"Cacorka" da Kamera-Kyson-Film. Drama ... Lida Baarová, Liuba Hermanová ... nka Valeská e Josef Prikoda.

Anny Ondra, a adoravel estrellinha allemã, vae fazer um film em Praga. Chama-se "Polenblut" com a direcção de Karl Lamac.

"Kapitan Korboran" da Elekta-Film, com Jirina Stepniková.

"Soldatenleben ein leben" da Elekta-Film, com Blanka Waleská.

"Am Heilingen Berg", da Sepha-Film, é uma opereta com Zdena Baldova, Jirina Steinarová e Vladislaw Pesek.

"Auf Rosen Gebellet" da Lloyd-Film, opereta dirigida por Karl Lamac com Lida Baarová.

"Eine frau, was mill" da Meiknes-Film em versão allemã e tchéca com Trude Groklincht.

"Grand Hotel Nevada" da Ufa com Lida Baarová e Carl Vostal.

"Versuchung der Frau Antonie" da A. B. Produktionen com Ella Nollová.

"In Freuden Revier" da Terra-Film, em versão allemã e tchéca; Marketa Krausová para ambas.

O film americano continúa, quasi na sua totalidade, banido das telas da Tcheco-Slovaquia.

(*Termina no fim do numero*)

# Ellas querem HERBERT MARSHALL!

NUNCA se viu uma coisa assim.

Por que?

Ha uma infinidade de "leading men", no cinema, muito mais bellos do que Herbert Marshall, muito mais conhecidos do publico.

Por que motivo, então, Norma Shearer o preferiu a todos, para o seu primeiro film importante, depois de uma ausencia de anno e meio de Hollywood?

Por que insistiu Constance Bennett em tel-o a seu lado, em "The Green Hat", sua primeira producção sob o novo contracto com a M.G.M.?

Por que o pede Gloria Swanson para "Three Weeks"?

Por que? Por que? Oh! Por que?

Olhando-se para o rosto de Herbert Marshall, não se lhe descobre nenhum dos predicados, que geralmente se attribuem ao typo de galã, convencionalmente chamado de "romantico" pelo publico de cinema.

Olhos, que não são negros, nem magneticos; nenhuma arrogancia de maneiras, nenhum gesto de "mocinho"...

Mas Norma Shearer, viu um film de Claudette Colbert, em que entrava Marshall, e deu a sua opinião a respeito dos attractivos que encontrou no actor:

— Marshall encantou-me! Nunca vi uma mulher ser "amada" de modo tão convincente! Marshall é masculo e, ao mesmo tempo, carinhoso. Conquista logo a sympathia das mulheres, porque tem no rosto uma expressão de ternura e de intimo soffrimento!

Eis o segredo do prestigio de Marshall e por isso as "estrellas" mais bellas rezam todas as noites para que o céu lhes envie o artista, ao menos para uma pellicula...

Norma diz mais o seguinte a respeito dos caracteristicos, que distinguem Marshall de muitos galãs:

— O encanto de Marshall é nelle uma coisa muito natural. Não apparece só em determinadas occasiões. O artista possue tambem a rara faculdade de nos fazer sentir que elle proprio não se leva muito a serio!

E em que consiste o encanto de Marshall?

— Na sua cortez e galante attitude diante das mulheres, sejam ellas "estrellas", secretarias, ou cozinheiras...

Norma, porém, não considera Marshall um actor versatil.

Reparando na estranheza do jornalista, a actriz apressa-se em explicar o verdadeiro sentido das suas palavras:

— Marshall não me parece actor versatil, porque seria incapaz de convencer o publico de que não é um "gentleman"!

E Norma tem razão. Os "fans", provavelmente, jámais verão Marshall num papel de "gangster". Não faz mal, desde o momento que o vejamos sempre como "gentleman". Ha tantos para interpretar "gangsters"!

Edmund Goulding, director e autor de "Quando uma mulher ama" explica o prestigio de Herbert doutro modo.

— E' a voz. Marshall tem a voz mais bella do cinema.

E a opinião de Claudette Colbert, a "mulher amada de modo tão convincente", no dizer de Norma Shearer?

— Marshall sabe transmittir a propria sinceridade aos artistas que contrascenam com elle. Tamanha é a realidade que imprime ás scenas, que, no film em que trabalhei a seu lado, me cheguei a esquecer muitas vezes de que estava apenas a "representar". Tudo me

Lembram-se de Herbert no Film "A Carta", de Jane Engels? Em baixo: Herbert quando trabalhava no cinema inglez

parecia verdadeiro e real.

"Mas o encanto de Marshall, fóra da téla, é ainda maior. Conservou toda a gente em excellente disposição de espirito, durante a accidentada viagem que fizemos, em "Mulheres e homens". A sua admiravel serenidade, nas mais difficeis circumstancias, a sua calma imperturbavel, a discreção e displicencia, são qualidades que Marshall põe sempre victoriosamente á prova, nos momentos delicados. No meu entender, as mulheres adivinham nelle, logo á primeira vista, esses predicados e dahi a fascinação que Marshall exerce.

Claudette fala com conhecimento de causa. E' de todas as "estrellas" a que melhor poude conhecer o "verdadeiro" Herbert Marshall.

Herbert tem no olhar uma certa expressão masculina, que não escapa a nenhuma mulher. Em vez, porém, de invadir logo o "terreno", como outros homens do typo "dominador" Herbert senta-se e contenta-se em sorrir. Póde dar a impressão de distrahido e inaccessivel, mas não ha uma só mulher, na mesma sala, que não esteja com o sentido nelle!

Herbert é duma polidez que se póde chamar "fria", mas que agrada sempre, embora se perceba de inicio, que o artista trata toda a gente da mesma maneira. Herbert é desses que sabem guardar nomes de memoria. Dias depois de apresentado ás pessoas, em rodas grandes, cumprimenta-as pelo nome, coisa que espanta em Hollywood, mas que elle acha muito natural. E' do seu feitio.

Marshall não é conquistador nem "gigolô". E' simplesmente um homem culto, educado, e um cavalheiro por instincto.

Ha uma palavra, que o define, melhor do que todas as outras do diccionario: Gentil!

Um director disse, certa occasião, que a presença de Marshall sempre lhe infundia uma especie de constrangimento, mas contrangimento em que não havia a menor sombra de hostilidade. Apenas uma certa tristeza, em que tambem não entrava a inveja. Conversando com o actor, o homem arrependia-se de não haver posto naquelle dia uma gravata de mais gosto e de não ter feito a barba com outro cuidado. Envergonhava-se, ainda, do seu "argot" de Hollywood...

E' o mesmo sentimento que experimentam as mulheres, quando vêem, no theatro, uma bailarina de excepcional graciosidade, exemplo duma perfeição inattingivel para ellas...

Marshall criou um padrão novo entre os "leading men".

Convenceu muitas mulheres de que deve ser uma maravilha possuir o amor dum "gentleman".

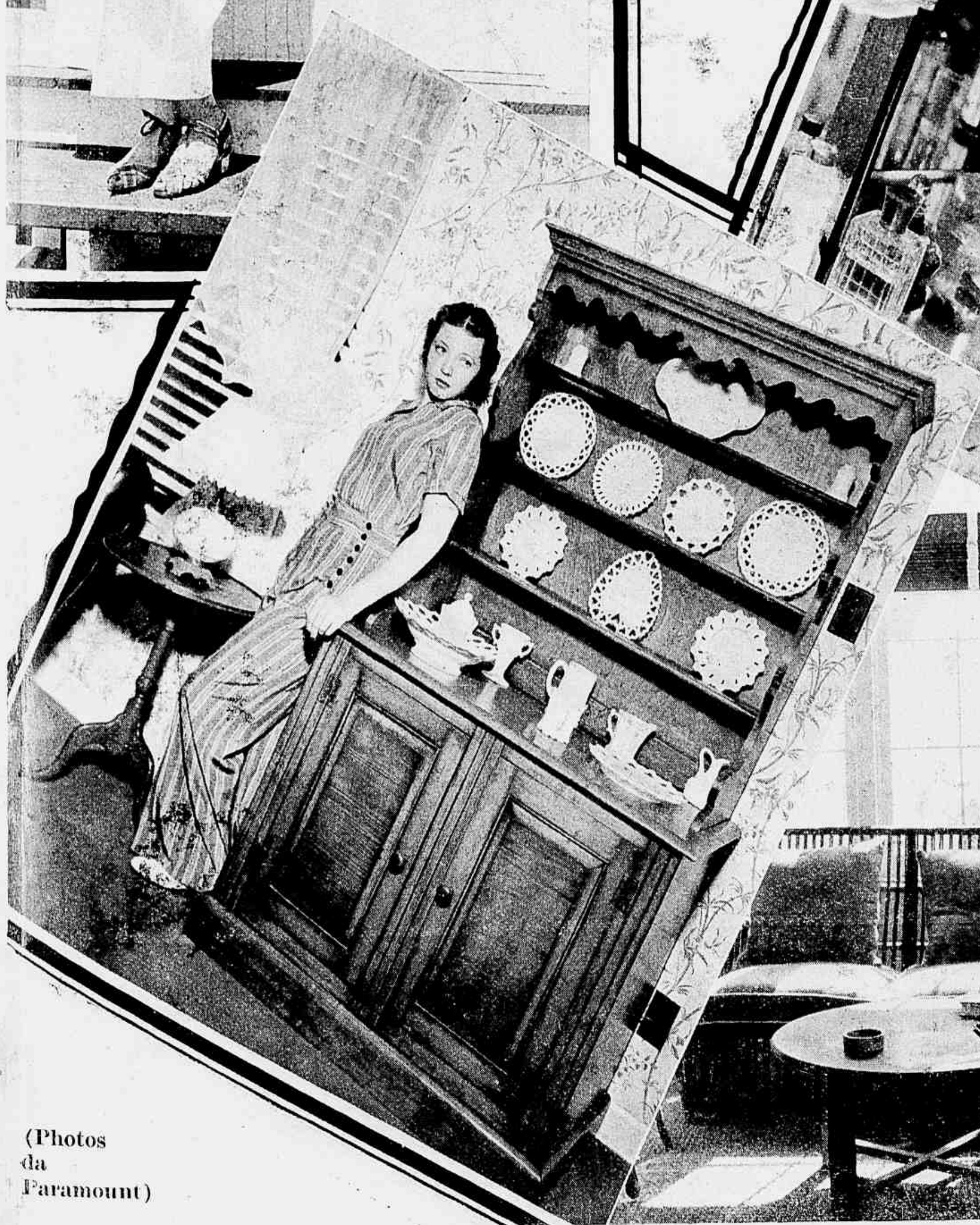
Depois de vulgaridade de processos amorosos dos galãs das ultimas temporadas, as mulheres acolheram Herbert com um suspiro de allivio. Num simples olhar, o artista diz mais que todos os outros, com os seus exaggeros e brutalidades.

Herbert é "sophisticate", mas, nelle, a "sophistication" não consiste nessa cynica e deslavada attitude que o cinema de quando em quando nos mostra. E' a propria "finura", a experiencia do homem do mundo, que aprendeu a ver a vida com as lentes da ironia e dum scepticismo elegante, que não offende.

Gable tem brilho e uma crueldade latente. Montgomery é "leve" e alegre, o companheiro

**(Termina no fim do numero)**.

SYLVIA SIDNEY

A sua casa de campo...

(Photos da Paramount)

DOLORES
R.K.O.-RADIO

E S P I A  1 3

# A TELA EM REVISTA

**UMA SOMBRA QUE PASSA** (Death Takes a Holliday) – Paramount – Producção de 1934 (Odeon).

Um assumpto novo, de origem theatral, encerrando philosophia e observações muito interessantes. Algo de novo e artistico porque arte não é apenas o que possue a realidade das cousas... — a Morte vêm fazer um passeio pela terra, encarnando forma humana, para saber porque todos a temem, concedendo umas férias a sua foice sinistra e para melhor observar tudo, vive as mesmas paixões que os demais mortaes...

E' um thema novo explorado com discreção, fugindo com muita habilidade ao ridiculo, e que empresta ao film um aspecto muito artistico e bizarro. Impressiona e faz pensar ao mesmo tempo e os ambientes tambem são novos e differentes.

Fredric March está no seu elemento, naquelle principe italiano, tão desejado, ironicamente... E' um dos seus melhores trabalhos Evelyn Venable, lindissima, tem tambem uma das suas mais sinceras interpretações. E o film ainda tem a belleza de Katharine Alexander e essa creatura encantadora que é Gail Patrick.

Kent Taylor e Sir Guy Standing, completam o elenco.

Mitchell Leisen, soube aproveitar bem o assumpto. **Uma sombra que passa** é mais uma credencial que elle junta á **Filha de Maria**. Aliás, o film nos mostra novamente reunidos, Evelyn Venable, Kent Taylor, Gail Patrick e Sir Guy Standing...

Não percam. Vale á pena ser admirado.

Cotação: — MUITO BOM.

**TRES AMORES** — (Sadie Mc Kee) — M.G.M. — Producção de 1934 (Palacio Theatro).

E' uma grande emoção para nós, ver um artista vencendo, dominando a hostilidade da materia, submettendo á sua vontade o seu meio de expressão e transmittindo ao mundo a sua mensagem. Beethoven padecendo para possuir a technica correspondente as criações do seu genio, Picasso sempre em busca de uma forma nova e Prouts com a sua enorme paciencia... Contra o artista cinematographico, quero dizer o criador, o director do film, outros obstaculos estranhos, completamente estranhos ás difficuldades da producção cinematographica se levantam: o publico e a bilheteria ameaçam constantemente o cineasta. Quando apesar de todas essas influencias parasitarias o film ainda resulta uma boa producção, póde-se falar em triumpho, em victoria e em exito.

E' esse o caso de "Tres Amores" — direcção de Clarence Brown.

Clarence, como tantos outros grandes directores de Hollywood, jámais conseguiu empregar todas as suas possibilidades. Teve sempre que ceder a alguem ou a alguma coisa...

A historia de Vina Delmar embora não offereça originalidades e soffra de numerosos logares communs deu a John Mechan opportunidade de uma adaptação cinematographica simples e capaz de deixar vasto campo para o genio directorial de Clarence Brown.

De facto analysando bem não passa de mais uma narrativa da Cinderella que foge com o namorado para a grande cidade e lá passa por todas as contingencias e dissabores de uma pequena bonita, abandonada pelo homem amado e atirada no turbilhão de uma grande metropole.

E' commum. Vulgar mesmo. E ainda com a desvantagem de um final convencional como o da volta de Joan Crawford aos braços de Franchot Tone. Aliás, ainda ahi Clarence venceu — elle comprehendeu o cacoête do scenario e preferiu suggerir sómente essa volta.

E' uma historia commum. Mas Clarence conta-a a sua maneira. Em imagens limpidas e expressivas. Cortando quadros admiraveis de photogenia, como aquelle primeiro plano de Joan Crawford, na sala de jantar, numa cadeira de espaldar, entre duas velas esguias. Usando a verdadeira linguagem do cinema e applicando a musica como complemento insubstituivel como nas sequencias da casa de commodos e do theatro em que canta Gene Raymond. Com symbolos de uma simplicidade admiravel, como aquelle da morte de Gene, no hospital: a neve que cahe e que o vento agita em turbilhão.

Com bonitas passagens de tempo em que fica subentendido um mundo de acontecimentos. Com reticencias. E com comedia tirada de factos grotescos e humanos — como as sequencias em que Edmund Arnold se embriaga.

Clarence é um cineasta. A descripção dos estados de alma das suas personagens e o estudo dos seus caracteres revelam nelle um grande e profundo conhecedor da natureza humana. Os seus typos são dissecados com maestria incomparavel e lançados diante do **fan** com todos os seus defeitos e qualidades a mostra. Sem esquecer os mais reconditos sentimentos.

A dramaticidade dos seus films é natural. Não tem **hokum**. Não precisa explorar o sentimentalismo barato. Romance elle o sabe imprimir como poucos. As suas sequencias amorosas são perfeitas, reaes.

Clarence Brown, póde-se dizer, não soffreu com o advento da voz. Elle continua o mesmo manipulador de imagens dos tempos silenciosos.

Joan Crawford manejada por elle pouco tem a fazer. O seu trabalho é mesmo pequeno. O que já não se dá com os tres homens que a amam no film. Edward Arnold é o melhor de todos. Odioso. Vinte milhões. Alcool, alcool, alcool da manhã á noite. Edward conduzido por Clarence tem aqui um trabalho maravilhoso, real e sincero. E tambem encarrega-se de grande parte da comedia. Franchot Tone é um excellente bacharel. Secco como um bom advogado de millionario. Gene Raymond faz o homem, amado por Joan. Esther Ralston perfeita, lembra os seus antigos papeis na Universal. Jean Dixon e Zelma Sears têm optimas caracterizações comicas.

Vão ver o film. Não o percam. Tem drama, Comedia. Cinema. E Joan Crawford...

Cotação: — MUITO BOM.

**VENCIDO PELA LEI** (Manhattan Melodrama) — M.G.M. — Producção de 1934 (Palacio Theatro).

Historia afflictiva da amisade de dois homens de condições sociaes diametralmente oppostas e um final melodramatico e impressionante como os que mais o sejam.

E' uma coincidencia audaciosa um homem ter que mandar o seu melhor amigo, seu irmão de criação, a quem elle estima com toda a sinceridade de que é capaz, para a cadeira electrica.

Mas W. S. Van Dyke conhece imagens e sabe usar a **camera**. Vocês acceitarão tudo assim mesmo como está. Não ha notas dissonantes no conjuncto de sequencias. Não ha um só episodio que arranhe a logica e o bom senso. E quando as luzes falham significando que Clark Gable está electrocutado você tem pena de William Powell e comprehende o seu estado de alma.

Van Dyke vae descrevendo tudo com cinema. Leva a historia e os caracteres. Com vigor. Realismo. Sem agua com assucar. Sem sentimentalismo roceiro. Tem alguns logares communs. Mas elle os faz de uma maneira nova e o **climax** vem naturalmente, sem choque. Como consequencia logica de causas muito bem expostas.

A amisade de Clark e William está descripta com mão de mestre. A devoção do primeiro pelo segundo e a integridade moral deste são sinceras, humanas. Não são acentuadas para causar determinados effeitos como nos scenarios do typo **standardisado**. Myrna Loy interfere apenas para cimentar essa amisade e mostrar outros aspectos dos caracteres de ambos. Leo Carrilo é outro elemento que tem a sua significação no scenario. Nat Pendleton e Muriel Evans tambem. Sómente alguns episodios comicos rapidos e opportunos entram como elemento de equilibrio.

O naufragio do prologo está bem feito. Mostra os dois homens ainda meninos, com o espirito em formação. A execução tem cinema de verdade. E a renuncia de William Powell tem intensidade dramatica raramente attingida.

Os dialogos são numerosos, mas não contam nada. As imagens fazem quasi tudo.

William Powell e Clark Gable têm os melhores trabalhos de suas carreiras. Difficilmente conseguirão fazer coisa melhor. William está a vontade. E' o advogado de talento, o orador brilhante, o politico de escol e o magistrado impoluto. Clark é o opposto. O "gangster, o

SCENA DE "VENCIDO PELA LEI"

jogador, o conquistador cynico e petulante. Van Dyke conhece o segredo da escolha de typos.

Myrna Loy enche com a sua belleza as imagens em que figura. Muriel Evans, Nat Pendleton, Leo Carrilo, George Sidney e outros completam o excellente elenco escolhido por W. S. Van Dyke.

Não percam.

Cotação: — MUITO BOM.

IMPERATRIZ GALANTE (Scarlet Empress) — Paramount — Producção de 1934 (Odeon).

Josef Von Sternberg anda no mau caminho. Alguma coisa de mal está acontecendo com elle. Precisa mudar de rumo.

Antigamente elle pegava um scenario e não se limitava a dirigir. Modificava. Cortava. Augmentava. Trocava. E sahia um film digno de um verdadeiro cineasta.

Agora parece que anda transtornado. Procura fazer direcção dentro de pedaços do film isoladamente. O seu trabalho não tem mais harmonia. Os seus films no todo não têm homogeneidade. E para espanto dos **fans** cahe no ridiculo de não esquecer as pernas de Marlene por nada deste mundo. Nem na côrte de **Catharine, a Grande**...

Não vou dividir aqui o film para analysal-o. Não interessa aos **fans** de Josef saber que a historia foi escripta por um escriptor qualquer, que a extrahiu de varias fontes, inclusive de um diario da propria **Catharine.** Nem que um tal Manuel Korniroff escreveu o scenario. Josef é responsavel por tudo.

A sua obra, como director é formidavel, superior. Mas falhou completamente como cineasta que tem de compor tudo: narrativa, caracteres, movimentação, angulos, atmosphera, typos, ambientes, verdade historica, tudo emfim.

Marlene é uma **Catharine** abobalhada, pouco intelligente, que de uma hora para outra se revela francamente do amor, da gandaia.

**Catharine** era uma mulher intelligente, fina e ambiciosa. Não era uma Mae West. Josef compoz um caracter falso.

A narrativa é feita aos pedaços. São trechos de cinema isolados por grandes explicações historicas.

Os outros typos são bons, mas apparecem como figuras sem importancia, que não merecem o trabalho de um ligeiro estudo psychologico siquer. Com execepção de **Elizabeth,** vivida por Louise Dresser.

A verdade historica falha varias vezes. Só a apresentação feita do governo de **Elizabeth,** mostrado em rapidas fusões como um turbilhão de barbaridades, torturas e perseguições recommendam Josef como um mau alumno de historia. Deslises assim nem são notados quando a deturpação augmenta o valor do film.

A interpretação do elenco, com excepção de Marlene Dietrich, é magnifica. Como representação cinematographica não se póde desejar muito melhor. Natural e photogenica. Mas não tem profundidade.

A atmosphera é real. Os ambientes de uma riqueza de detalhes de estontear. As montagens são grandiosas, transpiram opulencia, riqueza, verdade. Entretanto Josef abusou das decorações com velas, dos sinos e das cavalhadas. E' uma barulheira infernal. A sequencia do casamento chega a confundir de tantos detalhes da cerimonia e do ambiente. Josef faria melhor se usasse menos velas e sinos e mais drama e caracterisação.

A musica é bonita. A photographia maravilhosa. Angulos magnificos. Pouca movimentação de massas. Marlene Dietrich tem um trabalho soffrivel. Mas está linda! Cada "close-up" é uma maravilha de arte. Louise Dresser lhe é bem superior. John Lodge quasi não é visto — os cabellos o atrapalham. Olive Tell figura. Ruthelma Stevens é um optimo typo. Lembra uma ave de mau agouro. Sam Jaffe no **czar** maluco não vae mal. Mas parece muito com o Harpo Marx...

Maria, a filhinha da "estrella", estréa no cinema, fazendo, com muita graça o papel de Catharine, na infancia.

Josef von Sternberg precisa esquecer as pernas de Marlene e fazer films como fazia, antigamente.

Cotação: — MUITO BOM.

TODA TUA (All of Me) — Paramount — Producção de 1934 (Pathé Palacio).

Quando Hollywood pega um bom assumpto e o entrega a um scenarista de valor e a um director de verdade, ou então, a um cineasta os **fans** podem regosijar-se antecipadamente pela producção de um grande film. Mas tambem quando a cidade do cinema consegue um assumpto assim e o encaminha aos directores e scenaristas especialisados em films de linha os **fans** pódem contar na certa com mais um film, que, se constitue bom divertimento, tem por outro lado o grave defeito de os deixar sonhando em como seria entregue a outras cabeças.

"Toda Tua" está precisamente no segundo caso. Não desagrada. Pelo contrario. Diverte. E' um esplendido passatempo. Apresenta um thema de valor. Um caracter de mulher dos mais raros nesta epoca de preconceitos e reação.

Miriam Hopkins não da valor ao casamento. E' uma criatura livre. Deseja amar com todo o ardor da liberdade. Não quer enterrar-se num logarejo qualquer só porque vae casar.

Vive numa inquietação desesperadora, constante. Hesitante. Mas aos poucos vae comprehendendo o amor, graças a um caso amoroso pungente e tragico, que se lhe depara. E acaba entregando-se ao homem amado.

James Flood dirigiu o scenario que lhe entregaram, o conjuncto de scenas que um mau scenarista visualisou, com a maior indifferença deste mundo, confiante apenas no valor do elenco. Resultado — fez mais um desses films "brancos", com a victoria do bem sobre o mal, da virtude sobre o peccado, com um final de illação moral forçada, ou por outra, com um final feliz.

Miriam Hopkins e Fredric March esplendidos ambos dentro das possibilidades da direcção. Os dois melhores typos do film, George Raft e Helen Mack, que vivem um caso amoroso verdadeiramente dramatico, servem apenas para forçar o final feliz. Nella Walker e William Collier Senior tomam parte.

Em resumo — um conflicto entre homem e mulher, a fé que um casal de infelizes deposita na vida, e na maternidade. Interessante, mas não satisfaz.

Cotação: — BOM.

A ESPIÃ 13 (Operator 13) — M. G. M. — Producção de 1934 — (Palacio Theatro).

Um complicado caso de espionagem em pleno periodo da guerra civil que ameaçou scindir os Estados Unidos em meiados do seculo passado.

Film de costumes. Mais musical do que historico. Enredo fraco. Montado sumptuosamente. Photographado admiravelmente. O fundo de guerra civil tratado com intelligencia. As figuras e os acontecimentos historicos apresentados com aquelle carinho e aquelle respeito que os americanos sabem ter quando rememoram o seu passado.

Richard Boleslavsky dirigiu. E' um homem incomprehensivel esse Boleslavsky. A's vezes compõe em imagens. A's vezes entrega-se de corpo e alma aos elementos estranhos ao cinema. A sua noção de photogenia é muito elementar. E depois cuida mais da parte anecdotica. Despresa quasi que por completo os caracteres dos scenarios que lhe entregam.

"A Espiã 13" é apenas uma descripção vulgar de um caso de espionagem, num fundo historico rico em detalhes e sumptuoso. Descripção enfeitada com o talento e a personalidade extraordinaria de Marion Davies e passagens melodramaticas de grande intensidade.

Marion Davies faz a heroina com a graça que lhe é peculiar. Marion continua a ser uma das figuras mas photogenicas do cinema. Os seus "close-ups" são como os de Greta Garbo e Joan Crawford — pedaços de cinema. Neste film ella apparece disfarçada em mulata em quasi metade do film. Está simplesmente maravilhosa.

Gary Cooper faz um official enamorado sem vigor. Gary precisa de que lhe entreguem coisas melhores. Jean Parker vive o episodio mais dramatico do film com a sympathia e o encanto de que é capaz. Katherine Alexander é outra espiã. Sidney Toler, Ted Healy e Walter Long estão entre as boas qualidades do film. Os irmãos Mills cantam **songs.**

Pódem ver. O conjunto é bom. Agrada de facto. O episodio do baile e o bombardeio que se segue, Marion Davies e Jean Parker encarregam-se de salvar o film para você. Vão ver a volta de Marion Davies aos films historicos!

Cotação: — BOM.

ALTA RODA (Upper World) — Warners — Producção de 1934 (Odeon).

Mais uma esposa rica e vaidosa, cheia de ambições sociaes, arrasta o marido millionario para o lado das coristas cavadouras de ouro. Felizmente para os **fans** Ginger Rogers não é uma cavadora embora corista. E o seu romance com Warren William é o trecho mais sincero e real do film.

A gente sente saudades della quando a vê morta e o film continuar com os outros todos gosando saude.

O assumpto sem sido bastante explorado. Convencional. Mas Roy Del Ruth conseguiu fazer um bom filmzinho, agradavel, cheio de episodios interessantes e ajudado por um excellente elenco.

Comtudo não deixa de mostrar uma sequencia de tribunal. E' o caso de se offerecer um premio ao studio que não apresentar um tribunal durante um anno...

Mary Astor é a esposa. Está mais bonita e elegante, felizmente J. Carrol Naish é um excellente typo de patife. Andy Devine é o allivio comico. O garoto Dickie Moore e Sidney Toler figuram.

Cotação: — BOM.

NEVOA DO MYSTERIO (Fog Over Frisco) — Frist National — Producção de 1934 — (Imperio).

Um interessante caso pathologico varias vezes focalizado pelo cinema servindo de méro pretexto de um melodrama. com todos os requisitos — investigações policiaes, factos sem explicação plausivel, um crime mysterioso, perseguições furiosas, reportagens sensacionaes e um romance leve.

Bette Davis é a pequena rica que procura aventuras excitantes entre os patifes de S. Francisco da California. A sua belleza exquisita cedo desapparece. Ella morre mais ou menos no meio do film. O romance, sem attractivos, é vivido por Donald Woods e pela linda Margaret Lindsay. Hugh Herbert encarrega-se de fazer rir num impagavel photographo de jornal. Arthur Byron, Alan Hale, Lyle Talbot, Robert Barrat e Gordon Westcott completam o elenco.

William Dieterle compoz um melodrama excitante.

Cotação: — BOM.

A NOVA AURORA (Lazy River) — M.G.M. — Producção de 1934 — (Palacio Theatro).

Um authentico **plot** á moda dos bons tempos em que a imagem dominava serena, hypnotica. Tem todos os elementos para um film sentimental e melodramatico. Uma heroina ingenua, deliciosamente ingenua. Uma propriedade hypothecada.

Uma aldeia pobre de pescadores de camarão. Gente boa. Typos humanos. Poeiras de humanidade. Um heroe mal intencionado que se regenera pelo amor. Romance. Interrupção brutal. Uma esposa imprevista. Aventuras sensacionaes num navio de clandestinos. Final agradavel. **Sets** lindos compostos por Cedric Gibons. Photographia admiravel. Quadros maravilhosos. Comedia. E um pouco de cinema.

George B. Seitz, entretanto, que não é um mau director, fez apenas um bom film de linha. Com Henry King ou King Vidor teriamos um grande film embora o assumpto não se saliente pela originalidade. George agiu como lhe foi possivel. E fez muito.

Robert Young tem um bello desempenho. Aquelle seu sorrisozinho perenne. quasi cynico cedeu logar a um ar mais sincero proprio a um heroe romantico e apaixonado. Jean Parker é uma criaturinha adoravel em papeis como o que tem aqui. Essa pequena ainda vae dar que falar no cinema. E' uma artista de valor e material de cinema de primeira qualidade. Não imita ninguem. Não é Janet Gaynor. E' Jean Parker. E será grande como Jean Parker sómente.

Nat Pendleton e Ted Healy coadjuvados de perto por Irene Franklin estabelecem o equilibrio necessario com bons episodios comicos. Ruth Channing serve de resistencia no caso romantico de Jean e Robert Raymond Hatton e George Lewis são dois typos interessantes no conjunto. Maude Eburne tambem.

Boa a sequencia da penitenciaria com a tentativa de fuga. Lindos os idyllios. A festa está filmada de uma maneira agradavel. A luta de Nat e Ted para salvar Robert impressiona e está feita só com imagens. Um bom filmzinho.

Será visto com agrado por qualquer **fan.**

Cotação: — BOM.

MELODIA DA PRIMAVERA (Melody in Spring) — Paramount — Producção de 1934 — (Pathé Palacio).

Algumas revistas e jornaes dos Estados Unidos consideraram este film como um dos melhores do mez em que foi estreado. Sem razão. "Melodias da Primavera" nada tem que justifique elogios francos e enthusiasticos. E' apenas uma comedia musical, que diverte com algumas bôas piadas de Charles Ruggles e Mary Boland, bonitas canções de Lanny Ross, bellos **sets,** musica excellente, uma atmosphera pouco explorada e uma historia que pelo menos não gira em torno dos bastidores de theatros de revista.

Lanny Ross, figura das mais acatadas entre os **fans** de radio norte-americanos faz a sua estréa.

E' um bello rapaz. Não é lá muito photogenico, mas tem voz, que é o que interessa no genero. Entretanto o film não lhe dá opportunidades para apparecer como devia. O interesse todo está centralisado em Charles Ruggles e Mary Boland. Só de quando em vez surge uma sequencia romantica em que os idillios de Lanny e Ann Sothern cedem logo todas as honras a absurdos só vistos em revistas cinematographicas, como **songs** sem opportunidade e formações dansantes e cantantes como a da penitenciaria suissa.

Bonita a canção dos camponezes. Estupenda a escalada da montanha pelo irresistivel Charles. Optimas piadas as dos roubos de preciosidades.

A atmosphera suissa não prisma pela verdade. Mas como ambiente cinematographico satisfaz.

Helen Lynd, Wade Boteler e as irmãs Gale — Jane, Joan e June — figuram. Norman Mc Leod dirigiu.

Cotação: BOM.

AVE DE RAPINA — (Cette Vieille Canaille) — Cidar — Producção de 1933 — Imperio.

Scena do film "TODA TUA"

Um assumpto admiravel capaz de se transformar numa obra-prima de cinema nas mãos de um Lubitsch. Extrahido da peça de Fernand Nozière, "Cette Vieille Canaille", alta comedia finissima, cheia de malicia e enriquecida com um admiravel estudo de psychologia feminina e um caracter exquesito de velho caprichoso, rico e intelligente nas mãos de Anatole Litvak passou a ser motivo de um film de linha, sem cinema, sem reticencias, sem valor, agradavel apenas, pelo que se adivinha atraz das scenas sem significação cinematographica e dos typos theatraes dos seus interpretes.

Harry Baur é um velho sem photogenia. Estará muito bem num palco. Na téla não forma imagens capazes de tocar a sensibilidade dos **fans.** Alice Field não é feia. Mas não tem a belleza e a graça que a heroina requer. Pierre Blauchar é a unica figura do elenco que pertence ao cinema. Mas o director não fez nada por elle.

Cotação: REGULAR

CANTO CHORADO — (Sing and Like It) — R. K. O. — Radio — Producção de 1934 — Broadway.

Uma comedia com numerosas piadas nos dialogos (tambem abundantes), com Zasu Pitts feita estrella da Broadway, a cara de Ned Sparks, o estupendo Edward Everett Horton, a linda Pert Kelton, pouca comedia em imagens e quasi nada de cinema.

Só se salvam os gestos e as caretas de Zasu e um ou outro episodio. Um dos melhores é a estréa da nova estrella com os criticos sob a pressão de um grupo de **gangsters.** Outro episodio divertido é o da apresentação de Pert Kelton a Zasu Pitts. O restante faz sorrir apenas e assim mesmo quando entram em scena Edward Everet Horton, Ned Sparks e Nat Pendleton.

E' pena lançarem elementos comicos tão bons numa comedia fraca. Custa a acreditar, mas quem dirigiu esta peça de theatro-filmado foi o nosso bom William Seiter, director experimentado no genero.

Cotação: REGULAR

A CHAVE — (The Key) — Warners — Producção de 1934 — Rex.

A rebellião irlandeza de 1920 forneceu o fundo para este film. Quanto a atmosphera pouco deixa a desejar. O ambiente de rebeldia popular tambem contenta. Mas o **plot** é dos mais fraquinhos e vulgares. Combina revolução, trabalhos policiaes, e um caso amoroso já muito explorado e apresentado de uma maneira que não recommenda a imaginação de quem o idealizou. Sómente uma ou outra sequencia, isoladamente, consegue emocionar de leve.

William Powell é uma figura de grande responsabilidade dentro do cinema.

Não deve prestar-se a papeis da marca do que tem aqui principalmente sob a direcção mediocre de um Michael Curtiz, que já devia estar fóra de Hollywood ha muito tempo. Bill fardado nem sabe andar... E' um desastre. Colin Clive tem um bom trabalho. Os outros são Edna Best, Maxine Doyle, Donald Crisp, Gertrude Shorte Dawn O' Day.

Cotação: REGULAR.

A HYENA DA QUINTA AVENIDA — (Double Door) — Paramount — Producção de 1934 (Gloria).

Historia mysteriosa, com um final previsto com facilidade, principalmente por quem tem visto tantas historias deste genero. Mas os apreciadores do genero gostarão e talvez fiquem de cabellos levantados, mesmo...

Mary Morris, do theatro, é a terrivel **hyena**... Sir Guy Standing, Kent Taylor e a adoravel Evelyn Venable, os inesqueciveis interpretes de **Filha de Maria,** apparecem mais uma vez juntos.

Cotação: REGULAR.

# Uma Noite

(STAMBOUL QUEST)

FILM DA M. G. M.

*Anne Marie . . . . . . . . . Myrna Loy*
*Beall . . . . . . . . . . . . George Brent*
*Von Sturm . . . . . . . . . Lionel Atwill*
*Ali Bey . . . . . . . . . C. Henry Gordon*
*Karl . . . . . . . . . . Rudolph Amendt*
*Amil . . . . . . . . . . . . Micha Auer.*

*Director — SAM WOOD*

NUM sanatorio num valle da Suissa, está Anne Marie Lesser, uma bellissima mulher com o espirito comballido.

Na sua loucura calma, ella espera a volta do seu apaixonado, o qual ella acredita ser morto. Durante a guerra européa, Anne Marie era conhecida como a "Fraulein Doktor", ou seja a "Senhorita Doktor", a temivel espiã allemã.

Certa vez, affastando-se do sanatorio, ella avista um rapaz que pela estrada vêm se approximando do hospital.

Ella crê vêr nelle o seu apaixonado Beall, que volta para o seu lado...

Ansiosa e contente, Anne Marie debruça-se á beira de um lago para endireitar o cabello. E, do fundo do lago, emerge todo o seu passado!

Uma mulher em trajes sordidos e vestida em farrapos, é presa na fronteira allemã como sendo uma espiã disfarçada. Ella recusa-se a falar e é levada á presença de Sturm, o chefe do serviço secreto allemão.

O estado maior dos officiaes está discutindo um meio de obter segredo de guerra, atravéz o estado maior turco nos Dardanellos.

A mulher prisioneira não fala á ninguem mas a sagacidade de Sturm a identifica como sendo a "Fraulein Doktor".

Sturm confia, então, á sua poderosa alliada que quer mandar o espião Krüger para espionar Ali-Bey, o chefe do estado maior dos turcos.

"Fraulein Doktor" não concorda. Num dentista ella arma uma cilada a Krüger e denuncia a Sturm a verdadeira identidade delle — um espião dos inglezes!

Douglas Beall, um medico americano, por accaso no dentista como um paciente, é tambem preso sob suspeita.

Anne Marie acha uma graça enorme no caso e consegue soltar o rapaz. Anne Marie até aqui, apparecendo ao americano disfarçada como uma velha, surge a mulher encantadora que é e atrahe a attenção de Beall, no cabaret.

Por meio de uma farça, ella chama a sua attenção e obriga-o a brigar com os cavalheiros que a acompanham. Depois, simulando fadiga, acompanha o americano até o appartamento delle.

Beall fica loucamente apaixonado pela estranha creatura.

No dia seguinte, "Fraulein Doktor" vêm a saber que "Mata Hari", outra espiã famosa é chamada a Berlim.

E' porque "Mata Hari" apaixonou-se por um homem e isto é fatal para as espiãs.

Anne Marie é designada para forçar a volta de "Mata Hari" á Paris e ahi fal-a cahir numa cilada, e denuncia a celebre dansarina ás autoridades francezas, como trahidora.

Anne Marie, disfarçada como agente ingleza, acompanhada de Franz, um creado, parte para Stamboul.

Beall segue-a e ella não consegue livrar-

se delle. Ella bem sabe qual é o destino das espiãs que se apaixonam... Mas Beall a persegue e Anne Marie não resiste mais ao seu apaixonado perseguidor.

Na fronteira, ella despede Franz e colloca Beall no logar do espião...

Em Stamboul, a celebre espiã entra em contacto com Ali-Bey (C. Henry Gordon, aquelle "Monsieur Dubois" que perseguiu a *Mata Hari Garbo*...)

Para explicar a Beall, suas mysteriosas sahidas (elle não sabe quem é a sua amada), ella lhe diz que seu tio, um offial allemão do exercito turco, quer obrigal-a a casar com um homem em Berlim e ella está procurando dissuadil-o disso. Mas Beall fica mais do que perplexo quando Ali-Bey telephona para o appartamento de Anne Marie...

Elle segue Ali-Bey e Anne Marie a um café de Stamboul. Mas é expulso do local por agentes secretos do turco.

Num reservado especial, "Fraulein Doktor" convence a Ali-Bey que é "K-6" espiã ingleza.

—:o:—

Nesta noite, Beall accusa Anne Marie e ella confessa ser uma espiã. Elle implora que ella abandone a Turquia e a ignobil profissão, mas Anne Marie recusa. Ella diz-lhe que só abandonará o posto quando tiver completado a sua missão.

E Beall depois de uma scena violenta, abandona-a.

Temendo perdel-o e nunca mais vel-o, Anne Marie ordena a sua prisão.

Neste interim, Sturm chega a Stamboul.

Nesta occasião, um espião francez foi preso. Anne Marie pede a Sturm que o fuzile, pois assim convencerá a Ali-Bey que quem morreu foi Beall.

# em Stamboul

Depois, Anne Marie vae a Ali-Bey e implora-lhe que salve Beall. Se elle a attender, ella promette comprar tolos os segredos militares para os inglezes. "Ali" ordena a execução de Beall, sem saber que quem morre é o francez.

Mas depois Anne Marie é informada de que Beall tambem foi passado pelas armas...

—:o:—

Annos mais tarde, Beall acha-a demente no sanatorio suisso... Elle não morrera. E como resultado da união dos dois apaixonados, o medico expressa suas esperanças pela cura da doente.

Steffi Duna, aquella artista interessantissima que conhecemos no "Homem dos dois mundos", será a causa das brigas de Victor Mc Laglen e Edmund Lowe em "Man Lock", da Fox. Raoul Walsh dirigirá mais uma vez os rivaes.

# Idolos do passado

( F I M )

impagavel. Elle é como uma especie de attracção para o seu negocio. Acceita as ordens dos garçons ou das garçonettes — e quando ouve um barulho de pratos que se quebram — elle murmura phrases que o Baby Le Roy ainda não teve ensejo de aprender... E faz pantomimas. Tambem não é de admirar. Hank estudou na escola de Carlito e, ainda ha bem pouco, em *Luzes da Cidade*, elle foi aquelle boxeur impagavel!

Hank não deixou o Cinema completamente. De vez em quando, apparece, com aquelle ar espantado ou cara de somno... Mas, se vocês vierem um dia a Hollywood, hão de vel-o cobrando as notas ou recebendo os freguezes com ar amavel e... comico ao mesmo tempo!

E Francis Ford — ainda não abandonou a carreira que lhe rendeu milhares e milhares de dollares. Trabalha sempre, ou na Universal, onde o velho e bondoso Laemmle não se esquece dos que com elle trabalharam pelo levantamento do seu Studio, ou na Fox, onde, apoiado no prestigio de seu irmão, John Ford, consegue sempre emprego.

Ha dias, o vi num film da Fox, creio que — "Expresso do Oriente" — e elle surgia trajando o uniforme de um official. E aquella simples scena me recordou a sua figura em *A Moeda Quebrada?*

Lembram-se de Leo White? Que sempre estava nas velhissimas comedias de Carlito? Pois, Leo nunca abandonou o cinema, mesmo depois de mais de vinte annos, ainda surge de vez em quando em papeis.

Recentemente, a Warner Bros. o pôz sob contracto. Deve ter sido uma alegria immensa para Leo White. Um contracto, elle não o abiscoitava ha muitos e muitos annos. Leo White — lembro-me delle, por signal que numa comedia de Bryant Washburn, onde elle fumava mais de dez maços de cigarros... e esperava do lado de fóra de uma casa, com suspeitas que sua mulher lhe era infiel... Recordam-se desse detalhe

Creio mesmo que foi em *Ciumes Demonstram Amor* — mas não sei se devo confiar em demasia na minha memoria.

Outros tiveram destino mais tragico — Emmett Flynn, que dirigiu obras de valor para a Fox, hoje, anda em apuros com a policia. Certa vez, foi preso por estar dirigindo um carro em estado que era um perigo para a vida dos que atravessam as ruas... Foi preso e, estando sob fiança, abandonou a cidade. Isso é offensa grave e elle, em Florida, quando se casava, novamente, teve ordem de prisão e voltou a California para cumprir a sentença de alguns mezes.

Será que seus antigos amigos o ajudarão? Será que elle voltará, algum dia, ao seu antigo prestigio?...

Irving Cummings está dirigindo para a Fox — e esse antigo idolo, cujo papel em *Revelação*, ao lado da sempre lembrada Alla Nazimova, é um trabalho que se não pode esquecer — não apparece mais como actor.

Earl Foxe não apparece mais — que faz elle, perguntam sous admiradores? Earl possue um collegio para meninos, e nelle muitos dos filhos dos astros e directores recebem educação militar. E' a Black-Foxe Military School de Hollywood.

Vocês recordam as figurinhas garotas de Jane e Katherine Lee? Lembram-se de suas comedias para a Fox? Ellas eram esplendidas — hoje, já moças, Jane e Katherine voltaram ao Studio da Fox, mas não serão vistas pelo publico.

Jane é double para Janet Gaynor e Katherine o faz para Ginger Rogers, no film "Seu primeiro amor", que o Pathé Palacio acaba de exhibir.

Talvez que, muito breve, possam deixar a posição obscura de *stand-in* para trabalhar, realmente, em frente a camera, como dantes.

E, nesta ligeira chronica, quiz trazer para a memoria dos leitores de CINEARTE, a lembrança de nomes e de figuras famosas do passado. — Elles, mesmo em *bits*, entre a multidão de *extras*, eu bem o sei, serão procurados pelos olhos avidos e curiosos de seus antigos *fans*...



# A Norma Shearer que eu amo

( F I M )

ma mulher que conheço, creio, trabalhou tanto quanto Norma Shearer. Dentro de tres annos ella estava ganhando 750 dollares semanaes!

Durante estes tres annos e meio, desde que Norma entrou no escriptorio de Thalberg, nunca houve um leve pensamento sequer, de romance entre elles. Ambos estavam interessados demais em suas respectivas carreiras para cuidarem um do outro. Suas vidas eram todas dedicadas ao trabalho. Por fim chegou uma época de triumphos e portanto de férias, descanso mental. Foi ahi que o silencioso e reticente Irving começou a encarar sua adoravel estrella como uma creatura humana. Um dia, vencendo a sua timidez caracteristica, elle tomou a coragem de convidal-a para um passeio. E foi dahi em deante que começou a saber o quanto lutara ella pela sua carreira.

— "Você não faz idéa de sua luta! Norma não é a heroina de uma maravilhosa aventura ou de uma historia de Gata Borralheira, como muitos julgam. Ella sempre teve de lutar por cada degrau de sua carreira. Ella sabe o que é tentar seis mezes por uma opportunidade e depois não conseguir o papel desejado. Ella já provou o que é dormir num quarto barato e compartilhar do banheiro com um grande numero de companheiras. O que é cozinhar sobre o gaz e lutar por um emprego onde 10 pequenas são desejadas e são 100 as candidatas.

Norma já provou o gosto amargo do fracasso e não ha triumpho que a faça esquecer aquelle terrivel momento em que, David W. Griffith lhe disse que voltasse para casa e nunca mais pensasse em cinema ou representação.

Nrma chegou mesmo a conhecer longos periodos de escassa alimentação e ás vezes fome. Mas vencidas taes experiencias, ella nada mais temeu e manteve a sua linda cabeça sempre erguida!

Durante os peores dias ella nunca appareceu sem o seu *make-up*, sem as suas melhores *toilettes*. E fizesse o tempo que fizesse — nunca usou galochas! Isto é typico de Norma e de sua explendida fé em si mesma — fé esta que foi mais do que justificada.

Ella teve tambem a coragem, "continúa Thalberg", de encarar a sua carreira sem o menor egoismo. Quando a doença me tornou inutil, depois de um abatimento nervoso, Norma sem hesitar, tudo abandonou por mim e mesmo um film em confecção. O maior e mais ousado manejo de uma estrella, o terrivel medo de estar afastada do cinema por algum tempo — tudo ella afastou pela minha salvação.

Por quasi dois annos manteve-se longe do studio, viajando pelo extrangeiro em minha companhia e dedicando todo o tempo a ajudar-me a recuperar a saude. Deante de tal sacrificio proprio, sinto-me humilde.

E' preciso lembrar que como productor, Irving Thalberg tem tido raras opportunidades para cenhecer Norma, como poucos homens conhecem suas esposas. Sua difficil posição como estrella na companhia dirigida pelo marido, ella tem mantido com consummada intelligencia e elegancia.

— "Estou certo", diz elle, que todos aquelles que nos conhecessem, confirmarão sem hesitar que Norma nunca usou sua posição como minha esposa, para conseguir seus fins dentro do studio. Ella vive a me causar surpresas, resolvendo por si só, sem a minha influencia, todos os casos e difficuldades de studio e de sua carreira.

Norma tem um profundo conhecimento do lado technico dos films. E tem tambem uma sinceridade e uma perfeita comprehensão de seu trabalho. Ella diz, com justiça, quando uma *perfomance* sua é má ou é notavel.

Corajosa como é, ella nunca temeu a experiencia. Quando o typo de heroina assucarada começou a cançar o publico, foi Norma a primeira que teve a coragem de quebrar a barreira e as convenções, incarnando, typos *sophisticated*, papeis sempre antes considerados pesados demais para artistas jovens como ella.

Verdade seja dita, ella enfrentou verdadeira batalha contra todos os cabeças do studio, inclusive eu mesmo, para executar sua idéa. Foi quando quiz interpretar *A Divorciada*. Até Ursula, sua creada, disse "Oh Miss Shearer, a senhora não vae representar um papel destes. E' uma mulher que não presta!..."

Mas Norma imaginou sua campanha com cuidado e intelligencia. Primeiro comprou o mais fascinante e luxuoso *negligée* que pôde achar em Hollywood. Depois, usando esta seductora roupagem, photographou-se em attitudes requeridas pelo papel.

Lembro-me do excitamento infantil de Norma, á espera das provas photographicas. O resultado foi mais um triumpho para ella! O studio inteiro ficou convencido!

Thalberg diz com grande e justificado orgulho que Norma tem tanta confiança nelle como marido, quanto como productor. A final selecção de todos os seus papeis, Norma lhe confia.

Dentro de seu ponto de vista de productor, Thalberg define sua esposa como intelligente, graciosa, simples, sincera e jámais rude ou imperiosa. Como marido, elle acha a tarefa mais difficil e declara que não encontra palavras precisas para tal.

— "Norma é uma esposa moderna", diz elle, finalmente. "Ella adapta-se a todas as phases de uma vida variadissima. E' capaz de deixar uma alegre festa no salão e ir acalentar o filho, no quarto ao lado. Nada é capaz de forçal-a a abandonar o seu trabalho, salvo se esse *nada* fôr seu marido ou seu filho! Ella irradia vitalidade. Seu finissimo espirito irradia intelligencia e *sophistication*. Seu coração mantem os pungentes e ordorosos sonhos da juventude!

Nunca, por um instante siquer, o sopro do escandalo maculou-a! No turbilhão de Hollywood, Norma é uma legitima dama e eu tenho orgulho em ser seu marido!"



## Ellas querem Herbert Marshall

( F I M )

ideal para duas semanas na Riviera. John Barrymore lembra um fauno phantastico que, em vão, se persegue.

E Marshall é uma Rocha de Gibraltar. Ha nelle uma estranha mistura de sentimento, constancia e solidez, que fala ao coração das mulheres. Herbert dá a impressão de não dizer senão coisas acertadas e sempre sinceras.

Depois da exhibição de "Quando uma mulher ama", Herbert foi proclamado, entre o elemento feminino, como o actor de cinema que mais se aproxima do typo do "marido ideal". E, comtudo, o papel de Herbert, em ultima analyse, não era dos mais sympathicos.

O actor interpretava um individuo ciumento, sempre desconfiado do procedimento duma mulher que se portava lealmente com elle. Não havia, talvez, na platéa uma só filha de Eva que não houvesse passado, na sua vida, pela mesma coisa, mas nenhuma se sentia irritada com o typo interpretado por Marshall no drama.

E' que a mulher, a dizer verdade, prefere os homens assim, embora affirme calorosamente o contrario. O homem ciumento acaba por ser dominado pela mulher e, na sua eterna desconfiança, não tem tempo de procurar aventuras fóra de casa...

Eis como uma jovem muito frivola descreve Marshall:

— Marshall é desses que garantem sempre á mulher pão, feijão, "paté de foie gras" e casa para morar, provavelmente em Beverly Hills... Marshall, se tiver um caso sentimental, não dirá palavra nem mesmo aos amigos mais intimos...

O que prova, mais uma vez, que as mulheres frivolas não são indifferentes ás virtudes solidas.

A dama em apreço diz mais que Herbert deve ser o pae ideal. Paciente, tolerante, entendendo bem as creanças.

Se um homem pode dar ideia de todos estes predicados, através das suas interpretações cinematographicas, que impressão não produzirá no espirito das lindas actizes que lidam com elle diante da objectiva? Será de admirar que todas ellas o disputem para galã?



## O plano quinquenal de Jean

( F I M )

E' natural que Hollywood, que Jean não poupa, se vingue della, espalhando historias divertidas a seu respeito. Diz-se, por exemplo, que, ao entrar para o cinema, Jean passou uma hora ou mais diante dum espelho, na secção de "make-up", a gritar para si propria: "Eu sou bonita! Eu sou mesmo bonita".

E' possivel. Talvez Jean soubesse que estava sendo espiada e fizesse aquillo de proposito, ou quizesse libertar-se de um dos seus pronunciados "complexos de inferioridade". Seja como for, as autoridades de Hollwood concordam em que Jean tem belleza photogenica de sobra.

Ha duas coisas que Jean declara sempre com toda a franqueza: a idade e o numero que calça. Vae fazer vinte e quatro annos em Fevereiro e calça n. 9!

Falando a respeito de "Shadygaff", o cão de Jean, uma amiga definiu-o bem, nas seguintes palavras:

— Shandygaff era um cachorro camarada. Brincava com todo o mundo. Agora, não. Ficou "sério". Bem se vê que pertence a Jean Muir...

# NO STUDIO DA METRO

( F I M )

O mesmo não se póde dizer de Alisson Skipworth. Ella não desperta paixões violentas... mas é sempre agradavel falar com essa "grande lady" do cinema. Ella me faz signal. Vou á sua mesa e pergunto-lhe o que estava fazendo ali, quando o seu logar é dentro do Studio da Paramount... Estou aqui para fazer um test. Sabe — vão fazer *David Copperfield* e estão considerando a mim para a parte de Pegotty. Este caracter do livro celebre de Dickens é um dos mais importantes. Ella me diz: "Não acho que me presto para esse papel. Gostaria de fazer o de Mrs. Micawber... Esse sim, é mais do meu genero".

Volto ao meu logar. Uma mesa grande, onde se sentam jornalistas e varios auxiliares do departamento de publicidade e, usualmente, artistas tambem.

Bem em frente a mim estava uma linda pequena. Recordo perfeitamente as linhas do seu rosto, mas o seu nome escorregava por entre as malhas da minha memoria.







Só, quando a creada lhe pergunta — *Miss Parker, que deseja?* é que me lembro de ter a Cecilia Parker por visinha de mesa.

Já é um prazer e uma honra, não acham? Cecilia estava de maquilagem e deveria, ainda naquella tarde, voltar a um "set", onde faziam varios "tests" de vestidos... E como estava contente? Imaginem que Boleslavsky a havia indicado para o papel de irmã de Greta no film *The Painted Veil*, o novo trabalho da grande Garbo!

Agora um rapaz muito moço vem juntar-se ao nosso grupo. Não pode ter mais de vinte annos e os seus olhos tem uma expressão extremamente romantica.

Não é um rapaz bonito, mas possue feições delicadas e um ar tão fino e tão espiritual que fico a indagar quem seria.

Informam-me então que elle é um jovem inglez. Fôra descoberto em Londres e trazido para Hollywood por David Selsnick, o productor associado á Metro que vae realizar *David Copperfield.*

Chama-se Peter Trent. Lembro-me que, em chronica anterior, eu havia informado aos leitores que Peter estava destinado a fazer o papel de David, quando menino. Enganei-me — ou melhor a informação que me haviam dado era falsa.

Peter Trent, tudo o indica, será David moço — pela época em que elle encontra Agnes. E, agora, olhando-o bem, eu ficava na duvida se não tinha mesmo deante de mim o David, jovem, inexperiente, espiritual que Dickens descreve em seu livro.

A Metro ainda não decidiu definitivamente se elle fará David — mas ha quasi certeza de que elle ganhará o papel, um dos mais importantes e um dos mais ambicionados deste momento.

Dizem que Peter Trent nunca trabalhou — nem no cinema nem no palco. Não tem experiencia alguma — e isso, no meu ver, é mais um predicado. Elle, assim, nas mãos do director, esse George Cukor, talentoso e intelligente, poderá vir a ser um grande nome ainda.

O elenco para David Copperfield, até agora, é o seguinte: Edna Mae Oliver (aliás a minha candidata) para o papel importantissimo de Tia Betsy, Lionel Barrymore para Dan Pegotty, Dan Cadwell (uma artista ingleza, para Mrs. Micawber. Este film requer uma centena de caracteres e todos elles serão prehenchidos por artistas de certo valor. Steerforth será Hugh Williams. A Metro mandou á Inglaterra, o productor, Selznick, Kukor, o director, o conhecido scenarista Stabrock. Elles visitaram os logares e os ambientes onde Dickens pôz varios dos seus typos e onde fez passar diversas scenas do seu livro. *David Copperfield* vae ser um film de grande valor e quem conhece a obra immortal do famoso Charles Dickens sabe como é linda, humana e verdadeira a historia tocante de David...


**Cinearte**

**Propriedade da S. A. O MALHO**

**FUNDADOR:**
**Dr. Mario Behring**

**DIRECTOR:**
**Adhemar Gonzaga**

**DIRECTOR-GERENTE**
**Antonio A. de Souza e Silva**

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registada, com valor declarado), deve ser dirigida á Travessa Ouvidor n° 34.

Telephones: Gerencia 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

Representante em Hollywood. GILBERTO SOUTO.

# GARBO X STEN

(FIM)

Na verdade, Anna é uma criatura fascinante, duma belleza moça e voluptuosa e com mil seducções de Eva. Representa, com effeito, uma acquisição de grande valor para Hollywood. O que, porém, se quer principalmente frisar é que Anna não é "igual" a Garbo. Só ha uma Garbo e nenhuma actriz até hoje conseguiu mostrar ao publico de Cinema aquella estranha e original personalidade, que distingue a sueca!

De tempos a tempos, surgem actrizes, que, para seu proprio desespero, se apontam como successoras da Garbo. A tactica é erronea e, por isso, quando Von Sternberg levou Marlene Dietrich para Hollywood, a gente da Paramount fez todo o possivel para evitar confrontos entre a nova deusa e a estrella da Metro, *tanto mais* que parecia existir uma certa base para a comparação. Os chefes da companhia entenderam que Marlene não precisava de emitar ninguem e que por si só reunia predicados sufficientes para se impor ao publico.

Tudo em vão. Espalhou-se logo a noticia de que chegara uma actriz, que se parecia muitissimo com a Garbo, que representava como a Garbo e que podia interpretar ás mil maravilhas o mesmo typo da Garbo! Quando se annunciou o film Marrocos, os "fans" estavam ansiosos por ver a "segunda Garbo". Viram uma radiante visão, que apenas fazia lembar a Garbo, pela delicada pureza das feições e por certos traços, uma visão, que de resto, em cada attitude do corpo, em cada movimento da cabeça, em cada cambiante da expressão, offerecia aos olhos e á alma verdadeiro prazer esthetico.

Se se quizer classificar Marlene, será preciso collocal-a como uma especie de meio termo entre a Garbo e a Sten. Ella possue a belleza ideal da primeira e, duma forma mais subtil, o irresistivel "sex-appeal" da segunda. Se houvesse alguem capaz de desbancar a Garbo, esse alguem seria incontestavelmente Marlene. O facto de Marlene não haver abalado o prestigio da Garbo, conquistando, no entanto, um lugar para si, é como que a consagração da individualidade das duas. Porque depressa se tornou evidente que a semelhança entre uma e outra era meramente superficial e que a essencia do encanto exercido por ambas differia tanto nas duas como o preto do branco. E' uma differença que se póde condensar nas seguintes palavras: os homens adoram igualmente Marlene e Garbo, mas só entendem a primeira!

Quanto á Hepburn, que tem sido apontada por alguns prophetas como successora da Garbo, está longe de se assemelhar á estrella sueca. Ella representa exclusivamente o espirito da éra moderna, com o seu vivo contraste de força e fraqueza. Ha na Hepburn o mesmo ar de independencia, a mesma intelligencia conductora e a mesma aversão á pieguice, que caracterizam a juventude de hoje. Ella está sempre mais á vontade nas scenas que não requerem expansões sentimentaes ou de ternura. Sabe identificar-se com as heroinas, que se singularizam pela sua coragem e intrepidez, mas chamada a exteriorizar as emoções suaves, representa contrafeita e já não é a mesma. Falta-lhe a graça e a experiencia feminina da Garbo.

Nada disso, porém, tem importancia, em vista da enorme popularidade da Hepburn, nos Estados Unidos, popularidade, que talvez, em ultima analyse, se baseie justamente no facto da semelhança, tão profunda entre ella e a sueca. A Garbo é o que é, e Hepburn, haja o que houver, será sempre uma jovem anglo-saxonia do seculo XX!

Quem, pela primeira vez, viu Dorothéa Wieck, em "Senhoritas de Uniforme", nunca mais esqueceu aquelle rosto angelical, aquella graciosidade de maneiras e aquella especie de força espiritual, que parece desprender-se de toda a pessoa da actriz. Houve quem pensasse em comparal-a á Garbo e talvez a presumpção não fosse de todo inadimissivel, mas, infelizmente, faltou a Dorothéa um braço protector que a guiasse nos primeiros passos, como succedeu com Anna Sten. Basta dizer que começou a trabalhar sem saber bem inglez e o resultado é que as suas interpretações ficaram muito aquem da memoravel Fraulein von Bernburg...

Demais, só lhe deram films para chorar e ser funebre. Dorothéa, na verdade, não se limitou a fazer só isso em "Filha de Maria" e "Duvida que tortura", mas não lhe foi possivel lutar contra a monotonia das historias.

Agora, diz-se que a interprete de "Senhoritas de Uniforme" já pensa em sahir de Hollywood. Se for verdade, é pena. Não vem ao caso que ella chegasse ou não a emparelhar com a Garbo. O que se lamenta é que a actriz que nos deu Fraulein von Bernburg, capaz ainda de fazer grandes coisas, se veja obrigada á retirar-se da arena por falta duma orientação segura.

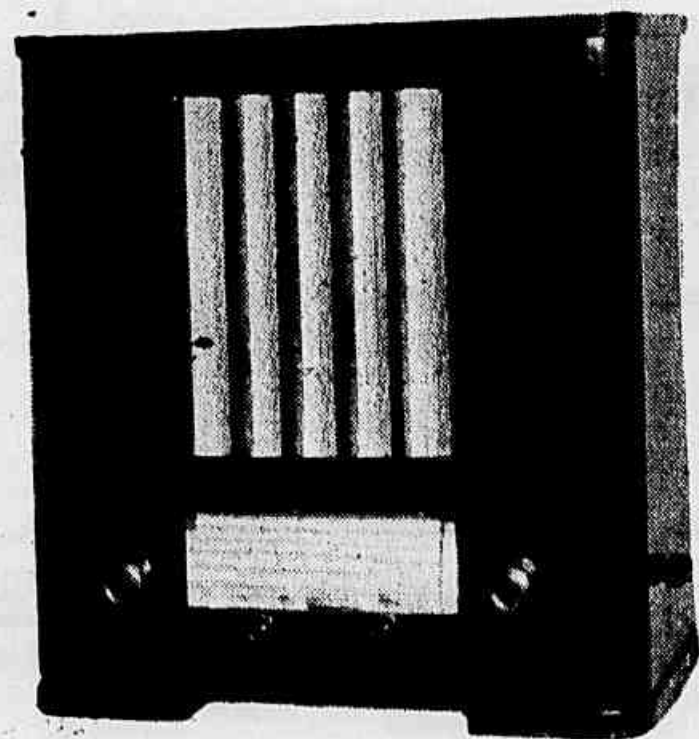
Ha outra ameaça allemã, que, banida da sua patria, se encontra presentemente nos palcos de Londres: Elizabeth Begner, estrella do film "Catharina, a Grande".

Ella não é bonita, nem mysteriosa, nem "glamorous", nem seductora, nem exotica. E' apenas uma actriz a quem se póde dar o merecido titulo de "grande".

Quando o publico a vê apparecer, pela primeira vez, em "Catharina, a Grande", não experimenta nenhum enthusiasmo. Um rosto sympathico, mas sem nada de interessante. Começam, porém, a deslisar as scenas e a platea, pouco a pouco, vae-se convencendo de que está assistindo ao desenrolar duma obra de arte e a uma interpretação magistral. Cada palavra e cada gesto, cada pausa e cada inflexão da voz, nada se perde, é tudo admiravel de exactidão e de realidade. O publico sente-se tocado duma admiração profunda e, quando se apaga a ultima scena, não póde esconder o seu agrado. Sahe do cinema inteiramente conquistado pela artista, que fez de Catharina uma figura tão humana e tão encantadora.

E, comtudo, Elizabeth Begner não é Garbo. Não tem o que a Garbo tem. Nem ella nem qualquer outra.

Em "Rainha Christina", o quadro final mostra a estrella sueca na prôa do barco que conduz para a Hespanha o corpo do amante morto. O navio approxima-se lentamente e a prôa torna-se cada vez maior. A face da Garbo apparece em ponto grande e ha nella uma expressão de dôr transcedente que faz lembrar os rostos que os poetas cantaram, o rosto de Helena, o rosto de Isolda, o rosto de Joanna d'Arc, os rostos de todas as beldades da lenda e de todos os sonhos que se perderam. O publico não contém a sua emoção.

Digamos, parodiando uma phrase historica: a rainha ainda vive, viva a rainha!

# PAT

( F I M )

Não é dessas que pensam uma coisa e dizem outra, ou que costumam dar ás palavras um duplo sentido.

O jornalista viu-a entrar no restaurante em companhia do marido. Ainda amado, não se mexeu do seu lugar.

— Ella, se quizer, que venha falar commigo, disse com os seus botões.

Pat, porém, deu com os olhos nelle e fez-lhe um signal. Em dois saltos, o homenzinho passou sete mesas e foi sentar-se ao lado do casal.

Charles Boyer é o que se chama um francez typico. Calmo, discreto, mas escondendo, sob esse aspecto tranquillo, uma grande energia e emotividade. Logo se percebe que está "tout hors de lui" por Pat.

Charles esperava, em silencio, pelo bife, tão demorado em apparecer como a popularidade de um artista entre o publico europeu.

— "Etes-vous faim"? inquiriu Pat.

— "Avez-vous faim, ma chère e não "etes-vous", corrigiu Charles, curvando-se para a esposa, como uma flor queimada pelo sol. Em francez, dizemos "ter fome" e não "ser faminto", como em inglez.

Pat emendou a phrase, dando-se ainda ao luxo de accrescentar, na lingua do marido, que não comia desde a vespera:

— "Je n'ai pas mangé depuis hier".

E depois:

— Parece que nem me sobra tempo para comer. Jogo tennis, nado, tomo lições de francez, leio. Como gosto de ler! Admiro Balzac. Quero ver se consigo lel-o no original.

Fez uma pausa, olhando para as mãos.

— Olhem! Pintei as unhas de vermelho. E' a primeira vez. Ficou bom?

Estendeu as mãos sobre a toalha. As unhas brilhavam como rubis liquidos, que lhe escorressem das pontas dos dedos.

— Não são, porém, estas coisas que me preoccupam.

O bife de Charles já chegara.

— O que quero é fazer successo na America.

Outra pausa. Pat circumvagava o olhar pelas paredes.

— Disseram-me que, depois de sete annos de estrella, mandam pintar o retrato do artista na parede.

Charles e o jornalista olharam e viram a imagem de Jeanet Gaynor.

O entrevistador apressou-se em dizer a Pat que, em 1941, a Fox mandaria pintar o retrato della no logar competente.

A actriz encarou-o com uma expressão de incredulidade e volt u ao café, enquanto Charles, tendo acabado o "filet mignon", sorria benignamente.

A entrevista estava terminada. Pat insistiu com o homem do jornal para que levasse uma folha de Londres, e que a visitasse para lhe dar a sua opinião sobre o seu segundo film americano. Depois, declarou-se encantada e pediu desculpas, em seu nome e no do marido.

Desculpas, porque? Ora essa!

# Europa

( F I M )

O governo só permittirá a exhibição de films americanos se as fabricas de Hollywood produzirem, um certo numero de films tchécos. E tal permuta não interessa aos magnatas de Hollywood...

---

SUECIA — Em Stokolmo estão preparando um film, sobre a vida de Greta Garbo. A casa em que nasceu a grande artista, o "magazin e a barbearia" em que trabalhou; o theatro onde ia assistir as peças favoritas e onde estreou; o Rosamundo Atelier onde fez seu primeiro film — tudo será filmado!

Victor Seastrom (lembram-se delle?) dirige para a A. B. Film: "Syonve Solbalken" em versões allemã, suéca, noruega e dinamarqueza.

Paul Axal Bramer dirige para a veterana Nordisk a sua segunda producção depois do resurgimento da antiga empreza. E' ella: "Unga Hjartan" (Corações jovens) e está sendo filmada em Copenhague.

---

A Rumania tambem está dando um signal de vida em materia cinematographica.

"Insula Serpilor" chama-se o novo film rumaico dirigido por Horia Igirosam.

Estão prestes a serem apresentados em Paris, duas modernas producções russas. "Noites de S. Petersburgo" do romance de Dostoyewsky com Dobuwarow e K. Tarassowa.

E "Groza" (A tempestade) — tambem com a Tarassowa e outros artistas do Theatro de Arte de Moscow — baseado numa peça de Ostrovsky.

São os primeiros films russos que mostram a mudança porque a industria está passando. Obedecem a um novo methodo: Os russos comprehendem que para alcançar o mercado é preciso modificar sua producção. Um film russo nunca seria aceito integralmente no mundo, se obedecesse unicamente a propaganda politica.

Affirmam que, estas duas modernas producções têm finalidade puramente artistica e de diversão. E não trazem o menor traco ou tendencia politica ou subversiva. Será verdade...?

# Chronica

( F I M )

envidar esforços para estabelecer o cinema educativo como meio basico para a solução do problema brasileiro. Sómente com a educação das massas, o Brasil se poderá manter e avançar ainda mais além do papel a que foi predestinado no concerto internacional do mundo civilizado.



# A louca mexicana

( F I M )

que não brincarmos mesmo? E' tão engraçado!

"Você sabe, *querrida*, eu affeiçoei-me a um homem por annos e annos...

(Teria sido illusão minha ou vi a tristeza reflectir-se no rosto endiabrado da levada Lupe?)

"Eu andei com *Garri* por tres annos e meio. Comecei a amal-o quando tinha sómente 18 annos e, você vê, andei tanto tempo com elle que acabei por me cançar e pedir férias..."

Digo-lhe que a comprehendo pois já passei por isso. Sympathia é uma qualidade que Lupe irradia com o maior encanto. Ella abraça-me e diz carinhosa:

— Não é curioso como depois de experimentarmos certas coisas na vida, comprehendemos como todos podem se sentir como uma vez nos sentimos? Sei o que você passou, *querrida*.

Mas eis que num minuto Lupe volta ao toucador e já esquece o assumpto. Torna-se gritona e barulhenta de novo. A incorrigivel e irrequieta Lupe corre de um lado para outro:

— "Não vejo, não quero ver não procurarei Johnny durante o dia todo! Acho que isto é o que está errado em muitos casamentos. Um homem fica cansado de muita domesticidade, de nunca ter liberdade e nunca poder andar com os amigos! Com Lupe não é assim...

O telephone toca de novo. Lupe continúa a falar e a praguejar em hespanhol. Tonta com tanta barulheira, eu attendo o apparelho. Do *set* querem saber quando Lupe irá.

— "Dez minutos, bemzinho, dez minutos!" grita ella.

Augmenta o barulho e o vae vem. Lupe corre de um lado para outro:

— Meu cestinho, meu vestido, meu pyjama, minha canção, meu raio que o parta..."

Começo a ficar cada vez mais tonta. E a bellissima e intelligente entrevista que planejava arrancar de Lupe? Levanto-me vencida e digo-lhe que acho melhor me ir.

— "*No, no, no querrida!* Fique um momento só, um *momentito*. No? Volta manhã, não é? Venha ao *set*, bemzinho. Jimmy está lá. E' um numero aquelle Jimmy. Qualquer dia lhe achato o nariz... Manuéla, "mi sombrero"!...

Estou quasi *knock-out*. Saio por fim, cambaleante e vou chocar minha pobre cabeça (cheia de Lupes e Velezes) com a cachóla de um velho que vem entrando. (Que horror! Seria o *executivo*...) Elle pergunta-me por Lupe. Respondo-lhe num grito:

"*No sê, bemzinho, pero creo* que está se vestindo, ali dentro. *Adios señor!*"

BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
O melhor presente para as creanças é um livro. Nos livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor.
VÔVÔ D'O TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
HISTORIAS DE PAE JOÃO
DE OSWALDO ORICO
PAPAE de JORACY CAMARGO
PANDARECO, PARACHOQUE E VIRALATA
DE MAX YANTOK
ZÉ MACACO E FAUSTINA
de ALFREDO STORNI
CHIQUINHO DO TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
NO MUNDO DOS BICHOS
de CARLOS MANHÃES
Comprae para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.
PEDIDOS EM VALE POSTAL OU CARTA REGISTRADA COM VALOR A
Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico
Trav. Ouvidor, 34
RIO DE JANEIRO
VÔVÔ D'O TICO TICO
BIBLIOTHECA INFANTIL
SERIE I
HISTORIAS DE PAE JOÃO
Papae
PANDARECO, PARACHOQUE e VIRALATA
Zé Macaco e Faustina
CHIQUINHO D'O TICO-TICO
NO MUNDO DOS BICHOS